

ISSN 2318-3446

RÓNAI

REVISTA DE ESTUDOS
CLÁSSICOS
E TRADUTÓRIOS



Edição
Especial
2021

Tradução Funcionalista:
múltiplas perspectivas

ufjf
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Expediente

Profa. Dra. Carol Martins da Rocha (UFJF)

Profa. Dra. Noemi Teles de Melo (UFJF)

Rónai - Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios

Edição especial: *Tradução Funcionalista: múltiplas perspectivas*

Editoras

Profa. Dra. Camila Teixeira Saldanha (UFSC)

Profa. Dra. Maria José Laiño (UFFS)

Profa. Dra. Noemi Teles de Melo (UFJF)

Avaliadores e avaliadoras

Profa. Dra. Ana Paula de Carvalho Demétrio (UFPR)

Profa. Dra. Camila Teixeira Saldanha (UFSC)

Prof. Dr. Fábio Nunes Assunção (UECE)

Profa. Dra. Flávia Azevedo (UTFPR)

Profa. Dra. Luiziane da Silva Rosa (IFSC)

Profa. Dra. Maria José Laiño (UFFS)

Profa. Dra. Mirella Nunes Giracca (UNIR)

Profa. Dra. Sandra Mazutti (AEROTD)

Profa. Dra. Sinara de Oliveira Branco (UFMG)

Assistente editorial

Isabella Barreto Veras

Tradução sob a ótica funcionalista: teoria e prática

Este dossiê reúne trabalhos ancorados à luz do funcionalismo alemão, e tem como propósito contribuir para a difusão desta perspectiva teórica tendo em vista que, no cenário brasileiro, é ainda incipiente o número de pesquisas acadêmicas desenvolvidas a partir desta ótica.

No âmbito dos Estudos da Tradução, o funcionalismo propõe uma ruptura da ideia de equivalência interlingual que predominava até meados da década de 70. Reiss e Vermeer (1996) com a teoria do *Skopos* afirmam que toda tradução tem uma função, e que o que determina o objetivo daquela é o destinatário do texto-alvo, isto é, o interlocutor que receberá o texto traduzido. Passa-se, assim, ao entendimento de que a tradução não se resume apenas a uma atividade de transposição linguística, e sim a um processo que envolve uma série de fatores extralinguísticos, como, por exemplo, o público-alvo e seu entorno sócio-histórico-cultural.

Segundo Reiss e Vermeer (1996), no processo de produção textual (seja oral ou escrita), a cultura é a estrutura mais profunda, visto que é o fator que determina, em última instância, como algo é dito ou escrito.

Na esteira dos pressupostos teóricos de Reiss e Vermeer, Christiane Nord colabora com a teoria funcionalista e endossa a definição de tradução como uma atividade de dimensão sócio histórico cultural, que reúne três características básicas:

- (i) a tradução é uma ação, ou seja, uma situação comunicativa inserida em um contexto de situação real, autêntico; (ii) todo texto (traduzido ou não), tem uma função; (iii) a função do texto só é realizada a partir do momento da recepção do texto pelo seu destinatário, o que significa que todo texto é predominantemente prospectivo, voltado ao leitor final, na língua de chegada (NORD *In*: POLCHLOPEK, ZIPSER, 2009, p. 64)

Dessa forma, para a autora, traduzir significa ir ao encontro de uma nova cultura, de novos leitores para, assim, estabelecer uma comunicação intercultural. A partir desta visão, Nord propõe um modelo de análise pré-tradutório que envolve elementos intra e extratextuais, a fim de oferecer ao tradutor informações linguísticas, contextuais, culturais, pragmáticas e semânticas. Desta maneira, o tradutor teria mais condições de proporcionar ao público destinatário um texto entendido como funcional.

À luz dessas premissas, apresentamos a seguir, de forma breve, os textos que compõem esta edição.

Li Ye, em seu manuscrito **“A perspectiva funcionalista da tradução na migração de marcas no contexto da China e do Brasil”**, apresenta ao leitor exemplos de tradução de marcas mundialmente conhecidas no âmbito das culturas chinesa e brasileira e, sob a ótica do funcionalismo, analisa as escolhas tradutórias das marcas e seu impacto nas culturas de chegada. As análises demonstram que as traduções que tiveram maior aceitação pelo público de chegada basearam-se nos princípios do funcionalismo, ou seja, no cumprimento do propósito da tradução, que é a captação de novos consumidores. Isso significa que houve uma preocupação em conhecer aspectos culturais e apresentar as marcas de maneira que o público-alvo se identificasse com o produto.

Mirella Giracca e Manuela Gomes Aragão, em seu artigo intitulado **“Projeto PIBIC (UNIR) em tradução: a categorização de culturemas da cidade de Porto Velho, RO”**, trazem um recorte de uma pesquisa realizada no âmbito de um projeto PIBIC que tem como principal objetivo proporcionar uma tradução do guia turístico de Porto Velho para a língua espanhola. As autoras tecem considerações pertinentes acerca da tradução de elementos culturais específicos - os chamados culturemas - que, segundo Nord (1997), por serem um fenômeno social de uma determinada cultura, muitas vezes não encontram correspondência em diferentes entornos culturais, o que pode gerar um grande desafio para o tradutor.

2

No ensaio intitulado **“Traduzir teoria da tradução em uma abordagem funcionalista: o caso das estratégias tradutórias de Memes da Tradução, de Andrew Chesterman”**, Monique Pfau, Simone Maria Evangelista Salles e Fernanda da Silva Góis Costa relatam uma experiência do grupo de pesquisa Textos Fundamentais em Tradução (UFBA), na qual traduziu-se a referida obra de Chesterman. As autoras trazem à baila questões como metatradução, isto é, um olhar crítico do tradutor à sua própria tarefa, e compartilham reflexões advindas de suas escolhas tradutórias, apoiando-se teoricamente no funcionalismo alemão.

Larissa Gonçalves Medeiros e Digmar Jímenez Agreda, em **“A tradução de culturemas no viés funcionalista”**, a partir do aporte teórico de Nord (2016), Tello (2018) e Giracca (2013), compartilham uma experiência de estágio profissional do Bacharelado em Letras - Tradução Espanhol/Português (UFPel), apresentando uma proposta de tradução de culturemas encontrados no folheto turístico *“Pelotas para visitar, morar e investir”*. As autoras comentam suas escolhas tradutórias acerca de culturemas relacionados à gastronomia, chamando a atenção para a importância de se estabelecer um diálogo com público-alvo.

Valdecy de Oliveira Pontes e Livya Lea de Oliveira Pereira, em **“Possibilidades de uma Sequência Didática (SD) a partir da tradução funcional de legendas automáticas para o ensino da variação linguística em espanhol”**, propõem o uso da tradução no âmbito do ensino de LE a partir da metodologia de sequência didática. Nessa, percebemos os seguintes objetivos: (i) desenvolver as habilidades linguísticas dos estudantes em espanhol/LE; (ii) promover a prática e domínio do gênero legenda; (iii) sensibilizar os estudantes acerca das diferentes variedades linguísticas do espanhol por meio da elaboração de legendas interlinguísticas; (iv) incentivar o uso de recursos digitais virtuais e dinamizar as aulas de espanhol/LE na educação básica.

Elisângela Lorena Liberatti, em seu artigo **“A tradução como aliada na formação de professores e no ensino de língua inglesa”**, aborda a tradução no ensino de LE, respaldando-se em pesquisas recentes que versam sobre a temática e, assim, propõe atividades tradutórias que pretendem promover reflexões sobre língua e cultura e o fazer pedagógico do futuro professor de LE. A autora também apresenta alguns caminhos percorridos em uma oficina destinada a graduandos de Letras - Inglês com o objetivo de desmistificar as crenças dos alunos em formação quanto ao uso da tradução no ensino de LE.

Para finalizar, Erika Teodósio do Nascimento apresenta uma resenha do livro intitulado **“Tradução funcionalista no Brasil: perspectivas teóricas e aplicadas ao ensino de línguas”**, na qual a autora ressalta a relevância dos artigos publicados no livro, bem como salienta a questão de trabalhos nesta esfera serem essenciais para a formação de futuros profissionais de Letras. Nascimento recomenda a leitura do livro a todos profissionais, pesquisadores e estudantes que desejam adquirir conhecimentos acerca de atividades de tradução voltadas para o ensino de LE.

Desejamos a todas e todos uma excelente leitura.

As editoras

Camila Teixeira Saldanha (UFSC)

Maria José Laiño (UFFS)

Noemi Teles de Melo (UFJF)

A Perspectiva Funcionalista da Tradução na Migração de Marcas no Contexto da China e do Brasil

Li Ye

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

lidia20060524@hotmail.com

RESUMO: Do ponto de vista da teoria funcionalista, tradução é um processo de comunicação intercultural cujo resultado é um texto que tem habilidade de funcionar adequadamente em situações e contextos específicos de uso. A partir desta perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo explorar a função da tradução e da aplicação das abordagens funcionalistas na tradução de nomes de marcas no contexto da China e do Brasil, por meio da análise de exemplos reais. Pela natureza particular de uma marca, a sua tradução deve ser feita de um modo muito diferente do que a de obras literárias, científicas ou de outros gêneros. A análise realizada neste trabalho demonstra que as traduções de nomes de marcas que fizeram mais sucesso não são as mais linguisticamente fiéis, mas as que seguem a orientação da teoria funcionalista, ou seja, as traduções focadas em manter sua função e propósito - a divulgação da marca e a captação de clientes, neste caso específico.

4

Palavras-chave: tradução de nomes de marcas; teoria funcionalista; Princípio do Propósito

Functionalist Perspective of Translation on Brand Migration in the Context of China and Brazil

ABSTRACT: According to the functionalist theory, translation is a process of intercultural communication that has as result a text that can work appropriately in specific situations and contexts. From this point of view, this paper aims to explore the function of translation and the application of functionalist approaches to the translation of brand names in the context of China and Brazil, analyzing real examples. Due to its particular nature, a brand name must be translated in a very different way than that of literary, scientific or works of other genres. The analysis conducted in this paper shows that the most successful brand name translations are those that follow the functionalist theory - instead of those more faithful to linguistic aspects -, that is, the translation focused on maintaining the function and purpose of the translation - the brand's dissemination and attracting customers, in this specific case.

Keywords: translation of brands; functionalist theory; Principle of Purpose.



Introdução

Atualmente, a expansão da migração tem se tornado um fenômeno cada vez mais comum, e a definição das fronteiras está cada vez menos clara. No passado, a palavra “migração” estava diretamente ligada à mudança da residência. Todavia, no mundo atual, no qual a cooperação econômica internacional é uma realidade em todos os países, o que está migrando, além de pessoas e culturas, são também os produtos e as suas marcas. Nesse cenário, a China é um dos principais interessados, tanto por ser o maior exportador do mundo quanto por ter um enorme mercado consumidor para produtos vindos do exterior.

A situação brasileira não é diferente da encontrada em grande parte do mundo, com presença massiva de marcas chinesas e início do estabelecimento delas no conhecimento do grande público. Além das que já se encontram bem estabelecidas no mercado nacional, existem muitas outras que estão procurando parcerias para tentar entrar no mercado brasileiro ou até iniciar produção local, tais como Great Wall Motors e Sinotruk.

Devido ao fato de as línguas portuguesa e chinesa apresentarem origens distintas, nem sempre é fácil encontrar uma tradução para as marcas que mantenha a fidelidade¹ e, ao mesmo tempo, seja funcional (REISS, VERMEER, 1984). O presente trabalho tem como objetivo explorar a função da tradução na migração das marcas estrangeiras na China e das chinesas no Brasil por meio do ponto de vista da teoria funcionalista da tradução e da análise de exemplos reais.

1. A tradução e a teoria funcionalista

Nos dias atuais, a tradução não é mais vista meramente como uma transferência de informações ou um processo de transcodificação, como algumas teorias ainda defendem. Abordagens recentes, como a perspectiva funcionalista apresentada na Alemanha, consideram a tradução como uma transferência intra-cultural e uma ação com intenção (VERMEER, 1983, *apud* SNELL-HORNBY, 1995). Vermeer (*ibidem*, p. 36) apresenta a seguinte definição:

¹ O conceito de fidelidade tem sido um dos focos principais de discussão na área de tradução. Ainda que a determinação do termo não seja o objetivo do presente trabalho, aqui, a fidelidade da tradução refere-se à semelhança da tradução em relação ao conteúdo, ao caráter e ao estilo do texto original. Como afirma Giacomo Leopardi, “o tradutor necessariamente simula, isto é, esforça-se por exprimir o carácter e o estilo do outro, e repete o dito do outro à maneira e gosto deste” ([1821], *In*: GUERINI, 2005, p. 163).

Tenho definido a tradução como informações oferecidas em uma língua z da cultura Z que imitam informações oferecidas na língua a da cultura A para realizar a função desejada. Isso significa que a tradução não é uma transcodificação de palavras ou sentenças de uma língua para outra, mas uma ação complexa em que alguém fornece informações sobre um texto em novas condições funcionais, culturais e linguísticas, e em uma situação nova, na qual características formais são imitadas tanto quanto possível.²

Diferentes de outras teorias, que consideram a tradução uma questão linguística e focalizam na fidelidade baseada no texto original como critério fundamental da sua realização, as abordagens da Alemanha (HÖNIG; KUSSMAUL, 1892; REISS; VERMEER, 1984; HOLZ-MÄNTTÄRI, 1984) têm orientações diferentes, como resumidas por Snell-Hornby (1995, p. 43):

O que é dominante nessas três abordagens básicas apresentadas na Alemanha é a orientação para a transferência cultural, em vez de linguística; segundo, elas veem a tradução não como um processo de transcodificação, mas como uma ação de comunicação; terceiro, elas são todas orientadas para a função do texto alvo (tradução prospectiva), em vez de prescrições do texto fonte (tradução retrospectiva); quatro, elas veem o texto como uma parte integral do mundo e não como um espécime isolado de língua.³

Na história dos estudos da tradução, a teoria funcional foi um símbolo de grande mudança de equivalência linguística para adequação funcional. A tradução passou a ser considerada, em primeiro lugar, como um processo de

² Tradução livre da autora da tradução, de alemão para inglês, feita por Snell-Hornby (*ibidem*): “I have defined translation as information offered in a language z of culture Z which imitates information offered in language a of culture A so as to fulfil the desired function. That means that a translation is not the transcoding of words or sentences from one language into another, but a complex action in which someone provides information about a text under new functional, cultural and linguistic conditions and in a new situation, whereby formal characteristics are imitated as far as possible”.

³ Tradução livre da autora do texto original em inglês: “What is dominant in the three new basic approaches recently presented in Germany is the orientation towards cultural rather than linguistic transfer; secondly, they view translation, not as a process of transcoding, but as an act of communication; thirdly, they are all oriented towards the function of the target text (prospective translation) rather than prescriptions of the source text (retrospective translation); fourthly, they view the text as an integral part of the world and not as an isolated specimen of language”.

comunicação intercultural cujo produto final é um texto que tem habilidade de funcionar adequadamente em situações e contextos específicos de uso (SCHÄFFNER, 1998, p. 3 *apud* JABIR, 2006). Segundo Nord (1997, p. 27), uma das representantes da teoria funcionalista, o princípio mais importante é o Princípio do Propósito, que defende que o processo da tradução deve ser determinado pelo seu propósito da ação. Ela não é uma conversão puramente linguística, mas um intercâmbio cultural realizado pela forma de linguagem. A tradução por si própria é uma ação e qualquer ação humana tem o seu propósito.

De acordo com a Teoria do Escopo (*Skopostheorie*) (REISS; VERMEER, 1984), o propósito que a ação da tradução quer atingir decide todo o seu processo, isto é, o resultado justifica os métodos.⁴ Há três tipos de propósitos: o do tradutor (tal como ganhar dinheiro), o comunicativo da tradução (por exemplo, atrair ou informar o leitor) e o linguístico (usar um método de tradução específica para atingir um objetivo específico, como optar pela tradução literal para explicar uma estrutura gramatical de uma língua). Geralmente o propósito que decide o método de tradução é o comunicativo. Segundo a perspectiva da Teoria do Escopo (*ibidem*), a função de uma tradução pode ser distinta da função do original, dependendo, por exemplo, das necessidades do iniciador (o responsável pela demanda da tradução).

Para Vermeer (REISS; VERMEER, 1984), além do princípio do propósito, a atividade tradutória deve seguir os princípios da coerência e da fidelidade. O primeiro refere-se à coerência intratextual, o que indica que a tradução deve cumprir as regras linguísticas e ser compreensível para o leitor, tendo significados corretos na cultura e no ambiente comunicativo em que será utilizada. O princípio da fidelidade, por sua vez, está associado a uma coerência intertextual, ou seja, entre o texto original e o traduzido. O nível e a forma da fidelidade são decididos pela finalidade da tradução e pela compreensão do tradutor do texto original. Entre esses três princípios, na perspectiva do funcionalismo, o mais importante é o da finalidade, seguido pelo da coerência e, por fim, pelo da fidelidade. Isso representa uma grande diferença entre a teoria funcionalista e muitas outras teorias tradicionais da tradução, as quais consideram a fidelidade, tanto de conteúdo quanto de estilo, o critério mais importante da tradução.

Para Reiss (REISS; VERMEER, 1984), fundadora da teoria funcionalista da tradução, no processo da tradução, o tradutor deve considerar prioridade a função do texto original, já que é impossível manter todas as suas características (conteúdo, estilo, função, forma etc.) ao mesmo tempo. O tradutor, antes de

⁴ Tradução da autora de “the end justifies the means”, que também é comumente traduzido como “o fim justifica os meios”.

realizar a tradução, deve primeiro definir a função do texto original e tentar reproduzi-la, de modo geral, para a outra língua. Para identificá-la, Reiss estabelece uma tipologia tripartite de tipos textuais e propõe diferentes métodos de tradução para cada tipo de texto, pois ele determina o método geral da tradução (REISS; VERMEER, 1971). De acordo com essa perspectiva, para achar a melhor forma para a tradução de nomes de marcas, o primeiro passo é determinar em que tipo de texto eles se enquadram.

Segundo o modelo de Reiss (como apresentado na Tabela 1), há três funções básicas de textos derivadas da intenção comunicativa do autor do texto original e que devem ser usadas para caracterizar as diferentes categorias textuais: informativa, expressiva e operativa (REISS, VERMEER, 1984, p. 178).

Tabela 1 - Modelo Reiss

Função da linguagem	Reprodução	Expressão	Persuasão
Dimensão da linguagem	Lógica	Estética	Diálogo
Categoria textual	Informativa	Expressiva	Operativa

Fonte: *ibidem*

8

Para Reiss (1984), textos informativos incluem reportagem de notícias, manuais de produtos, livros não literários, artigos acadêmicos e outros, ou seja, aqueles com foco no conteúdo. Os tipos expressivos referem-se principalmente a textos literários, tais como prosa, poemas e romances, os quais transmitem principalmente conteúdos organizados de maneira artística, ordenando o conteúdo conscientemente segundo critérios estéticos. Segundo Reiss (*ibidem*), a tradução de textos informativos envolve a precisão da comunicação de informações, enquanto a de expressivos foca nas suas características estéticas e criatividade artística. Em outras palavras, o foco da tradução de textos informativos deve ser no conteúdo que o autor original escreveu, porém, deve-se priorizar a forma como o autor escreveu no caso de textos expressivos.

Segundo a perspectiva de Reiss, os textos operativos, como propagandas e anúncios, diferentemente do que ocorre nos outros dois tipos, não transferem informações simplesmente pela forma de linguagem. Esse tipo de texto geralmente fornece informações a partir de uma perspectiva especial, com uma intenção clara, e busca um resultado não linguístico. Eles pretendem estabelecer um diálogo entre o autor e o leitor e têm função persuasiva, com a finalidade de provocar uma reação particular no leitor, induzindo-o a exercer um comportamento desejado pelo emissor do texto. Por isso, ao traduzir textos operativos, a atenção do tradutor deve ser focada em como reproduzir em outra língua a função apelativa do texto original, ou seja, no propósito comunicativo

da realização da tradução (REISS; VERMEER, 1984).

Quanto à tradução do texto operativo, Reiss (*ibidem*, p. 179) considera que “qualquer mudança feita em relação ao texto original não pode ser considerada como violação do princípio da fidelidade”, pois o propósito de uma tarefa tradutória particular pode requerer uma tradução livre ou uma fiel, dependendo da finalidade (JABIR, 2006). A fidelidade da tradução de textos focados em conteúdo refere-se a reproduzir cada detalhe do conteúdo original. O conceito muda para os focados em forma, dado que, neste caso, o fundamental é manter a semelhança do estilo adotado pelo texto original e do efeito estético. No caso de textos focados em apelos, uma tradução fiel seria quando se consegue alcançar o resultado pretendido pelo autor original, isto é, manter a função apelativa do texto original.

Do ponto de vista da teoria funcionalista, a ação tradutória é uma ação comunicativa, e a tradução em si deve ser equivalente ao texto original no seu conteúdo, na forma linguística e na função comunicativa. Porém, na prática, o que deve ser considerado como prioridade é a função da tradução (REISS; VERMEER, 1984). Como a tradução é uma ação comunicativa, e o texto traduzido está inserido em uma determinada situação de um determinado contexto sociocultural, há duas alternativas para fazer a tradução: ou manter a função original do texto fonte na sua própria cultura ou mudar a função do texto para se adaptar às necessidades específicas na cultura alvo (SNELL-HORNBY, 1995). Na prática, a tradução de alguns gêneros de textos é “apenas um elo de uma cadeia que conduz a um objetivo final, e o alvo não é a tradução, mas alcançar esse objetivo”⁵ (STELLBRINK, 1985, p. 48, *apud* SNELL-HORNBY, 1995).

Na sessão seguinte, são apresentados exemplos reais da tradução de nomes de marcas, com foco na tradução daquelas estrangeiras na China e de algumas chinesas no Brasil, demonstrando as vantagens da tradução focada em manter a função persuasiva da marca ao invés da fidelidade ao sentido original no processo da migração a partir da análise com perspectiva funcionalista da tradução. Os exemplos apresentados mostram que muitas traduções de marcas estrangeiras que fizeram sucesso na China seguiram a orientação da teoria funcional.

2. A tradução de marcas estrangeiras na China

Como declara Susan Sontag (2007, p. 1), a tradução desempenha muitas funções, incluindo “circular, transportar, disseminar, explicar e tornar (mais)

⁵ Tradução livre da autora da tradução de alemão para inglês feita por Snell-Hornby (1995): “merely a link in a chain leading to a final goal, and the aim is not the translation, but achieving this goal”.

acessível”. A tradução de nomes de marcas demonstra praticamente todas essas funções. Uma marca bem traduzida ajuda na migração do produto para outros países, na sua disseminação, ajudando os clientes a melhor o conhecerem. Isso porque a marca contém diversas informações, tais como o tipo do produto, suas características específicas, o nome de seu criador ou do fundador da marca etc.

Normalmente, a denominação de uma marca é feita somente com algumas palavras ou alguns caracteres, mas, na realidade, além das informações nela contidas, seu nome também reflete a cultura de um país. Na China, a denominação, tanto de pessoas quanto de produtos, geralmente tem um significado específico. Por exemplo, lá, os nomes de pessoas são criados através de uma combinação livre de caracteres chineses, fenômeno bastante diverso do comumente praticado em países ocidentais, que, via de regra preferem adotar alguns nomes prontos já existentes, como João e Maria, por exemplo. Na cultura chinesa, os nomes dos filhos geralmente demonstram o desejo ou a esperança que os pais têm para o futuro deles. Por exemplo, durante a guerra da independência, muitas pessoas tinham nomes tais como Ai Guo (爱国) ou Wei Guo (卫国), que significam “amar a Pátria” ou “proteger a Pátria”.

A denominação de marcas segue a mesma regra. Wang Wang (旺旺), por exemplo, é uma marca chinesa de alimentos que faz muito sucesso, e seus produtos, além de serem bastante conhecidos por serem saborosos, são bem procurados porque o seu nome significa “boa sorte”. Os consumidores acreditam que, ao comprarem produtos da Wang Wang, são duplamente beneficiados, pois, além de poderem saborear uma boa comida, isso trará boa sorte.

Em muitos países, normalmente, a marca do produto recebe o nome do seu criador, do fundador da empresa ou alguém que tenha importância para o dono do produto, como é o caso de Ford e Mercedes Benz. Diferente do que ocorre na China, onde o cenário é bastante diverso, visto que raramente uma empresa escolhe o nome de alguma pessoa como marca de produtos⁶. Por exemplo, a maior fabricante de veículos comerciais do país é Fu Tian (福田), cujo nome significa “terra de felicidade”, que tem origem numa obra clássica nacional *Clássico da Poesia*. Esse exemplo também demonstra uma característica da cultura de denominação na China: adotar um termo ou criar um nome com origem em poemas clássicos, pois assim se traz uma imagem mais elegante e culta.

É evidente a importância do nome da marca para um produto e para sua empresa. Para continuar o sucesso de mercadorias estrangeiras na China ou

⁶ O fato de que as marcas chinesas do setor automotivo, especialmente as maiores, não utilizam o nome dos seus fundadores, além de ter razões culturais, tem a ver com a realidade econômica do país, pois a maioria das empresas grandes são estatais e não privadas.

exportar uma marca chinesa para o exterior, traduzi-las é um meio muito importante. Os objetivos comunicativos principais desse tipo de tradução incluem atrair clientes potenciais (visando mais possíveis leitores e a melhor compreensão possível deles da tradução) e disseminar a marca e seus produtos em um país estrangeiro.

Segundo a teoria funcionalista, determinar o tipo de texto ajuda a definir a função dele e da tradução, e essa determina o método geral de tradução. Como referido na sessão anterior, propagandas de produtos são textos operativos. Então, o nome da marca, sendo uma parte indispensável da propaganda de um produto, também faz parte desse âmbito. Por isso, a tradução deve se concentrar em identificar e reproduzir a função persuasiva dele, ao invés de tentar simplesmente transmitir o conteúdo original em outra língua. Para que uma marca, muitas vezes advindo de culturas e pensamentos muito diferentes, tenha uma boa aceitação num país estrangeiro, é esperado que, considerando a natureza propagandista da tradução, a tradução vá ao encontro do leitor e o deixe o mais tranquilo e interessado possível. Por isso, uma estratégia tradutória focada na reprodução da função da marca deve, preferencialmente, ocorrer levando em consideração a cultura do leitor e as características do mercado do país de chegada. Ao fazer uma tradução de marca estrangeira para o contexto chinês, caso o tradutor tenha conhecimento sobre a cultura de denominação do país o suficiente para saber escolher palavras que tenham bons significados na língua chinesa, ele provavelmente conseguirá fazer uma boa tradução, que terá boa aceitação pelo povo local.

Um dos exemplos mais famosos e clássicos desse caso é a tradução de “Coca-Cola”. Originalmente, o nome veio de dois dos ingredientes dessa bebida, a folha de Coca e a fruta de Kola (Cola). Em 1927, a Coca-Cola entrou no mercado da China. A marca foi primeiramente traduzida pela sua pronúncia como “Ke Ke Ken La” (蝌蚪啃蜡), que significa “girino morde a cera”. Os chineses ligavam esse nome a uma bebida exótica sem muito sabor⁷, e as vendas foram muito baixas. Mais tarde, percebendo que o problema estava na tradução do nome de marca, que tirou a vontade dos clientes de experimentarem o produto, a empresa publicou um anúncio em um jornal de grande circulação, oferecendo um prêmio à pessoa que apresentasse a melhor tradução para o nome do produto. No final, o professor chinês Fan Ni ganhou o prêmio ao sugerir “Ke Kou Ke Le” (可口可乐). A união dos caracteres “Ke Kou” (可口) quer dizer “gostoso”, e “Ke Le” (可乐) quer dizer “feliz”. Desde então, as vendas subiram muito na China, e essa ainda é considerada uma das melhores traduções de marcas estrangeiras no país até hoje. O exemplo da Coca-Cola

⁷ Na China existe o termo 味同嚼蜡, que literalmente significa dizer que o sabor de alguma comida é comparável ao da cera. O termo é utilizado para descrever comidas sem gosto ou com gosto ruim.

ilustra que o sucesso de uma tradução depende da sua capacidade de fornecer uma percepção de beleza a seus leitores (clientes potenciais, nesse caso) e estimular o seu desejo de compra (FENG, 2017).

As duas traduções referidas acima são transliterações, e ambas mudaram o sentido original da marca. Nenhuma pode ser considerada fiel ao sentido original, mas por que então uma fez tanto sucesso, sendo usada até hoje, e a outra é só um exemplo de como não realizar uma tradução? Isso ocorre porque, exceto pela manutenção da pronúncia da marca, a primeira não tem relação nenhuma com o produto nem com a cultura chinesa, cultura do receptor, além de ter um significado estranho em chinês. A segunda, por outro lado, além de manter a pronúncia, apresentou duas características atraentes do produto: é gostoso e deixa as pessoas felizes. Ela considerou a cultura da denominação de produtos na China e atingiu a intenção da tradução: disseminar a marca no país, atraindo clientes chineses. Certamente, dentro da cultura chinesa, traduzir “Coca-Cola” como uma bebida gostosa e ligada à felicidade foi uma opção melhor do que traduzi-la como uma feita de folhas e frutas, ou com gosto de cera. A tradução de “Coca-Cola” mudou o sentido original do texto (da marca), mas, como atingiu a intenção original da tradução e fez muito sucesso, na realidade, na perspectiva funcionalista, não é infiel. Além disso, como se traduziu considerando a cultura chinesa, isso deixou os leitores do país (os clientes pretendidos) mais satisfeitos, e, conseqüentemente, o produto ganhou maior aceitação no mercado chinês.

Esse exemplo, de certa forma, comprovou o princípio da teoria funcionalista, como Nord (1997, p. 136) descreveu no seu modelo de função apelativa do texto:

Se quisermos fazer alguém comprar um determinado produto, apelamos às suas necessidades reais ou imaginárias, descrevendo as qualidades do produto que se presume ter valores positivos no sistema de valores dos receptores.

Outro exemplo que merece destaque é a tradução de “Porsche”, uma marca de carros, batizada com o sobrenome do fundador da empresa. No início, foi adotada a transliteração desse sobrenome como tradução da marca na China, que é “Bo Sher” (波舍尔). Mais tarde, como não há o costume de usar nome de pessoas para denominar marcas, e essa tradução não representava as características do produto, foi adotada a nova tradução “Bao Shi Jie” (保时捷), que significa “poupa tempo e é rápido”. Essa também possui uma pronúncia parecida com a do nome da marca original e destaca uma das características

mais importantes para veículos, que é a velocidade. Ela foi considerada um dos melhores exemplos de tradução de marcas de veículos e tem sido usada até hoje.

A tradução da marca BMW, “Bao Ma” (宝马), serve como mais um ótimo exemplo que fez sucesso no mercado chinês. BMW é a sigla do nome original *Bayerische Motoren Werke* em alemão, com sentido de “Fábricas de Motores da Bavária”. A tradução manteve somente as primeiras duas letras e mudou tanto a pronúncia quanto o significado original, ficando, em chinês, como “cavalo precioso”. A razão para essa escolha tradutória é devido aos cavalos serem, antigamente, o meio de transporte mais importante na China, um cavalo bom podendo ser muito caro. Essa tradução contém informações sobre a natureza do produto (meio de transporte) e também as suas principais características (rápido e caro). Apesar de não ser a mais fiel, ela atingiu sua intenção, a divulgação da marca na China. Mesmo atualmente, com muitos chineses tendo um certo nível de proficiência em inglês e, para eles, sendo fácil pronunciar “BMW”, a tradução “Bao Ma” continua sendo a preferida pelo povo chinês.

Além de veículos, outros setores também têm bons exemplos de tradução de nomes de marcas. Um deles é a tradução da IKEA, uma marca de móveis e utensílios domésticos da Suécia, cuja origem é a combinação das iniciais do fundador da empresa, Ingvar Kamprad, com os nomes da fazenda (Elmtaryd) e da vila (Agunnaryd) onde ele morava. A tradução da marca em chinês é “Yi Jia” (宜家), com sentido de “adequado para a sua casa”. Além de manter uma pronúncia semelhante à original, a tradução vem do termo “harmonia na casa, harmonia na família” (宜室宜家) da obra clássica já mencionada, *O Clássico da Poesia*. Por isso, essa tradução é considerada elegante e apropriada, com características típicas da cultura chinesa. Até agora, IKEA já abriu mais de vinte lojas na China. São evidentes a sua popularidade e o sucesso no mercado chinês.

Outro exemplo é a tradução de “Revlon”, uma marca de cosméticos. Ela foi criada a partir dos sobrenomes de seus fundadores: Charles Revson, Joseph Revson e Charles Lachman. A sua tradução em chinês é “Lu Huanong” (露华浓). Essa expressão vem de um poema do famoso poeta chinês Li Bai e significa “um orvalho lindo e denso sobre uma flor bonita”, o que, segundo o poema, enfeitou a flor e realçou sua beleza. Então, essa tradução remete à ideia de que os produtos ajudam a realçar a beleza dos seus consumidores. Além de destacar a função dos cosméticos, ela é considerada muito elegante e culta por ter origem em um poema antigo.

Existem muitos outros bons exemplos de tradução de marcas estrangeiras na China, tais como “Pampers” (帮宝适, que significa “ajuda o bebê a se sentir confortável” em chinês e se pronuncia como “Bang Bao Shi”), “Benz” (奔驰, que significa “galope” e tem a pronúncia “Ben Chi”) e “Tide” (汰渍, que significa “elimina mancha” e se pronuncia como “Tai Zi”).

Na prática, há quatro métodos para se fazer a tradução de nomes de marcas: 1. a transliteração, mantendo o significado original da marca; 2. a transliteração com novo sentido criado de acordo com as características do produto e a cultura do mercado receptor; 3. a tradução pelo sentido do nome da marca original, sem manter a semelhança de pronúncia entre as versões traduzida e original; 4. a tradução que não mantém nem significado nem pronúncia do original, criada para atrair mais clientes chineses e adequar o produto ao mercado chinês. A primeira forma não é muito usada na tradução de marcas estrangeiras, por causa das diferenças culturais entre a China e os países estrangeiros, especialmente os ocidentais. A tradução de “Siemens” em chinês (“Xi Menzi”, 西门子) e a de “Ford” (“Fu Te”, 福特) são exemplos deste método, pois, além de possuírem uma pronúncia parecida com a original, mantêm o sentido original, que são sobrenomes.

Pelos exemplos apresentados anteriormente, podemos perceber que a maioria das traduções chinesas de nomes de marcas estrangeiras, especialmente as de marcas famosas, adotaram o segundo método de tradução, mantendo uma pronúncia parecida com a original e, ao mesmo tempo, alterando o sentido dela para adaptá-lo à cultura chinesa. Isso fica especialmente claro quando o nome da marca é o sobrenome do seu criador, como as traduções de “Benz” e de “IKEA” apresentadas antes.

14

Um exemplo do terceiro método é a tradução de “Apple”, “Pingguo” (苹果), que significa maçã em chinês. Essa tradução tem uma pronúncia totalmente diferente da original, mas é fiel ao significado. Esse é um método pouco utilizado na tradução de marcas estrangeiras na China. Também há traduções que utilizam a última forma, dado que a pura transliteração não tem um significado bonito ou adequado em chinês, e que também é difícil traduzir de modo a manter uma pronúncia semelhante à original. Dessa forma, os tradutores optam por criar uma tradução nova que seja um nome apropriado e elegante em chinês para caracterizar o produto, como é o caso da tradução de “Revlon”, referida anteriormente.

Diversos exemplos de tradução de marcas apresentados aqui, tais como da Porsche, da Coca-Cola, da Benz e da IKEA, comprovaram a observação da Teoria de Escopo (REISS, VERMEER, 1984) referida na sessão anterior, de que a função de uma tradução pode ser distinta da do original, dependendo das necessidades do iniciador e de outros fatores. Por exemplo, uma das funções da marca Porsche é homenagear Ferdinand Porsche, o fundador da empresa e um dos criadores do primeiro carro Porsche. Todavia, a função da tradução se destaca na disseminação da marca e na atração de clientes pelas características do produto. A mudança de função não depende somente das necessidades do iniciador da tradução, mas de uma série de fatores externos, tais como emissor,

intenção do emissor, receptor, meio, lugar, tempo, motivo da comunicação e função da tradução (NORD, 2005). Para Nord (*ibidem*, p. 77-78), a função é “a função comunicativa, ou a combinação de funções comunicativas, que um texto preenche em sua situação concreta de produção/recepção” e “é uma propriedade decorrente da interação de fatores extratextuais”.

Como Berman (2007, p. 65) afirmou, o “tradutor que traduz para o público é levado a trair o original, preferindo o seu público, a quem também trai, já que apresenta uma obra ‘arrumada’”. A preferência pela transliteração (com alteração do significado do original) para a tradução de marcas na China ocorre principalmente devido à particularidade da tradução desse tipo de texto (texto operativo de função apelativa) e à diferença de cultura entre a China e os países estrangeiros sobre a criação de marcas. Para a tradução de marcas, de modo muito diferente do que ocorre na de obras literárias, científicas ou de outros gêneros, o foco não está no conteúdo original da marca traduzida, mas na função da tradução. Como Hönig (1998, p. 14) apontou, “o propósito da tradução é considerado como aceitabilidade comunicativa”. Para que a tradução de uma marca seja aceitável numa cultura diferente da original, determinados ajustes devem ser feitos. Por isso, a fidelidade da tradução deve ser medida pela realização da sua função, a divulgação da marca e atração de clientes, e não pela sua literalidade.

Todos os exemplos de traduções analisados na presente seção demonstraram os princípios da teoria funcionalista, em concordância com Nord (2005, p. 18): “a função comunicativa não é apenas a característica constitutiva fundamental dos textos, mas ela também determina as estratégias de produção textual”.

3. A tradução de marcas chinesas no Brasil

Não faz muito tempo que as marcas chinesas começaram a entrar de forma massiva no Brasil. Diversos fabricantes chineses de eletrodomésticos e veículos consideram o país como um grande mercado potencial, e muitas empresas chinesas têm até plano de investimento e instalação de fábricas no Brasil.

Diferentemente da tradução de marcas estrangeiras na China, as empresas chinesas que exportam seus produtos para o exterior geralmente fazem uma tradução da sua marca em língua inglesa, na maioria dos casos, para representá-la em diversos países, independentemente da língua oficial deles. Essa tradução é feita, muitas vezes, pelos próprios funcionários da empresa, que normalmente só falam chinês e inglês, sem muito conhecimento sobre a cultura dos países de destino.

A seguir, serão analisados cinco exemplos de marcas chinesas de

veículos, que têm importadores brasileiros e estão vendendo no mercado brasileiro: JAC, Chery, Chang An, Foton e Sinotruk. Os primeiros três fabricantes produzem veículos de passageiros e comerciais, e os outros dois fabricam principalmente veículos comerciais. A marca utilizada por eles no Brasil é a mesma em muitos outros países ocidentais cujas línguas oficiais usam o alfabeto romano.

“JAC” é a combinação das iniciais do nome da empresa chinesa em inglês: *Jianghuai Automotive Company*. Como a palavra “Jianghuai” é de difícil pronúncia para pessoas que não falam chinês, a empresa decidiu usar as iniciais, como ocorreu no caso de “BMW”. Essa tradução é utilizada no exterior, enquanto, na China, a marca conhecida pelo povo é Jianghuai, o nome da região onde a empresa iniciou suas atividades.

Chery, por outro lado, escolheu uma transliteração para usar no exterior. O nome vem da palavra cherry em inglês, que tem uma pronúncia semelhante à da marca em chinês: “Qi rui”. Ela tem um produto que se chama QQ, o mesmo nome utilizado na China. Na verdade, a origem do emprego do “Q” ou “QQ” vem da palavra *cute* em inglês, se tornando muito popular e sendo frequentemente usada na Internet ou até na vida quotidiana chinesa. Antes de aparecerem carros QQ no mercado chinês, esse nome já fora usado em uma marca de bala de goma e em um software de conversação (como Skype), dois produtos chineses muito conhecidos no país. Aos poucos a palavra adquiriu um sentido de coisa pequena e bonita em chinês, que são duas das principais características dos carros QQ na visão da Chery. Porém, esse sentido não existe em português. Apesar disso, esse nome não dificultou a venda do modelo QQ no Brasil. Como “JAC”, “Chery” e “QQ” são palavras fáceis de pronunciar em português e não causam problemas de entendimento quanto ao significado, essas traduções de marcas não obtiveram problema com a aceitação pelo povo brasileiro. Atualmente, JAC e Chery já são marcas chinesas bem conhecidas no Brasil e têm vendas relativamente altas.

A empresa chinesa Zhongguo Zhongqi (中国重汽, que significa “caminhões pesados da China”) escolheu “Sinotruk”, uma palavra que parece a tradução da marca para o inglês (*Sinotruck*) para ser utilizada em muitos países ocidentais. Essa tradução destacou claramente a origem e o tipo de produto.

“Foton” é a transliteração da marca chinesa Fu Tian (福田), feita pela própria empresa. Essa tradução foi elogiada pelo importador brasileiro dos produtos da Foton por ser fácil de pronunciar e não ter sentido exótico em português. Apesar de ser uma pena a tradução da marca não ter herdado o seu sentido original (terra de felicidade) e ter passado a um nome comum, isso não traz prejuízo ao efeito da tradução, porque, no caso do mercado de automóveis

no Brasil, um nome que destaca a característica própria dos seus produtos não é uma demanda do consumidor.

Chang An, por outro lado, apresentou um caso de falha na tradução da sua marca. Sendo a primeira em miniutilitários e a quarta entre os construtores de veículos na China, seu nome representa a cultura tradicional da China: “paz eterna”. Em língua chinesa, “Chang An” é um nome bonito usado frequentemente na denominação de diferentes áreas, tais como ruas, marcas de produtos, termos em poemas e letras de músicas. Em 2006, a Chang An foi a primeira marca chinesa a chegar ao Brasil, tendo escolhido para usar no mercado brasileiro o mesmo nome que usou ou pretendia usar em diversos outros países: “Chana”. A razão da escolha da tradução deve ter sido pela pronúncia parecida com a original. Porém, a empresa não fez uma pesquisa sobre o sentido dessa tradução em português antes de apresentar os seus produtos no Salão do Automóvel de 2006 no Brasil. O problema deste termo é que a pronúncia da marca é igual à de uma palavra em português que habitualmente é empregada em sentido pejorativo para fazer referência ao órgão sexual feminino, e essa coincidência causou comentários negativos sobre o nome da marca. Essa tradução não cumpriu os requisitos dos princípios de coerência e de fidelidade por ter gerado um sentido não esperado e totalmente diferente do original no ambiente comunicativo da tradução em um país cuja língua oficial é a língua portuguesa. Consequentemente, ela não atingiu a finalidade da sua realização. Cinco anos depois, em 2011, a empresa chinesa decidiu mudá-la e adotar o nome original da companhia como marca no Brasil: “Chang An”. Apesar de não ter sido informado o motivo da mudança da marca para o público, muitos especulam ter sido por causa da possível interpretação de cunho sexual que o nome tem no Brasil. A tradução de uma marca pode ter um sentido diferente do original desde que a finalidade desta alteração seja para exercer melhor a função de atrair clientes em um mercado estrangeiro.

Os exemplos apresentados na presente seção mostraram que a tradução de marcas, quando feita por tradutores sem conhecimento da língua e da cultura do país de destino, pode causar mal-entendidos, confusões ou até influências negativas para a marca. A política de muitas empresas chinesas de adotar a tradução da marca em inglês em diversos países ocidentais não é uma solução universal e deve ser empregada com cautela. Deve-se levar em consideração culturas e costumes do país da língua de chegada, que são os fatores mais importantes para esse tipo de tradução. Dessa forma, a aplicação da teoria funcionalista se enquadra muito bem neste contexto.

Conclusão

Com os exemplos da tradução de marcas analisados no presente texto, é evidente que, no contexto de globalização, a tradução é um método importante para a disseminação de marcas e que sua qualidade faz a diferença. A tradução não é uma questão meramente linguística. Ao contrário, como qualquer outra ação humana, ela é uma ação com intenção. Nesse sentido, sua realização é inevitavelmente influenciada por diversos fatores, tais como o alvo pretendido, a cultura do país da língua de chegada e o propósito tradutório. O foco da tradução de marcas está concentrado no seu alvo, o leitor (o público), e na realização da intenção (atrair clientes). Para obter uma boa aceitação no mercado de destino, é necessário levar em consideração uma série de fatores, tais como a demanda do alvo, a sua cultura e os seus costumes.

A grande diferença linguística entre as línguas ocidentais e a língua chinesa faz com que a tradução de marcas seja necessária, tanto para adoção das marcas chinesas em países ocidentais quanto daquelas ocidentais na China. Isso é bastante diferente da simples manutenção do nome original, como ocorre em muitos casos de marcas ocidentais no Brasil. Conforme apresentado na análise do presente trabalho, há diversos métodos adotados para fazer a tradução de marcas, tais como: transliteração, cujo produto não tem significado algum na língua de chegada; manutenção da pronúncia, mas com criação de algum significado diferente do original; manutenção de um balanço entre pronúncia e significado; alteração tanto de pronúncia quanto de significado. A questão principal analisada neste trabalho não é qual método é mais usado ou melhor. O que foi observado é que os exemplos de tradução que obtiveram mais sucesso no mercado chinês são aqueles que seguem a orientação da abordagem funcionalista. As vantagens desta teoria destacam-se neste contexto devido à cultura marcante de denominação de marcas na China, onde uma tradução que somente foca em manter o sentido e a pronúncia originais muitas vezes não atende à demanda ou à preferência dos consumidores chineses por nomes bonitos e dotados de algum significado dentro da cultura chinesa. Em uma cultura como essa, em que as marcas de produtos geralmente têm significados e conotações especiais, é importante que a tradução de marcas tente se aproximar o máximo possível do padrão estético apreciado pelos consumidores, mesmo que seja necessário algum sacrifício ou o total abandono do sentido original. Até uma tradução completamente diferente da marca original pode ser considerada boa, desde que a marca traduzida seja aceita com facilidade no mercado. Esta é justamente a proposta da teoria funcionalista: o resultado justifica os métodos.

Com base na análise realizada, sugere-se a adoção dos princípios da

teoria funcionalista para a realização da tradução de marcas que envolvam a língua chinesa, especialmente de marcas estrangeiras na China. Assim, conclui-se que, nesse contexto, o mais importante é o foco na adaptação da marca à cultura chinesa e no efeito da tradução, que é a sua aceitação no mercado chinês.

A tradução de marcas é apenas um exemplo da aplicação da teoria funcionalista na área comercial. Sugere-se que trabalhos futuros explorem a orientação dessa abordagem em outros contextos, em especial ainda dentro do escopo comercial. Como complementação deste trabalho, também seria interessante realizar algum estudo comparativo referente à tradução de uma marca específica ou de um número pequeno de marcas em um grande conjunto de países de línguas distintas e culturas diferentes, de modo a avaliar se o que foi observado para o contexto chinês se aplica também a outros países.

REFERÊNCIAS

BERMAN, Antoine. **A tradução da letra ou o albergue do longínquo**. Trad. Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.

FENG, Xiuwen. **On aesthetic and cultural issues in pragmatic translation**. New York: Routledge, 2017.

GIACOMO Leopardi. Trechos do Zibaldone di Pensieri sobre tradução. Trad. Andréia Guerini. In: GUERINI, Andréia; ARRIGONI, Maria Teresa (org.). **Clássicos da teoria da tradução**. Florianópolis: UFSC / Núcleo de Tradução, 2005. p. 163.

HOLZ-MÄNTTÄRI, Justa. **Translatorisches Handeln: Theorie und Methode**. Helsinki: Suomalainen Tiedeakatemia, 1984.

HÖNIG, H. G. Positions, power and practice: Functionalist approaches and translation quality assessment. In: SCHÄFFNER, C. (ed.). **Translation and quality**. Philadelphia: Multilingual Matters, 1998. p. 6-34.

HÖNIG, H. G.; KUSSMAUL, P. **Strategie der Übersetzung: Ein Lehr- und Arbeitsbuch**. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1982.

JABIR, J. K. Skopos theory: basic principles and deficiencies. **Journal of the College of Arts**, University of Basrah, n. 41, p. 72-84, 2006.

NORD, C. **Translating as a purposeful activity functionalist approaches explained**. Manchester: St. Jerome, 1997.

NORD, C. **Textanalysis in translation**. Tradução de J. Gras Verlag. Amsterdam: Rodopi, 2005.

REISS, K. Type, kind and individuality of text: decision making in translation. Tradução de Susan Kitron. **Poetics today**, v. 2, n. 4, p. 121-131, 1971.

REISS, K.; VERMEER, H. **Fundamentos para una teoría funcional de la traducción**. Madrid: Ediciones Akal, 1984.

SCHÄFFNER, C. Action (Theory of translational action). In: BAKER, M. (ed.) **Routledge encyclopedia of translation studies**. London: Routledge, 1998. p. 3-5.

SNELL-HORNBY, M. **Translations studies: an integrated approach**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995[1988].

SONTAG, S. **The world as India**. 2007. Disponível em: <<http://www.susansontag.com/prize/onTranslation.shtml>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

VERMEER, H. **Aufsätze zur Translationstheorie**. Heidelberg: Mimeo, 1983.

Data de envio: 28/08/2021

Data de aprovação: 26/01/2021

Data de publicação: 16/02/2022

Projeto PIBIC (UNIR) em tradução: a categorização de culturemas da cidade de Porto Velho, RO

Mirella Nunes Giracca
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
mirellagiracca@gmail.com

Manuela Gomes Aragão
graduanda/Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
manu.aragaog@gmail.com

RESUMO: Neste trabalho, vamos expor parte da pesquisa realizada no projeto PIBIC da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) intitulado “A tradução dos culturemas presentes nos folhetos turísticos da cidade de Porto Velho: a (in)traduzibilidade de elementos específicos culturais”. O objetivo do artigo é mostrar e analisar a categorização de culturemas da cidade de Porto Velho, RO, tendo como base teórica principalmente os autores Nord (2016), Reiss e Vermeer (1996), Marcuschi (2008), Koch (2014) e Nobs (2006). A metodologia usada foi de cunho bibliográfico, com base em material já elaborado, e o método qualitativo para analisar os dados coletados. Por fim, os resultados obtidos até o momento dizem respeito sobretudo a culturemas que se enquadram como “Pontos Turísticos”, tanto na temática “Históricos e Culturais” quanto na “Ecológicos e Naturais”.

Palavras-chave: PIBIC; Tradução; Guia turístico; culturemas.

PIBIC Project (UNIR) in translation: the categorization of culturemes of Porto Velho, RO

ABSTRACT: In this work we will present part of the research carried out in the PIBIC project of the Federal University of Rondônia entitled: “A tradução dos culturemas presentes nos folhetos turísticos da cidade de Porto Velho: a (in)traduzibilidade de elementos específicos culturais” (“The translation of the culturemes in the tourist brochures of the city of Porto Velho: the (un)translatability of specific cultural elements”). The objective of the article is to show and analyze the categorization of culturemes of the city of Porto Velho, RO, based mainly on the authors Nord (2016), Reiss and Vermeer (1996), the linguists Marcuschi (2008) and Koch (2014), and Nobs (2006). The methodology used was bibliographic, based on previously developed material, along with the

qualitative method to analyze the collected data. Finally, the result collected so far concerns mainly culturemes that fall under the category “Tourist Spots” both in the categories "Historical and Cultural" and “Ecological and Natural”.

Keywords: PIBIC; Translation; tourist brochures; culturemes.

Introdução

A cidade de Porto Velho, situada no Estado de Rondônia, Norte do Brasil, nasceu a partir da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré (EFMM), no início do século XX, entre 1907 e 1912. Na década de 1970, criou-se o Território Federal de Rondônia e, em 1981, ele foi transformado em Estado, tendo a sua instalação ocorrido em 1982, confirmando-se Porto Velho como sua capital. É uma cidade considerada multicultural por receber pessoas de outras regiões do país e de outras nações, fator que acaba influenciando diretamente nas suas características peculiares, como a gastronomia, os hábitos, as vestimentas, as expressões idiomáticas, entre outros elementos. Desse modo, o município atrai pessoas que buscam o inexplorado e querem conhecer o leque de possibilidades que ele proporciona por estar em constante crescimento, além de ser um lugar com potencial elevado para negócios e de pertencer à Amazônia brasileira, que encanta com suas belezas naturais.

Neste trabalho, vamos expor parte da pesquisa realizada no projeto PIBIC-UNIR, em desenvolvimento, intitulado “A tradução dos culturemas presentes nos folhetos turísticos da cidade de Porto Velho: a (in)traduzibilidade de elementos específicos culturais”. O projeto tem como principal objetivo oferecer uma tradução do guia turístico da cidade de Porto Velho para a língua espanhola. O trabalho de tradução, a nosso ver, é de suma importância por percebermos que Porto Velho é uma das cidades de entrada para muitos imigrantes que buscam o Brasil para realizarem turismo, transações comerciais ou para estabelecerem residências. Por esse motivo, realizamos um estudo dos materiais direcionados ao setor turístico da região e encontramos alguns deles com traduções direcionadas apenas ao inglês, mas nenhum traduzido para a língua espanhola. Ora, quem conhece a região Norte do Brasil sabe que a maioria dos Estados faz fronteira com países como Bolívia, Venezuela, Colômbia e, por essa razão, percebemos a importância de oferecer um material adequado a esse público que chega ao Brasil via Porto Velho.

A justificativa do nosso projeto surge por não existirem folhetos turísticos ofertados em língua espanhola e, desta forma, lançamos então a proposta de iniciar um projeto cujos objetivos são: a) mapear os textos turísticos do município de Porto Velho e do Estado de Rondônia; b) analisar o conteúdo presente neles; c) dentre todos, selecionar apenas um panfleto; d) verificar os culturemas do material selecionado; e) dividi-los em categorias, segundo as propostas de Molina Martinez (2001) e Giracca (2013); f) buscar técnicas de tradução para os culturemas encontrados e, por fim, g) apresentar a tradução do guia de Porto Velho para a língua espanhola.

Até o momento, não foi possível alcançar todos os objetivos propostos no projeto devido ao contexto de pandemia do Sars-Cov-2 (Covid-19), que se estende há mais de um ano. Devido ao cenário citado, tivemos que recorrer aos sites oficiais das secretarias para a coleta dos materiais, visto que os estabelecimentos foram fechados durante muito tempo, e os servidores passaram a trabalhar de forma remota.

Neste contexto, chegamos até o objetivo de categorização dos culturemas. Para este artigo, vamos expor o atual momento da pesquisa, apresentando uma proposta de interface entre os Estudos da Tradução, a Linguística e o Turismo. Inicialmente, realizamos as leituras pertinentes para a construção do saber, acessando obras dos renomados autores funcionalistas da tradução, a saber, Nord (2016) e Reiss e Vermeer (1996). Em seguida, interligamos as leituras sobre tradução com a linguística, ao concebermos os conceitos de textos, tipologias, gêneros e funções textuais, entre outros. Além disso, ampliamos os conceitos a partir de teóricos linguistas, a saber, Marcuschi (2008) e Koch (2014). Por último, recorreremos à publicação de Nobs (2006), que retrata elementos destinados à qualidade da tradução de folhetos turísticos, entre outros autores que se dedicam à interface tradução e turismo.

Desse modo, este artigo está dividido em três momentos. Na primeira parte, explanamos os fundamentos teóricos da tradução funcionalista e culturemas. Na segunda, retratamos breves conceitos sobre o gênero textual folheto turístico e suas implicações. Na terceira, dissertamos sobre a metodologia e a análise dos dados encontrados até o momento. Para finalizar, tecemos algumas considerações direcionadas a este trabalho

1. A Tradução Funcional e os culturemas: breves considerações

A tradução serve para que possamos descobrir novos mundos, ir além das fronteiras, entendermo-nos com outras culturas e povos. Estamos de acordo com Arrojo (2007), quando a autora defende que o ato tradutório não é apenas uma transposição de significados estáveis de uma língua para outra, por percebermos que o texto-fonte (TF) e o texto-meta (TM) são resultados de práticas sociais, de contextos sócio-histórico-culturais específicos vinculados a um gênero textual e determinados por uma situação real e autêntica de comunicação. Por isso, entendemos que o TM não é o mero reflexo do TF e não pode ser uma representação literal, capaz de ser traduzido de maneira isolada, estática, fielmente, sem que se considere um contexto sócio-histórico, uma determinada cultura e uma prática social de chegada.

Por esse viés, nos sustentamos na tradução funcional por defender que tanto o TF quanto o TM não apresentam uma interpretação fixa, estática e estável.

Ambos exigem, por parte do emissor e do receptor, uma construção de sentido, um contexto, o seu entorno e a prática social dos sujeitos envolvidos através de um código, uma língua. Para que se tenha tradução, de acordo com Vermeer (1985), todo texto deve ser contemplado para que haja a construção de sentido e o resultado do ato comunicativo se dá através de atividades verbais de sujeitos socialmente distintos, que compreendem processos utilizando estratégias cognitivas, textuais e comportamentais em ações específicas.

Traduzir é um ofício minucioso do tradutor, a fim de que ele possua um olhar que compreenda não somente os códigos linguísticos, mas que perceba o texto como um ato comunicativo, resultado de propósito determinado, configurado por um gênero discursivo específico e pertencente a um contexto sócio-histórico-cultural. Em outras palavras, “o objetivo de uma comunicação, seja face-a-face ou por escrito, ou ainda uma comunicação ‘intercultural’, como é o caso da tradução, é o de transmitir ‘algo’ a um interlocutor, ao ‘receptor’” (VERMEER, 1985, p. 12). Essa perspectiva de tradução considera a composição do TM mais importante que o eco do TF, já que considera receptores previamente definidos pelos autores dos textos. Assim, ao iniciar uma tradução, o tradutor deverá considerar o perfil do receptor de chegada para realizar a produção do texto-traduzido a partir dos propósitos e funções textuais, a fim de que esse processo seja um ato comunicativo entre receptor final e texto traduzido.

Segundo Reiss (2004), para que haja tradução é preciso considerar a macroestrutura do texto, isto é, ir além das adversidades tradutórias presentes nos textos, uma vez que é na macroestrutura de um texto que se encontrarão os fatores determinantes para que haja comunicação. Além disso, é preciso considerar os fatores internos e externos do TF, bem como os elementos intra e extratextuais relacionados às diferentes culturas inseridas na produção do TM.

Os autores Reiss e Vermeer (1996) atestam dois aspectos a serem avaliados no processo de tradução. O primeiro é sobre o ato tradutório, o qual ocorre a partir de uma ação humana carregada de intenção e repleta de propósitos, levando em consideração uma determinada situação. O segundo discorre sobre a tradução como um processo cultural, no qual ela é considerada uma ação humana que objetiva um propósito, anexada em um determinado contexto social e, por esta razão, embebida de elementos culturais. Vermeer (1985) também salienta a importância do aspecto cultural na tradução:

Cada cultura tem as suas formas habituais. Cada texto ou reflete tais hábitos e tradições ou diverge deles duma maneira particular. [...] Se, portanto, cada cultura tem as suas expressões individuais, a tradução tanto quanto possível “literal” cria um texto de chegada, na cultura de chegada, que diverge do que aqui é habitual e

tradicional, porque repete o que mais bem pertence à outra cultura. A tradução literal torna o texto mais distanciado do leitor de chegada do que o era para o leitor de partida. (*ibidem*, p. 7).

De acordo com as teorias de Reiss e Vermeer, Christiane Nord (1991) entende a translação¹ como uma comunicação intercultural. Para os autores funcionalistas, o processo tradutório é uma atividade de mediação cultural e, portanto, o eixo central desta perspectiva está na ação comunicativa, real e autêntica. Desse modo, o tradutor é um mediador entre línguas e culturas.

Assim, quando o ele considera os elementos externos e internos do texto, ou seja, pondera sobre os elementos verbais e não verbais marcados culturalmente pelos perfis de uma determinada sociedade e/ou grupo social, esse mediador trata de reconfigurar a ação comunicativa do TF para o texto traduzido (TM). Essa ação trará desafios culturais que o tradutor deve mediar culturalmente aos receptores meta.

1.1. Afinal, como denominar os elementos culturais específicos?

Estudar a tradução funcional necessariamente implica investigar elementos culturais, sejam estes específicos a uma cultura ou não. Quando se trata de práticas exclusivas, existem inúmeras denominações possíveis, conforme o teórico e a linha de pesquisa que servem como norte. De acordo com Vermeer (1985), para que a tradução seja uma ação comunicativa, é preciso reconsiderar o termo tradicional de língua de origem e língua de chegada, adicionando também as expressões cultura de origem e cultura de chegada.

Ao longo dos anos, muitos pesquisadores renomados realizaram pesquisas sobre os elementos próprios a uma cultura. Nida (1975) foi um dos precursores teóricos que direcionou os “elementos culturais” e os determinou como ponto chave da tradução. Vlahov e Florin (1970 *apud* MOLINA MARTÍNEZ, 2001) refizeram as categorias propostas por Nida e as chamaram de “realias”. Por sua vez, Newmark (1995, [1988]) propôs uma adaptação e apresentou-as como “palavras culturais estrangeiras” ou categorias culturais. Outra contribuição deste autor foi o termo “foco cultural”, usado para se referir àqueles pontos do discurso que não possuem correspondência na língua de chegada. House (1977 *apud* MOLINA MARTÍNEZ, 2001), por sua vez, ressaltou os termos “tradução evidente e encoberta” (tradução nossa)² para especificar

¹ Christiane Nord denomina como translação o ato de traduzir tanto textos orais como textos escritos.

² Texto de origem: “overt and covert translation” (HOUSE, 1977, *apud* MOLINA MARTÍNEZ, 2001, p. 77).

traduções em função da distância cultural que existe entre essas e seus textos de origem.

Os culturemas, então, ganham destaque a partir da perspectiva funcionalista dos autores Vermeer (1985) e Nord (1997), os quais fazem um resgate da teoria “Kulturretheorie” (Teoria do Culturema) de Oksaar (1988 *apud* PFAU; ZIPSER, 2014, p. 332). A partir desse resgate teórico, eles são definidos como elementos específicos culturais de uma determinada comunidade. Por serem característicos de um grupo étnico, não é possível encontrar uma correspondência comportamental linguística e tampouco costumes, hábitos, práticas equivalentes devido à sua especificidade léxico-cultural. Sendo assim, Nord (1997) apresenta os culturemas como elementos indicadores comportamentais e se refere a eles como pontos ricos, porque são eles que acabam particularizando comportamentos entre os povos e serão os pontos desafiadores para o tradutor ao se deparar com essas barreiras culturais. Em algumas publicações, Nord direciona este conceito baseado na teoria de Vermeer, em que os culturemas são considerados como “um fenômeno social de uma cultura X que é entendido como relevante pelos membros dessa cultura e que comparado com um fenômeno correspondente de uma cultura Y, resulta ser específico da cultura X” (NORD, 1997, p. 34).

Mas, Nord (2012, p. 171) amplia sua definição ao incluir os elementos paraverbais e define o conceito de culturema como abstrato e supracultural; nesse caso, ela considera os elementos comportamentais (uma saudação, um cumprimento, um gesto, entre outros). A autora enfatiza, ainda, que culturema é “um comportadema”. Entretanto, ela apresenta uma discordância teórica de conceituação em relação a Amparo Hurtado Albir em uma entrevista a Monique Pfau e Meta Elisabeth Zipser, a saber:

O conceito de um culturema que eu peguei emprestado de Els Oksaar. E Amparo Hurtado usou esse “culturema”, que em alemão chamamos de “Kulturrem”, em um senso a respeito de algo especificamente cultural em um texto, aquilo que diz respeito à cultura da língua. E isso é o que chamo de “referências culturais”. Faz referência a uma cultura. Porque o culturema não está no texto, ele não será encontrado; não em palavras. Eu posso me referir a ele em palavras. (PFAU; ZIPSER, 2014, p. 333).

Sendo assim, vemos que Molina Martinez (2001) baseia-se nas definições, sobretudo de Hurtado Albir, mas também segue os conceitos de Vermeer, Nord e Nida sobre os culturemas e propõe um modelo de classificação de acordo com o âmbito cultural em que o culturema estará inserido. Segundo Molina Martinez

(2001, p. 92), os elementos culturais não são “somente representados por palavras culturais, uma catalogação coerente deve partir de uma catalogação na qual o entorno cultural seja levado em consideração”. Neste contexto, percebemos que, para classificar um culturema, é preciso refletir acerca do contexto sócio-histórico-cultural em que esse se encontra.

Em vista disso, as categorias propostas por Molina Martinez (2001) são: 1. Meio Natural; 2. Patrimônio Cultural; 3. Cultura Social; 4. Cultura Linguística; 5. Interferência Social (que engloba os Falsos Amigos Culturais e Intercensão Cultural). Com base nessas categorias, Giracca (2013) amplia tal proposta e cria uma nova categoria denominada Pontos Turísticos. Por fim, para este trabalho, teremos como principal base teórica para a análise do nosso corpus as categorias propostas por Molina Martinez (2001) e Giracca (2013).

2. Guia turístico de Porto Velho: uma análise da cultura local

Os gêneros textuais estão presentes nas nossas vidas há anos e nunca saíram de moda. Atualmente, eles não estão vinculados apenas ao âmbito literário, porque nos comunicamos de diversas maneiras. Vale ressaltar que os discursos podem ser orais, escritos e gestuais. Diversas ciências estudam e analisam os gêneros textuais, sendo algumas delas: etnografia, sociologia, filosofia e linguística. A área que vamos trabalhar se enquadra sob a ótica da linguística.

O estudo sobre gêneros textuais está se tornando multidisciplinar, isso porque estudiosos de outras áreas estão pesquisando e interligando essa ação comunicativa aos seus respectivos campos. Segundo Marcuschi (2008, p. 149), “a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral”. Sendo assim, fazer uso de um gênero textual é fazer uso da língua em diversos momentos do dia-dia. Em concordância com a tradução funcional, o uso dos gêneros textuais engloba formas reais de comunicação, ações autênticas e sociais, comum entre sociedades e culturas.

Marcuschi (*ibidem*) afirma que os gêneros textuais são: “uma categoria cultural; um esquema cognitivo; uma forma de ação social; uma estrutura textual; uma forma de organização social; uma ação retórica”. O autor assevera, ainda, que o gênero pode ser tudo isso ao mesmo tempo se analisarmos atentamente suas características. Desse modo, percebemos o gênero textual como um evento social e concordamos com Marcuschi (2008) ao afirmar que nos comunicamos através de um deles, ou seja, para que haja comunicação real e autêntica, precisamos fazer uso de um gênero textual. Além disso, estes possuem uma

estrutura dinâmica em que os limites e as demarcações apresentam uma origem. Cada um apresenta uma especificidade, como, por exemplo, os textos acadêmicos, que geralmente são argumentativos, persuasivos; enquanto os textos publicitários buscam persuadir o receptor a consumir ou comprar aquilo que se vende.

Em outras palavras, Marcuschi (2008, p. 155) define os gêneros textuais como enunciados do nosso cotidiano, que “apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas”. Sendo assim, os percebemos como organizações práticas que servem para expressar a comunicação de diferentes formas.

A partir do conceito geral sobre gênero textual, entendemos que o folheto turístico pertence às áreas da publicidade e, também, do turismo. Em primeiro lugar, ele se enquadra no hall da publicidade porque um dos objetivos dos folhetos é “vender” um lugar e seus diversos produtos. Em segundo, o folheto turístico pertence ao turismo porque apresenta características, elementos e informações de lugares, cidades, Estados, entre outros “pontos turísticos”. Conforme já mencionamos, o corpus selecionado para nossa pesquisa foi o “Guia turístico de Porto Velho, RO”, ou seja, nosso propósito principal é avaliar os elementos culturais presentes nesse material, a fim de categorizar os culturemas selecionados para, futuramente, ofertar uma tradução adequada para hispanofalantes.

Diante dos diversos gêneros existentes no mundo turístico, podemos citar alguns deles, a saber: guias, folhetos, anúncios, panfletos, sites de agências, entre outros. Os guias turísticos, segundo Perton (2010), são textos persuasivos porque buscam fazer com que os consumidores comprem e queiram conhecer o que lhes está sendo ofertado, seja um pacote de viagem, uma hospedagem em um hotel, etc. Além disso, possuem caráter informativo, já que, acompanhados do induzimento, apresentam informações necessárias aos consumidores, como valores e características extras que convençam a compra daquilo que se vende ou se promove.

A função apelativa também está presente nos materiais turísticos, direcionada a um receptor, pois o texto objetiva embarcar no mundo, na sua mentalidade e na sua psique. De certa maneira, é preciso haver um diálogo entre texto e receptor, e esse, além de passar informações acerca do produto, ao mesmo tempo, apresenta estratégias apelativas e persuasivas para conseguir atingir o propósito desejado (NOBS, 2006).

Os textos turísticos podem ser também instrutivos, já que direcionam o receptor a um local, proporcionam informações e direcionam o consumidor. Para

tanto, é preciso que o texto seja claro, objetivo e agradável tanto a nível de estilo quanto em relação ao conteúdo e design, uma vez que esses elementos influenciam diretamente no efeito positivo ou negativo do texto (PERTON, 2010).

Ao analisar o guia, tomando por base a teoria estudada, percebemos que o “guia turístico de Porto Velho” mantém um padrão e segue a mesma estrutura de outros folhetos estudados, apesar de alguns elementos se destacarem mais que outros. As imagens são mais evidenciadas no material porque são grandes, com boa resolução, e, ao lado delas, há pequenos textos informativos, complementando as fotos. Este guia está dividido por seções: “Históricos e Culturais”; “Ecológicos e Naturais”; “Arte, Entretenimento e Lazer”; “Artesanato e Gastronomia” e, por fim, “Serviços - Guia de viagem”. Na primeira página do folheto, há uma logomarca referente à prefeitura de Porto Velho, RO. As páginas do material seguem com fotos e informações relacionadas às imagens. Por fim, na última página, temos informações das pessoas e dos departamentos responsáveis pela confecção do guia.

Segundo Fischer (2004), normalmente os textos turísticos são compostos pelos seguintes elementos:

- A portada do folheto com o nome do museu, da cidade a ser visitada ou um slogan publicitário;
- O texto propriamente dito (com descrições, informações históricas etc.);
- Informações práticas (sobre horários, transportes, clima etc.);
- As ilustrações que geralmente acompanham o texto e às vezes ocupam mais espaço que o texto em si, dependendo se é o caso de textos com finalidade principalmente publicitários;
- Podem ser incluídos outros elementos como, por exemplo, mapas, plantas de edifícios, publicidades de outras empresas além da editora ou gráfica etc. (FISCHER, 2004, p. 1).

A linguagem utilizada no guia é técnica. Segundo Sauer (1990), citado em Perton (2010, p. 14), “a linguagem técnica é uma derivação específica da linguagem corrente e forma parte dela, já que faz uso das possibilidades linguísticas comunicativas que tem a linguagem corrente, ou variedade standard”. Neste caso, a linguagem técnica serve para oferecer informações específicas, relacionadas ao turismo e, além disso, para fazer uso de palavras do cotidiano em que o guia foi produzido. Por um lado, temos a presença de um nível de linguagem especializado, direcionado para a área de turismo que, ao mesmo tempo, faz uso de léxicos não tão específicos com o propósito de

comunicação para leitores leigos na área, mas que são os receptores finais desse material.

2.1. Categorizando os culturemas

A metodologia usada é de cunho bibliográfico, “com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p.44), acompanhado do método qualitativo, a fim de analisar a qualidade dos dados e retratar o maior número de elementos existentes na realidade estudada. Dessa forma, a primeira fase da pesquisa se organizou em três etapas, descritas a seguir:

I. Realizar o levantamento teórico de artigos, dissertações, livros, entre outros textos, sobre tradução, funcionalismo e culturemas. Encontramos publicações de autores como Christiane Nord (2016), Molina Martínez (2001) e Mirella Nunes Giracca (2013), entre outros;

II. ao mesmo tempo que realizamos as orientações e as leituras, começamos a fase de levantamento dos materiais turísticos da cidade de Porto Velho e do Estado de Rondônia. Entre conversas e discussões, por fim, decidimos selecionar um guia turístico. Devido ao cenário de pandemia, não foi possível coletar os folhetos turísticos nas secretarias de turismo do Estado e do município; mas, buscamos textos gratuitos disponíveis nos sites das respectivas secretarias de turismo e escolhemos o “Guia Turístico de Porto Velho”, disponível no site da SEMDESTUR³ de Porto Velho, RO. A escolha desse material se justifica pelo fato de ele apresentar a maioria dos pontos turísticos da cidade e outras informações relevantes sobre o município, como a gastronomia e a história, acompanhados de breves descrições sobre cada um, facilitando a identificação dos culturemas. Além disso, o guia também divide os elementos culturais em temáticas, conforme mencionamos anteriormente: 1. Históricos e Culturais; 2. Ecológicos e Naturais; 3. Arte, Entretenimento e Lazer; 4. Artesanato e Gastronomia, e 5. Serviços - Guia de Viagem. Para o presente artigo, foram selecionadas apenas duas temáticas, a saber “Históricos e Culturais” e “Ecológicos e Naturais”;

III. com o material selecionado e disponível para análise, começamos a categorizar os culturemas de acordo com o modelo de classificação de âmbitos culturais de Molina Martinez (2001). A partir da análise realizada até o momento, vamos expor aqui os culturemas categorizados como “Meio Natural”, “Patrimônio Cultural” e “Cultura Social”, além dos culturemas que se enquadram como “Ponto Turísticos”, conforme Giracca (2013).

³ Disponível em <https://semdestur.portovelho.ro.gov.br/>. Acessado em 06 jul 2021.

3. Breve categorização dos culturemas do Guia de Turismo de Porto Velho, RO, e algumas considerações

Neste momento, damos início à nossa análise apresentando as categorias de Molina Martínez (2001) acompanhadas pelos culturemas do guia turístico que se enquadram em respectivas categorias.

Quadro 01: MEIO NATURAL (Ecológicos e Naturais)

Âmbitos Culturais - Guia turístico
Meio Natural
Flora, Fauna, fenômenos atmosféricos, climas, ventos, paisagens (naturais e criadas), topônimos.
Ecológicos e naturais
“[...] A focagem de jacarés, a observação de pássaros e as trilhas na floresta Amazônica são possibilidades para quem visita o Lago do Cuniã. [...]” (p. 19) / “[...] é reconhecido pelo lindo pôr-do-sol que faz com que as águas fiquem douradas, em um cenário admirado por todos. [...]” (p. 20) / “[...] abriga fauna rica, tendo como destaque o Boto cor de Rosa [...]” (p. 20) TOPÔNIMOS: Rio Madeira: “[...] A magia da cordilheira dos Andes, a natureza em troncos que lhe deram o nome, a força das corredeiras e riquíssima fauna e flora em suas margens faz o rio o maior atrativo natural da cidade. O Rio Madeira é o protagonista na cidade de Porto Velho.” (p. 20) / “[...] Os destaques ficam por conta do píer que dá acesso a uma praia artificial construída a partir do reservatório da Usina Hidrelétrica Santo Antônio [...]” (p. 21) / “[...] onde os visitantes podem ter contato através de trilhas, com a magnitude da flora e fauna Amazônica. [...]” (p. 27)

Fonte: As autoras, Guia Turístico de Porto Velho.

Nessa categoria, Molina Martínez (2001) incorpora a classificação “Ecologia” de Nida (1975), que reúne a flora, fauna, fenômenos atmosféricos, ventos, climas, etc. juntamente com a classificação de “Ambiente Natural” de Nord (2012, p. 125), em que se inserem as paisagens naturais e as criadas pelo homem. Desse modo, os culturemas presentes nesse âmbito dão destaque à fauna e à flora Amazônica através de trilhas em espaços como, por exemplo, o Lago do Cuniã, além de possuírem paisagens criadas pelo homem, como o píer que dá acesso a uma praia artificial na Vila Nova de Teotônio.

O pôr-do-sol é um dos destaques naturais e atrai diversas pessoas para contemplá-lo à beira do Rio Madeira, rio imponente e de grande importância para a cidade. Ao contemplar o pôr-do-sol, é possível apreciar também a presença do Boto cor-de-rosa, considerado um personagem das lendas urbanas, uma vez que, quando dizem que as mulheres estão “grávidas do Boto”, significa dizer que não se sabe quem é o pai da criança e, por isso, o culpado pelo embarço passa a ser o Boto.

Ainda sobre a categorização “Meio Natural”, contamos com os topônimos que podem gerar um conflito cultural por serem classificados tanto como nomes

geográficos quanto como nomes próprios de lugares. Como topônimo para essa categoria, temos a presença do Rio Madeira, elemento de suma importância para a cidade e toda a população que nela habita.

Quadro 2: PATRIMÔNIO CULTURAL (Histórico e Cultural; Ecológicos e Naturais)

Âmbitos Culturais - Guia turístico
Patrimônio Cultural
Personagens (fictícios ou reais), fatos históricos, conhecimento religioso, festividades, crenças populares, folclore, nomes próprios, utensílios, objetos, instrumentos musicais, técnicas empregadas na exploração da terra, da pesca, questões relacionadas ao urbanismo, estratégias militares etc.
Histórico e Cultural
Três Caixas d'água - Três Marias / Estrada de Ferro Madeira Mamoré (EFMM) - "Ferrovia do Diabo" / Prédio Universidade Federal de Rondônia - "Porto Velho Hotel" - FUNDACENTRO / Prédio da antiga administração da Estrada de Ferro Madeira Mamoré - Prédio do relógio/ Palácio Presidente Vargas - Museu da Memória Rondoniense / Catedral Sagrado Coração de Jesus / Seminário Maior João XXIII - Antigo Colégio Dom Bosco - Atualmente é sede da FCR / Igreja de Santo Antônio / Paróquia de São Tiago (p. 24) PERSONAGENS: "[...] primeiros colonizadores da região [...]" (p. 13) / OBJETOS: Presépio do Trem - "Presépio Mad Maria" (p. 24) / "[...] trilhos, trem, igreja e cachoeira do Santo Antônio [...] Estrada de Ferro Madeira Mamoré" (p. 24) CONHECIMENTO RELIGIOSO: "[...] Além da devoção popular ao Santo, há forte presença de expressões afro-religiosas nas proximidades [...]" (p. 16)
Ecológicos e naturais
PERSONAGENS: "[...] famílias ribeirinhas [...] moradores locais [...]" (p. 21)

Fonte: As autoras, Guia Turístico de Porto Velho.

De acordo com as orientações básicas do Governo Federal sobre Turismo Cultural, temos a seguinte informação:

Considera-se patrimônio histórico e cultural os bens de natureza material e imaterial que expressam ou revelam a memória e a identidade das populações e comunidades. São bens culturais de valor histórico, artístico, científico, simbólico, passíveis de tornarem-se atrações turísticas: arquivos, edificações, conjuntos urbanísticos, sítios arqueológicos, ruínas; museus e outros espaços destinados à apresentação ou contemplação de bens materiais e imateriais; manifestações como música, gastronomia, artes visuais e cênicas, festas e celebrações. (BRASIL, 2006, p. 11).

Segundo Molina Martínez (2001, p. 93, tradução nossa), nessa categorização, “localizamos as referências físicas ou ideológicas que compartilha uma cultura”⁴. Para esta categorização, ela se apoia teoricamente na classificação de Nord (2016, p. 82), denominada função referencial, a qual “se refere a objetos ou fenômenos do mundo. Assim, no comportamento comunicativo a comunicação referencial pode surgir, por exemplo, da menção de um acontecimento histórico ou da descrição de um objeto”⁵ (MOLINA MARTÍNEZ, 2001, p. 76, tradução nossa). Além disso, a autora também insere, nesse contexto, as classificações de “Cultura Religiosa” e “Cultura Material” de Nida, “Cultura Material” de Newmark e as categorias de “realia folclóricos e mitológicos” de Vlahov e Florin.

Nos dois tópicos dessa categoria, os culturemas se enquadram por serem edificações e monumentos históricos da cidade; além deles, também estão os personagens reais que foram fundamentais para a construção da cidade; objetos que representam símbolos que traduzem a história da capital e conhecimentos religiosos, que são caracterizados pela devoção às crenças religiosas presentes na região. Destacar esses elementos como culturemas é importante porque, ao considerarmos a tradução uma ação cognitiva, direcionada para a comunicação, precisamos avaliar quem vai receber essa tradução e prever alguns elementos como conhecimento prévio do leitor, escala de valores, expectativas e normas, sejam elas implícitas ou explícitas (NOBS, 2006). Ao conjecturar essas informações, o processo tradutório, que é um ato complexo, deixa de ser uma ação mecânica para o tradutor, ou seja, esse tradutor passa a ser um mediador cultural e não um mero transcodificador de signos.

Quadro 3: CULTURA SOCIAL (Histórico e Cultural; Ecológicos e Naturais)

Âmbitos Culturais - Guia turístico
Cultura Social
Convenções e hábitos sociais: o tratamento e a cortesia, a maneira de comer, de vestir, de falar; costumes, valores morais, saudações e gestos, a distância física que os interlocutores mantêm etc.
Histórico e Cultural
"[...] Além da devoção popular ao Santo, há forte presença de expressões afro-religiosas nas proximidades [...]" (p. 16).
Ecológicos e naturais
"[...] e aos passeios de voadeira que dão aos visitantes a oportunidade de conhecer as belezas naturais da região e são realizados por barqueiros da própria comunidade. [...]" (p. 20) / "[...] oferece ambiente agradável aos praticantes de exercícios, que têm nas seringueiras e trilhas

⁴ “ubicamos las referencias físicas o ideológicas que comparte una cultura”.

⁵ “[...] se refiere a los objetos o fenómenos del mundo. Así, en el comportamiento comunicativo la comunicación referencial puede surgir, por ejemplo, de una mención de un acontecimiento histórico o de la descripción de un objeto [...]”.

desde as primeiras luzes do dia, excelente oportunidade para se ter contato com a natureza." (p. 26) / Local para lazer, recreação e práticas esportivas [...] especialmente nos horários que compreendem o início e fim dos dias, a presenças de muitas pessoas dá mais vida ao lugar [...]" (p. 26).

Fonte: As autoras, Guia Turístico de Porto Velho.

Essa categorização de Molina Martinez (2001, p. 72, tradução nossa) está diretamente relacionada com a de "Cultura Social" de Nida, pois o autor define-a, segundo palavras de Molina Martinez, assim: "[...] dá conta das interferências entre as distintas culturas-línguas devido aos hábitos sociais [...]". Nessa categorização ainda entram as "Palavras Culturais" de Newmark, direcionadas às organizações, costumes e ideias. Por fim, se encaixam como "Cultura Social" também as funções fática, expressiva e apelativa, propostas por Nord (2012).

Além disso, Molina Martinez (2001) divide essa categoria em dois tópicos: "Convenções e hábitos sociais" e "Organização social". Para esta categoria, os culturemas encontrados só foram identificados no tópico "Convenções e hábitos sociais". Na temática "Históricos e Culturais", os culturemas se encaixam por se tratar de um costume dos munícipes de devoção às crenças religiosas presentes na região, adquirido através do convívio social. Já na temática "Ecológicos e Naturais", os culturemas destacados estão relacionados aos hábitos dos porto-velhenses, muitos deles adquiridos através do convívio social e que são realizados em espaços naturais, como parques e rios da cidade. Por exemplo, dar um passeio de voadeira, frequentar os locais para prática de exercícios, lazer e recreação, em que muitas pessoas se concentram nesses lugares para descontraírem, ou aproveitar o início ou final do dia para descansar.

Quadro 4: PONTOS TURÍSTICOS (Histórico e Cultural; Ecológicos e Naturais)

Âmbitos Culturais - Guia turístico
Pontos Turísticos
Edifícios (museus, shoppings, universidades etc.). Localização (ruas, praças etc.). Monumentos (estátuas, bustos, pontes etc.). Obras (de arte, fachadas etc.). Natureza (praias, parques, bosques etc.).
Histórico e Cultural
LOCALIZAÇÃO: "[...] parte alta do centro antigo [...]" (p. 7) / Praça das Três Caixas d'água - Três Marias / Complexo Turístico da Estrada de Ferro Madeira Mamoré (EFMM) - "Ferrovia do Diabo" / "[...] o Palácio está localizado em frente à Catedral e ao lado da Biblioteca Francisco Meirelles. [...]" (p. 10) / "[...] A praça em frente do palácio oferece espaço com o de viver comum à primeira metade do século [...]" (p. 10) / "Localizada em um território de grande importância histórica para Porto Velho [...] A capela foi construída onde existiu a Vila que guardava registros das primeiras tentativas de construção da EFMM." (p. 16) / "[...] Muitos moradores utilizam esse espaço, por sua proximidade à Catedral e outros atrativos históricos da cidade." (p. 17) / "[...] A localização próxima à praça, símbolo da cidade, agrega mais valor às visitas.

[...]" (p. 18) / "[...] A localização, sua arquitetura e a importância histórica na cidade de Porto Velho transformaram o prédio em atração turística. [...]" (p. 22)

EDIFÍCIOS: Catedral Sagrado Coração de Jesus / Palácio Tancredo Neves / Palácio Presidente Vargas - Museu da Memória Rondoniense / Prédio Universidade Federal de Rondônia - "Porto Velho Hotel" / Prédio da antiga administração da Estrada de Ferro Madeira Mamoré - Prédio do Relógio / Igreja de Santo Antônio / Biblioteca Municipal Francisco Meirelles / Casa de Cultura Ivan Marrocos / Seminário Maior João XXIII - Antigo Colégio Dom Bosco - Atualmente é sede da FCR / Museu Internacional do Presépio

MONUMENTOS: "[...] bancos que são testemunhas de conversas [...]" (p. 10)

NATUREZA: "[...] próximo à cachoeira de Santo Antônio [...]" (p. 16).

OBRAS: "Com pedra fundamental lançada em 1917 e altar-mor confeccionado em São Paulo por artistas italianos, todo em mármore Carrara, a Catedral é um dos principais atrativos religiosos da cidade. [...]" (p. 9) / "[...] A beleza arquitetônica e a importância para a história da cidade justificam a atração de turistas." (p. 12) / "Com arquitetura ousada para os padrões da época, na forma de uma locomotiva estilizada. [...]" (p. 13) / "Com arquitetura estilizada é atraente aos olhos e alimenta a alma com expressões artísticas." (p. 18)

Ecológicos e naturais

LOCALIZAÇÃO: "[...] à margem esquerda do rio Madeira, com acesso fluvial a partir de Porto Velho ou rodoviário até a margem oposta próximo ao distrito de São Carlos, com acesso por trilha de aproximadamente 12 km. [...]" (p. 19) / "Localizada a 39 km de Porto Velho, com acesso pela BR-364 sentido Acre [...]" (p.21) / "Está localizado a 15km do centro da cidade. [...]" (p. 27)

NATUREZA: Lago do Cuniã (reserva extrativista) / Rio Madeira / Vila Nova de Teotônio / Parque Circuito - Parque Dr. José Adelino / Parque da Cidade / Parque Natural Olavo Pires - Parque Ecológico.

Fonte: As autoras, Guia Turístico de Porto Velho.

A categorização denominada por "Pontos Turísticos" é justificada e definida por Giracca (2013) da seguinte maneira:

Para a categorização dos culturemas, partiremos da proposta de Molina (2001), porém sentimos a necessidade de fazer uma adaptação, já que o nosso corpus apresenta outras categorias [...] e assim acreditamos obter uma melhor avaliação das técnicas usadas pelos tradutores. Nossa escolha se justifica, visto que para a proposta apresentada por Molina Martinez (2001) foi necessário agregar outros elementos não presentes nos trabalhos dos demais autores citados no Capítulo anterior. Para nosso corpus, percebemos a necessidade de ampliar esse modelo, adicionando itens e subitens (Pontos turísticos: Edifícios, Localização, Natureza, Obras e Monumentos, devido às especificidades do corpus escolhido para o presente trabalho) (GIRACCA, 2013, p. 61).

Os culturemas presentes nessa categorização se incluem em todas as subcategorias (Edifícios, Localização, Obras e Natureza). Esses locais possuem

grande relevância histórica e cultural, com destaque aos pontos que são preservados por seu valor memorável. São eles: edifícios, monumentos e fachadas, que contam a história da criação da cidade desde os primórdios, com a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, até seu desenvolvimento econômico e social. Também se enquadram nessa categoria os parques, lagos e vilas, os quais dão destaque à fauna e à flora amazônica, dessa forma, atraindo diversos turistas.

A partir da análise, percebe-se que alguns culturemas se repetem, sendo eles: Lago do Cuniã; Rio Madeira; Três Caixas d'Água - Três Marias; Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM) - "Ferrovia do Diabo" / Prédio da Universidade Federal de Rondônia - "Porto Velho Hotel" / Prédio da antiga administração da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré - Prédio do Relógio; Palácio Presidente Vargas - Museu da Memória Rondoniense; Catedral Sagrado Coração de Jesus; Seminário Maior João XXIII - Antigo Colégio Dom Bosco - atualmente sede da Faculdade Católica de Rondônia; Igreja de Santo Antônio, que são encontrados tanto na categorização de "Patrimônio Cultural" e "Pontos Turísticos".

Por se tratarem de patrimônios, logo despertam o interesse dos turistas em conhecê-los e, desse modo, acabam se tornando pontos turísticos por possuírem valor monumental e histórico. Mesmo que os culturemas sejam encontrados nessas duas categorias, e que haja características semelhante entre elas, nem todos os considerados Patrimônios Culturais são Pontos Turísticos, porque, segundo Giracca (2013), foi necessário fazer uma adaptação e inserir mais elementos que não estavam presentes na categorização de Molina (2001). Essa abrange os bens de natureza material e imaterial, que dispõem da proteção e dos cuidados especiais da Nação, dos Estados e dos Municípios.

Assim, na categoria de Pontos Turísticos, os subitens abrangem alguns dos culturemas que se repetem em Patrimônio Cultural, dando a eles uma categorização mais restrita de acordo com seu caráter (se são edifícios, uma localização, uma obra ou se tratam de elementos da natureza). Assim, no trecho: "[...] além da devoção popular ao Santo [Antônio], há forte presença de expressões afro-religiosas nas proximidades [...]" (p. 16), são identificadas as categorias "Patrimônio Cultural" e "Cultura Social" porque se trata de fatores de cunho religioso e crenças populares, itens de relevância para categorizar um patrimônio cultural, além de serem considerados hábito social, tópico da categoria de "Cultura Social".

Considerações finais

As considerações ditas finais deste artigo são, na verdade, considerações parciais do projeto, já que a nossa pesquisa segue em desenvolvimento, com

aprovação de novo projeto PIBIC, dando continuidade por mais um ano. Por isso, não será possível apresentar realmente resultados finais por entendermos que estamos ampliando a parte prática do projeto e, por esse motivo, também não conseguimos atingir todos os objetivos traçados para a conclusão da pesquisa. Entretanto, podemos tecer algumas considerações acerca das categorizações dos culturemas encontrados e destacados.

Podemos afirmar que o maior número de culturemas encontrados na cidade de Porto Velho, RO, faz parte da categoria “Pontos Turísticos”, tanto na temática “Históricos e Culturais” quanto na de “Ecológicos e Naturais”. Ressaltamos, ainda, que as principais características de um guia turístico é vender e expor um lugar, uma cidade, um Estado, entre outros “produtos”. Desse modo, o guia pretende fazer com que o turista sinta vontade de conhecer os lugares que estão sendo apresentados, ou seja, se sinta atraído por aquele material. Assim, percebemos que na categoria de “Pontos Turísticos” são citados edifícios, monumentos e obras que despertam a curiosidade, por possuírem um valor histórico, cultural, econômico e social para a cidade.

Além da categoria com maior número de culturemas, podemos avaliar e expor as maiores dificuldades encontradas para categorizar alguns deles: nas duas temáticas escolhidas para essa análise, há uma grande quantidade de elementos culturais e cada um contém diversas informações. Sendo assim, separar um a um e chegar a uma classificação requer um trabalho minucioso, por entendermos que alguns se encaixam em mais de uma categoria, enquanto outros podem ser categorizados facilmente. Desse modo, foi realizada mais de uma análise para que os culturemas fossem categorizados corretamente, seguindo os preceitos das teorias e dos teóricos base. Assim, com essa revisão, ficou constatado que alguns deles se encaixam em mais de uma categoria.

Além disso, vamos seguir com os próximos passos do projeto PIBIC para que consigamos oferecer uma tradução adequada desse material para turistas que buscam a cidade de Porto Velho, RO, como destino final (para viver) ou temporário (férias, negócios, entretenimento, entre outros). Assim que tivermos todos os culturemas destacados e categorizados, passaremos à etapa de buscar as técnicas de tradução que melhor condizem com uma tradução funcional. Devemos considerar que os elementos culturais não foram apresentados isoladamente, pois eles pertencem a um conjunto de informações, e esse texto deverá ser analisado a partir dos fatores externos e internos, conforme os modelos apresentados pelas autoras Nord (2016) e Hurtado Albir (2013). Desse modo, teremos um cuidado especial com as nossas possíveis barreiras tradutórias e passaremos a considerá-las como elementos integradores do texto.

Gostaríamos de ressaltar ainda o nosso olhar diante desse desafio de oferecer uma tradução adequada e funcional aos leitores-turistas que buscam a

cidade de Porto Velho, RO, a fim de que possam “se sentir em casa”, “se sentir seguros” em relação ao material e às informações impressas ou digitais e de que possam ter a certeza de que tudo foi cuidadosamente pensado e traduzido para um receptor hispanofalante.

Enfim, eis alguns dos principais aspectos de nossa pesquisa realizada no projeto PIBIC da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) intitulado “A tradução dos culturemas presentes nos folhetos turísticos da cidade de Porto Velho: a (in)traduzibilidade de elementos específicos culturais”.

REFERÊNCIAS

ARROJO, Rosemary. **Oficina de Tradução - A teoria na prática**. São Paulo: Editora Ática, 2007.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Secretaria Nacional de Políticas de Turismo cultural: orientações básicas**. Coordenação - Geral de Segmentação. – Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

FISCHER, Martin. **Sprachgefühl und Welterfahrung: La traducción inversa de textos turísticos como ejercicio para fomentar la competencia lingüística**. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra, 2004.

GIL, Antônio. Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIRACCA, Mirella Nunes. **Os culturemas presentes nos folhetos turísticos da Região Sul do Brasil: as técnicas utilizadas pelos tradutores**. (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis: UFSC, 2013.

HURTADO ALBIR, Amparo. **Enseñar a traducir: Metodología en la formación de traductores e intérpretes**. Madrid: Edelsa, 2013.

MARCUSCHI, Luis. Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 10ª ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

MOLINA MATÍNEZ, Lucía. **Análisis descriptivo de la traducción de los culturemas árabe-español**. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, Departament de Traducció i d'Interpretació, 2001.

NEWMARK, Peter. **Manual de traducción**. Madrid: Cátedra, 1995.

NIDA, Eugene. **Linguistic and Ethnology in Translation Problems**. Word, p. 194-208, 1975.

NOBS, Marie Louise. **La traducción de folletos turísticos**. ¿Qué calidad demandan los turistas? Pról. de Christiane Nord. Granada: Comares, 2006.

NORD, Christiane. **Text Analysis in translation**. Amsterdam: Rodopi, 1991.

NORD, Christiane. **Translating as a Purposeful Activity**. Functionalist Approaches Explained. Manchester: St Jerome, 1997.

NORD, Christiane. **Texto-Base-Texto Meta**: un modelo funcional de análisis pretrastlativo. Castelló de la Plana: Publicacions Universitat Jaume I, 2012.

NORD, Christiane. **Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática**. Coordenação da tradução e adaptação de Meta Elisabeth Zipser. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.

PERTON, Narda. **La traducción de textos turísticos**. Tesina UU: Universiteit Utrecht Vertalen, 2010.

PFAU, Monique; ZIPSER, Meta Elisabeth. Entrevista: Christiane Nord. **Cadernos de Tradução**. Florianópolis, v. 2, n. 34, p. 313-337, jul./dez. 2014.

REISS, Katherine; VERMEER, Hans Josef. **Fundamentos para una teoría funcional de la traducción**. Madrid: Akal, 1996.

REISS, Katharina. Type, kind and individuality of text – Decision making in translation. Translated by Susan Kitron. In: VENUTI, Lawrence (ed.). **The Translation Studies Reader**. New York: Routledge: 2004, p. 160-171.

VERMEER, Hans. **Esboço de uma teoria da tradução**. Lisboa, Portugal: ASA, 1985.

Data de envio: 25/10/2021
Data de aprovação: 06/12/2021
Data de publicação: 16/02/2022

Traduzir teoria da tradução em uma abordagem funcionalista: o caso das estratégias tradutórias de *Memes da Tradução*, de Andrew Chesterman

Monique Pfau
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
moniquepfau@hotmail.com

Simone Maria Evangelista Salles
graduanda/Universidade Federal da Bahia (UFBA)
simonemsalles@gmail.com

Fernanda da Silva Góis Costa
graduanda/Universidade Federal da Bahia (UFBA)
nandacosta1995@gmail.com

RESUMO: A tradução de *Memes of Translation*, de Andrew Chesterman, realizada pelo grupo de pesquisa Textos Fundamentais em Tradução da Universidade Federal de Bahia foi orientada pelos preceitos da teoria funcionalista a partir de seu propósito (REIß e VERMEER, 2014) e dos fatores intra e extratextuais de análise (NORD, 2016). Assim, a tradução dos exemplos das trinta estratégias tradutórias elencadas por Chesterman no livro foi adaptada de um *corpus* alemão-inglês para um *corpus* português-inglês com a finalidade de aproximação linguística e cultural com um público brasileiro interessado em teorias da tradução. Para isso, foi usado o princípio de lealdade de Nord (2016) para certificar que a adaptação dos exemplos respeitasse o conteúdo informativo, a argumentação de Chesterman e a compreensão do público leitor. Como resultado, os exemplos sofreram adaptações múltiplas, desde uma mudança de classe de palavras até uma de gênero textual, dependendo do caso, mas cumprindo com o propósito da tradução.

Palavras-chave: Tradução de teoria da tradução; estratégias tradutórias de Chesterman; adaptação do *corpus*.

Translating translation theory based on a functionalist approach: the case of translation strategies from Andrew Chesterman's *Memes of Translation*

ABSTRACT: The translation of *Memes of Translation*, by Andrew Chesterman, was carried out by the research group Key Texts in Translation at the Federal University of Bahia and guided by the functionalist theory, its purpose (REIß and

VERMEER, 2014) and intra and extratextual factors of analysis (NORD, 2016). Thus, the translation of the examples that illustrate the thirty translation strategies listed by Chesterman was adapted from a German-English *corpus* to a Portuguese-English one with the aim of approaching linguistic and cultural understandings to a Brazilian audience interested in translation theories. In this sense, Nord's (2016) principle of loyalty was used to ensure that the adaptation of the examples respected their informative content, Chesterman's arguments, and the readership's understanding. As a result, the examples underwent multiple adaptations, from word classes to genre, depending on the case, but always fulfilling the purpose of the translation.

Keywords: Translating theory of translation; Chesterman's translation strategies; *corpus* adaptation.

Introdução

Neste ensaio, propomos uma reflexão sobre o funcionalismo na tradução de uma obra de teoria da tradução. Partimos da teoria funcionalista para traduzir e refletir sobre as nossas próprias escolhas tradutórias, de modo que ela nos serviu como guia no processo de tomadas de decisões. O funcionalismo nos deu a base para um longo processo de metatradução, que, como observa Theo Hermans (2014), está para autorreflexão: é o acompanhar atento de quem traduz de sua própria tarefa, observando suas próprias ações e fatores condicionantes. Assim sendo, traduzir teoria da tradução é um intenso processo de metatradução, já que o próprio texto também dialoga com a autorreflexão de quem traduz, podendo, inclusive, guiar suas decisões.

A obra traduzida foi *Memes of Translation – the spread of ideas in translation theory*, de Andrew Chesterman (2016), do inglês para o português brasileiro¹. O livro reúne as grandes tendências da tradução (os memes), ou seja, ideias que se disseminam, se desenvolvem e se replicam como genes. Ela explora crenças (supermemes), evolução histórica, normas, estratégias, teorias, avaliações, questões éticas e pedagógicas da tradução. O propósito geral é observar a imensa variedade de ideias sobre tradução e as suas relações a partir da filosofia de Karl Popper.

A proposta de traduzir essa obra em particular foi pela sua popularidade global nos Estudos da Tradução, sendo amplamente citada em pesquisas publicadas em inglês, mas também em outras línguas. No Brasil, ela vem aparecendo em textos em língua portuguesa desde sua primeira publicação, em 1997². Os dois principais motivos que justificam trazer a obra para o Brasil são acessibilidade por meio da língua e a própria acessibilidade física da obra, que estará circulando dentro do país. Esse argumento será mais desenvolvido na próxima seção, sobre o propósito da tradução propriamente dita.

O projeto surgiu no grupo de pesquisa do grupo Textos Fundamentais em Tradução, que trabalha com a interface tradução especializada de textos acadêmicos e formação de tradutor(a)s. As primeiras atividades se iniciaram no final de 2018 (a elaboração do primeiro esboço do projeto), e as últimas foram concluídas em meados de 2021 (a última revisão por parte do grupo). O trabalho contou com cinco tradutoras em formação e uma professora, e a tradução foi realizada de forma colaborativa (KIRALY, 2005; 2012) de modo que todas as

¹ *Memes da Tradução* está em fase de editoração e será em breve publicado pela Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA).

² Buscando a palavra-chave “Chesterman” no banco de teses e dissertações da CAPES, há 26 resultados entre 2009 e 2017. (Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Acesso em 06/10/2021) Também há 819 títulos no Google Acadêmico com as palavras-chave “Chesterman tradução”, sem marcação de data, incluindo TCCs, artigos científicos e livros.

integrantes trabalharam ativamente em todas as etapas do processo a partir dos primeiros esboços de tradução individuais.

Desde o início, o processo de tradução foi guiado por preceitos funcionalistas. Ainda que a obra de Chesterman perpassasse várias teorias (incluindo o funcionalismo), com especial atenção ao conceito de normas (ver TOURY, 1995), a idealização do projeto de tradução foi conduzida principalmente a partir de propostas funcionalistas. O funcionalismo traz uma base sólida para tomadas de decisões, pois, desde a teoria do escopo (REIß e VERMEER, 2014), que nos leva ao propósito, elegemos prioridades em diversos níveis da tradução a partir dos fatores intra e extratextuais elencados por Christiane Nord (2016), tais como público-alvo, intenção, função, pressuposição, questões léxico-gramaticais, efeito etc., que serão melhores elucidados quando discutirmos mais especificamente as contribuições de Nord.

Neste sentido, a teoria funcionalista serviu para um processo holístico da tradução em diferentes níveis. Neste ensaio, entretanto, trazemos somente o caso da aplicação da teoria nos exemplos de estratégias tradutórias levantadas por Chesterman (2016) no capítulo 4 da sua obra. Seria possível trazer outras discussões sobre metatradução à luz do funcionalismo em outros recortes como o da terminologia especializada, o das questões discursivas, o das diferenças linguísticas entre o inglês e português acadêmico, o da referenciação, o dos problemas de ordem cultural, apenas para citar alguns³. Em relação aos exemplos das estratégias que foram completamente adaptados para o texto-alvo, podemos perceber um caso nítido da prioridade em manter a funcionalidade do texto na cultura-alvo.

44

1. A *Skopostheorie* e o projeto

A partir da teoria do escopo, Vermeer propõe que a tradução seja movida pela intenção. Se ela for comunicar-se transculturalmente, a primeira questão estaria em medir a distância entre os textos fonte e alvo e seu público idealizado. Para isso, além da compreensão da mensagem transmitida no texto-fonte, o autor salienta a importância do enfoque no propósito, a fim de que os(as) tradutores(as) se orientem pelo objetivo que pretendem alcançar com este texto (VERMEER, 1986, p. 8).

Deste modo, o propósito da tradução da obra de Chesterman está especialmente na acessibilidade da obra pela comunidade brasileira dos Estudos da Tradução, como já elucidado na introdução. Sabe-se que a tradução de

³ Algumas questões foram trazidas em Pfau (2020), quando o projeto ainda estava em andamento, sinalizando a elaboração do projeto a partir do(a) receptor(a), da estruturação, do léxico, de características suprasegmentais e da sintaxe (de acordo com alguns fatores de análise elencados por NORD, 2016).

material teórico é um fator determinante de influência na esfera acadêmica. No Brasil, com exceção de alguns programas de graduação e pós-graduação em línguas estrangeiras, literatura e outras áreas, o português é a língua oficial das instituições acadêmicas, ou seja, a “língua franca” das salas de aula. Para os(as) pesquisadores(as) no Brasil, o acesso a material estrangeiro traduzido significa não se limitar apenas às referências disponíveis na(s) língua(s) de proficiência do(a) pesquisador(a) e ter acesso a materiais provenientes de outros idiomas e formações acadêmicas.

Outro fator relevante para traduções publicadas de materiais acadêmicos é a acessibilidade. Textos publicados apenas no exterior têm seu acesso limitado no Brasil, sendo necessário, para adquiri-los, efetuar transações em moedas estrangeiras com o Euro e o Dólar. Além disso, a compra de material para as bibliotecas universitárias brasileiras em Estudos da Tradução normalmente é escassa, principalmente a de títulos importados.

Os motivos acima citados servem para a tradução de várias obras estrangeiras, no sentido de termos um acervo mais atual e mais rico em Estudos da Tradução no Brasil. Porém, pensando particularmente na obra de Chesterman, acentua-se a necessidade de acessibilidade da obra pela sua alta relevância no cenário atual dos Estudos da Tradução. Embora a primeira edição seja de 1997, a discussão ainda é relevante, e a edição de 2016 apresenta seções de “atualização” em cada capítulo, abordando alguns estudos mais recentes e perspectivas que surgiram desde então.

A tradução da obra também se justifica pelo seu caráter intertextual. O fato de várias teorias, práticas e críticas de tradução de outros(as) teóricos(as) serem discutidas neste livro também traz para o Brasil um conjunto de outras percepções sobre tradução de diversas comunidades linguísticas além do inglês, como, por exemplo, pesquisas oriundas da Alemanha e de países escandinavos que ainda não foram traduzidas para o português.

2. Os fatores intra e extratextuais de Nord (2016)

Para a realização do projeto tradutório, contamos com os fatores de análise elencados por Nord (2016) que apresenta um mapeamento de elementos internos e externos ao texto. Esses, que Nord chama de fatores, são dezessete ao todo, oito extratextuais, a saber: emissor(a), intenção, público, meio, lugar, tempo, propósito e função textual; e oito intratextuais, sejam eles: assunto, conteúdo, pressuposições, estruturação, elementos não-verbais, léxico, características suprasegmentais e sintaxe. Em uma categoria separada, Nord chama atenção para mais um fator: o efeito do texto.

A proposta da autora é que, antes de iniciarmos qualquer processo de tradução, esses níveis sejam primeiramente analisados no texto-fonte e então

projetados para o texto-alvo. Nessa análise, é possível ter um maior controle sobre o processo de tomada de decisões, pois ele será baseado no projeto.

De acordo com Nord (e com a nossa experiência), muitos desses fatores podem se manter os mesmos na análise do texto-fonte e na projeção do texto-alvo. Em nosso caso, ficou perceptível que, dentre os fatores extratextuais, foram mantidas a intenção – apresentar os memes da tradução a partir de teorias da sociobiologia e da filosofia, da história, do conceito de normas, de estratégias da tradução e de questões éticas e pedagógicas – e a função textual, que continua sendo informativa e argumentativa a partir do texto de Chesterman. Em relação aos fatores intratextuais, não houve mudanças nos elementos não-verbais – que se limitam a um poema alemão representado por símbolos tipográficos, traduzido para o finlandês, também por símbolos tipográficos, e que foi mantido. Os outros fatores, apesar de suas semelhanças, precisaram de adaptações, a exemplo das pressuposições – houveram pequenas variações a partir das pressuposições de Chesterman em relação às nossas. Isso porque entendemos que, do mesmo modo que o público brasileiro também é especialista em tradução, algumas partes poderiam ser mais explicitadas levando também em consideração tradutores(as) profissionais fora do contexto acadêmico e aqueles(as) em formação.

46

Nesta seção, a discussão se concentrará em três fatores que mostram diferenças na análise do texto-fonte e na projeção do texto-alvo: o público (extratextual), a estruturação e o conteúdo (intratextual). Esses são a base para a discussão da adaptação dos exemplos das estratégias tradutórias do capítulo 4 da obra traduzida.

O público precisa ser explicado porque é para ele que projetamos nossa tradução e é baseado nele que tomamos todas as outras decisões dos fatores de análise de Nord. Nesse sentido, ao imaginar a circulação da obra no Brasil (mas não limitada a ele), idealizamos professores(as) que atuam em instituições brasileiras, sejam falantes nativos(as) de português ou não, pesquisadores(as) em níveis de graduação e pós-graduação, alunos(as) de cursos e/ou disciplinas de tradução, dentro do âmbito acadêmico ou fora dele, e tradutores(as) profissionais. Além disso, primeiramente, idealizamos a obra para pessoas fluentes em língua portuguesa e cujas línguas de proficiência não incluem o inglês. Porém, a tradução também é voltada para aquelas fluentes em língua inglesa no Brasil, justamente pela maior acessibilidade da obra no país, conforme elucidado na seção anterior.

A partir de um público bem definido, todos os outros fatores foram discutidos e, quando necessário, adaptados para o contexto da tradução. Para a estruturação, enfoque deste ensaio, tivemos os seguintes resultados na análise do texto-fonte: ele é dividido em prefácio, sete capítulos, epílogo, apêndices,

referências e indexações de autores(as) e assuntos. Cada capítulo é segmentado em subseções, que são organizadas em formas de parágrafos, com ocasionais citações em blocos e sem notas de rodapé. Nesse sentido, a estrutura macro foi toda mantida, exceto por algumas adições: 1) nota das tradutoras no início; 2) uma seção pequena de referências bibliográficas utilizada para a tradução – por exemplo: para citações de obras traduzidas publicadas em português, como no caso de Schleiermacher (2010), usamos a citação do texto traduzido; 3) algumas notas de rodapé explicativas ou para colocar o texto-fonte das citações por nós traduzidas; 4) ocasionalmente, algumas paráfrases referenciadas, substituindo citações no texto-fonte.

Em relação ao conteúdo, ele foi majoritariamente mantido, com exceção da adaptação do *corpus* dos exemplos no capítulo 4, que fundamenta a base de discussão deste ensaio. Esse, que discorre sobre as estratégias tradutórias, sofreu mudanças mais substanciais no conteúdo justamente porque o *corpus* de exemplos foi completamente adaptado – o que também alterou completamente os apêndices.

A adaptação se deu por eles ilustram cada uma das trinta estratégias tradutórias apresentadas e explicadas por Chesterman a partir de um *corpus* alemão-inglês de uma revista de bordo da *Austrian Airlines* de 1992. Essa base de dados compreende quase todos os exemplos, mas, além dele, Chesterman também ilustrou algumas estratégias através de um trecho de um poema de Goethe, traduzido para o inglês por ele próprio, e outro de Wordsworth, traduzido por Jandl, e parte de um guia turístico da cidade de Viena. Nesse sentido, a partir do projeto de tradução, concluiu-se que uma adaptação dos exemplos para um *corpus* português-inglês mais atual ilustraria com mais clareza as estratégias tradutórias, desde que os exemplos abordassem estratégias que se encaixassem dentro das explicações fornecidas pelo autor.

Para legitimar a proposta, foi utilizado o princípio de lealdade abordado por Nord (2016), em um comprometimento entre as situações dos textos fonte e alvo:

[...] o tradutor está comprometido bilateralmente tanto com a situação do texto fonte como com a situação do texto alvo, e é responsável tanto pelo emissor do TF (ou iniciador, se ele também for o emissor) quanto pelo receptor do TA. Essa responsabilidade é o que chamamos de “lealdade”. Lealdade é um princípio ético indispensável nas relações entre os seres humanos, que são parceiros de cooperação de um processo de comunicação. (NORD, 2016, p. 62-3)

Assim, a primeira ação foi consultar o próprio Chesterman. Em conversa por e-mail, fizemos a sugestão de adaptação que foi imediatamente acolhida nas condições de que usássemos o mesmo gênero textual para a maioria dos exemplos (uma revista bilíngue de bordo) e que ele pudesse verificar as adaptações antes da publicação do livro em português.

A partir disso, foi selecionada a revista de bordo da empresa aérea Azul do ano de 2014. Também adaptamos os poemas e inserimos um artigo jornalístico no par inglês-português, como será apresentado a seguir. O objetivo dessa adaptação foi justamente pensando no público idealizado, ou seja, exemplos bilíngues que possam ser ilustrados em pelo menos uma língua conhecida pelo(a) leitor(a) (o português) de modo a facilitar a assimilação do conteúdo e da argumentação. Da mesma forma fez Chesterman no texto-fonte, já que todos os exemplos bilíngues apresentados no capítulo contemplam a língua inglesa, ou seja, aquela em que escreveu a sua obra e que, supostamente, é conhecida pelo seu público leitor.

Uma vez terminada a tarefa de tradução/adaptação dos exemplos e das explicações, o material foi enviado para Chesterman verificar e sugerir ajustes até que ele concordasse completamente com a nossa adaptação.

3. A aplicação da adaptação

48

Antes de ilustrar alguns casos de adaptação a partir das abordagens funcionalistas conforme o projeto de tradução, trazemos sucintamente as estratégias tradutórias elencadas por Chesterman na Seção 4.2 de *Memes da Tradução*. As estratégias são baseadas na ideia de que traduzir exige algum nível de mudança na tentativa de preencher, de alguma forma, o vão linguístico-cultural que existe entre os textos fonte e alvo a partir dos problemas encontrados durante a tradução. Nesse sentido, o autor elenca trinta estratégias de tradução em três eixos diferentes: gramatical, semântico e pragmático, a saber:

Quadro 1 -Estratégias Tradutórias de Andrew Chesterman (2016)

Estratégias Gramaticais	Estratégias Semânticas	Estratégias Pragmáticas
G1- Tradução Literal	S1- Sinonímia	Pr1- Filtro Cultural
G2-Empréstimo, Calque	S2- Antonímia	Pr2- Mudança de
G3-Transposição	S3- Hiponímia	Explicitação
G4-Deslocamento de	S4- Conversões	Pr3- Mudança de Informação
Unidade	S5- Mudança de Abstração	Pr4- Mudança Interpessoal
G5-Mudança de Estrutura do	S6- Mudança de Distribuição	Pr5- Mudança Illocucionária
Sintagma	S7- Mudança de Ênfase	Pr6- Mudança de Coerência
G6-Mudança de Estrutura da	S8- Paráfrase	Pr7- Tradução Parcial
Oração	S9- Mudança de Tropo	Pr8- Mudança de
		Visibilidade

G7-Mudança de Estrutura da Frase G8-Mudança de Coesão G9-Deslocamento de Nível G10-Mudança de Esquema	S10- Outras Mudanças Semânticas	Pr9- Transedição Pr10- Outras Mudanças Pragmáticas
--	---------------------------------	---

Fonte: As autoras

Cada uma das estratégias acima é apresentada no capítulo 4 com uma breve explicação e um ou mais exemplos bilíngues ilustradores da estratégia no par alemão-inglês. Dessas, somente as três últimas estratégias pragmáticas: Pr8- Mudanças de Visibilidade, Pr9 - Transedição e Pr10 - Outras Mudanças Pragmáticas, não são exemplificadas no texto-fonte.

Em relação à quantidade de exemplos adaptados no capítulo 4, o texto-alvo (TA) chegou a um número bastante próximo que ilustra, pelo menos, uma categoria ou subcategoria de estratégias tradutórias tal como consta no texto-fonte (TF), conforme apresentado no quadro a seguir:

Quadro 2 -Exemplos por estratégia tradutória no TF e no TA

Estratégias Gramaticais			Estratégias Semânticas			Estratégias Pragmáticas		
	TF	TA		TF	TA		TF	TA
G1	1	1	S1	2	2	Pr1	3	2
G2	-	-	S2	1	1	Pr2	6	6
G3	2	2	S3	a-1 / b-1 / c-1 (3)	a-1 / b-1 / c-1 (3)	Pr3	2	2
G4	3	3	S4	1	1	Pr4	2	2
G5	3	3	S5	2	2	Pr5	1	1
G6	5	3	S6	2	2	Pr6	1	1
G7	4	4	S7	2	2	Pr7	1	2
G8	4	4	S8	1	1	Pr8	-	-
G9	2	2	S9	a(i)-3 / a(ii)-1 / a(iii)-1 / b-1 / c-1/ d-2 (9)	a(i)-3 / a(ii)-1 / a(iii)-1 / b-1 / c-1/ d-1 (8)	Pr9	-	-
G10	a-1 / b-2 / c-0 / d-1 (4)	a-1 / b-2 / c-1 / d-1 (5)	S10	2	2	Pr10	-	-
Total - TF: 69 / TA: 67								

Fonte: As autoras.

O quadro 2 acima apresenta que o TA perdeu dois exemplos na estratégia G6, um na S9, e outro na Pr1. Por outro lado, o TA ganhou um na estratégia G10 (c) e um na Pr7. Para as outras, foi mantido exatamente o mesmo número de casos. Para a estratégia G2 - Empréstimo, Calque, os exemplos não foram contabilizados, mas há muitos termos e expressões dentro da própria explicação do item que ilustram possíveis situações. Nesse sentido, foram mantidas as

explicações ilustradoras dos pares inglês-francês e inglês-alemão, porém, traduzidos para o par inglês-português, pois também funcionavam nesse contexto (exemplo: o calque de “Superman”, em inglês, para “Übermensch”, em alemão, correspondeu a “Super-homem”, em português). Outras ilustrações que aparecem na seção são narrativas específicas de Chesterman sobre uma análise de Pym ou o uso do termo CD-ROM na Finlândia. Essas narrativas foram mantidas através de empréstimos e traduções literais entre parênteses, quando necessário, com o propósito de preservar a argumentação do autor.

A tradução da seção das estratégias priorizou a explicação e a ilustração dessa por meio de exemplos. As explicações sempre antecedem o texto exemplificador para conceituar como a estratégia pode existir e em que condições ela pode ser aplicada. Em alguns casos, também há aquelas pós-exemplo, que são mais específicas, pois explicam o exemplo em particular relacionado à estratégia. Assim, os textos dessas últimas também precisaram ser adaptados na tradução conforme os novos textos que trouxemos na tradução, se relacionando diretamente com as argumentações encontradas no texto-fonte.

Para as adaptações, em algumas situações, encontramos trechos bilíngues no novo *corpus* que se encaixam facilmente no exemplo do texto-fonte, possivelmente por serem relativamente simples. É o caso da estratégia S2-Sinonímia, cujo trabalho era encontrar termos sinônimos no texto-alvo para um mesmo termo repetido no texto-fonte. Nesse, o exemplo é “Ausgabe”, em alemão, traduzido primeiramente por “issue” e depois por “magazine”. No texto-alvo, encontramos “bilhetes”, traduzido primeiramente por “airfare” e depois por “tickets”.

Ainda assim, nem sempre as estratégias e exemplos eram tão simples de identificar em nosso *corpus*, até porque os sistemas linguísticos e culturais das três línguas em questão e suas combinações tradutórias variam. Por isso, para alcançarmos nosso propósito de ilustrar a estratégia tradutória a partir de novos textos, seguindo a argumentação de Chesterman, nossas estratégias de adaptação foram, por vezes, mais profundas.

Um caso de adaptação profunda está em relação às fontes utilizadas para os exemplos. De fato, foi utilizada a revista de bordo brasileira para a tradução de todos os casos da revista de bordo austríaca do texto-fonte. Mas há amostras de outras fontes também: o texto-fonte conta com dois trechos bilíngues de dois poemas – estratégia G10 (a)- Mudança de esquema e Pr7- Tradução Parcial – e um trecho de um guia turístico de Viena – G10 (b) - Mudança de Esquema. Já o texto-alvo conta com trechos de três poemas diferentes para essas mesmas estratégias – G10(a), Pr7 e G10(b). Decidimos adaptar o exemplo do guia turístico de Viena para um poema porque nosso propósito ali era mostrar uma situação de adequação e semelhança de função em uma relação de quiasmo no texto-fonte

para paralelismo no texto-alvo. Esse caso não foi encontrado dentro do *corpus* da revista de bordo brasileira nem em outros materiais bilíngues consultados e, por isso, utilizamos um trecho do poema “Sete Faces”, de Carlos Drummond de Andrade e sua tradução realizada por Elizabeth Bishop, mostrando-se uma solução elegante que atende à necessidade de exemplificar a estratégia tradutória.

Nesse sentido, trabalhamos sempre a partir desse mesmo propósito de explicar uma estratégia adaptada seguindo a mesma argumentação do texto-fonte. Para ilustrar um pouco da nossa ação tradutória de adaptação dos exemplos, apresentamos quatro casos abaixo. São eles: S4 - Conversões, G5 - Mudança na estrutura do sintagma, G10 - Mudança de esquema e Pr7 - Tradução parcial.

2.1. S4- Conversões

Categoria do eixo semântico de estratégias tradutórias, as conversões são geralmente pares de estruturas verbais que expressam a mesma situação com pontos de vista diferentes, como, por exemplo, “comprar” e “vender”. No par alemão-inglês, Chesterman trouxe o seguinte exemplo:

TF:

Bitte beachten Sie, daß zu den angegebenen Preisen noch Porto und Nachnahmegebühren *verrechnet* werden.

TA:

Kindly note that the prices quoted are *exclusive of* postal charges and collection fee.

Em alemão, “*verrechnet*” indica que o valor do preço será aumentado de acordo com as despesas postais, enquanto “*exclusive of*”, no inglês, indica que as despesas não incluem o preço cotado. No *corpus* em português, encontramos um trecho onde a estratégia aparece através dos verbos “receber” e “send” (enviar):

TF:

Ao final do processo, o Cliente *recebe* um SMS com o link para o acesso ao cartão de embarque.

TA:

At the end of the process, an SMS will be *sent* to you with the link for access to the boarding pass.

2.2. G5- Mudança na estrutura do sintagma

Esse tipo de estratégia está dentro do eixo gramatical e compreende um número de mudanças sintagmáticas, podendo incluir número, definição e modificação no sintagma nominal, e pessoa, tempo e modo no sintagma verbal. A unidade do texto-fonte pode corresponder a um sintagma do texto-alvo, mas sua estrutura interna muda. Assim, mesmo com as alterações na estrutura, o significado a ser transmitido ainda é o mesmo.

Nesse caso, a adaptação do exemplo, apesar de simples, exigiu adaptação para mudanças de classes de palavras e casos diferentes, mas que se aplicam à estratégia. No texto-fonte, a ilustração apresenta o modo indicativo no alemão que é alterado para o modo imperativo no inglês:

TF:

Details über ‘Qualiflyer’ *finden Sie* auf Seite 97...

TA:

For details of the “Qualiflyer” program, *turn* to page 97...

A adaptação para o texto-alvo apresenta um sintagma verbal da terceira pessoa em português para a segunda pessoa no inglês, envolvendo mudança de sujeito:

TF:

É *possível* transferir milhas de qualquer cartão de crédito para sua conta.

TA:

You can transfer miles from any credit card to your account.

Ainda que no texto-fonte ocorra uma mudança de modo e, no texto-alvo, uma de pessoa, ambas as estratégias tradutórias se qualificam no item G5, pois ilustram alterações no sintagma.

2.3. G10 - Mudança de Esquema

Também no eixo gramatical, a mudança de esquema pode aparecer em forma de quatro possibilidades dentro de esquemas retóricos como ritmo métrico, paralelismo, aliteração, repetição etc. na tradução. Em geral, eles ocorrem com mais frequência em textos literários. São eles:

- a) Esquema “X” no TF → Esquema “X” no TA. O(a) tradutor(a) julga importante preservar o mesmo esquema no texto-alvo.
- b) Esquema “X” no TF → Esquema “Y” no TA. Há alteração do esquema apresentado no texto-fonte, pois o(a) tradutor(a) entende que outro esquema pode expressar uma função semelhante ou adequada.
- c) Esquema “X” no TF → Esquema “Ø” no TA. Ocorre uma supressão total do esquema presente no texto-fonte.
- d) Esquema “Ø” no TF → Esquema “X” no TA. Apesar de não existir um esquema no texto-alvo, o(a) tradutor(a) adota algum outro para ser incorporado no texto-alvo.

Dessa forma, Chesterman traz um trecho de um poema de Goethe traduzido por ele mesmo para explicar a preservação de um esquema retórico apresentado na letra (a):

TF:

Oftmals hab' ich auch schon in ihren Armen gedichtet,
Und des Hexameters Mass leise mit fingernder Hand
Ihr auf dem Rücken gezählt

TA:

Often have I composed poems even in her arms,
Counting the hexameter's beat softly with fingering hand
There on the back of the beloved

53

Chesterman apresentou em sua tradução uma manutenção do hexâmetro a exemplo do referido esquema, não sendo viável encontrar um exemplo em hexâmetro no par inglês-português. Entretanto, escolhemos uma tradução de uma estrofe do poema *The Raven*, de Edgar Allan Poe, traduzido por Haroldo de Campos, que ilustra a preservação de vários esquemas retóricos por meio da manutenção de rimas, ritmo e forma:

TF:

And the Raven never flitting, still is sitting still is sitting
On the pallid bust of Pallas just above my chamber door;
And his eyes have all the seeming of a demon that is dreaming,
And the lamp-light o'er him streaming throws his shadow on the
floor;
And my soul from out that shadow that lies floating on the floor...
Shall be lifted - nevermore!

TA:

E o corvo, sem revôo, pára e pausa, pára e pausa
 No pálido busto de Palas, justo sobre meus umbrais;
 E seus olhos têm o fogo de um demônio que repousa,
 E o lampião no soalho faz, torvo, a sombra onde ele jaz,
 E minha alma dos refolhos dessa sombra onde ele jaz
 Ergue o vôo - nunca mais!

Nesse exemplo, podemos perceber que além da preservação de rimas e da forma, a distribuição visual se assemelha ao original, com pouca variação métrica e mantendo, na medida do possível, o padrão trocaico⁴. Nesse sentido, o exemplo cumpriu com a função de ilustrar a preservação de esquemas.

2.4. Pr7- Tradução Parcial

Estratégia do eixo pragmático, a tradução parcial pode incluir uma transcrição, tradução de sons, tradução resumida e afins. Para ilustrar, Chesterman apresenta a seguinte tradução sonora de um trecho de um poema de Wordsworth traduzido por Jandl:

54

TF:

*My heart leaps up when I behold
 A rainbow in the sky.*

TA:

*Mai hart lieb zapfen eibe hold
 er renn bohr in sees kai.*

Assim como Chesterman, trouxemos também um poema, mas com outro tipo de tradução parcial. Além disso, por se tratar de uma estratégia que pode ser encontrada em várias áreas, além da literatura, incluímos um texto jornalístico. Seguem abaixo nossos exemplos de tradução parcial com breves comentários:

TF:

VIDA OBSCURA
JOÃO DA CRUZ E SOUSA

Ninguém te viu o sentimento inquieto,
 Magoadado, oculto e aterrador, secreto,

⁴ Exemplo e argumentação extraída do artigo de Prado e Esteves (2009). Ver referências.

Que o coração te apunhalou no mundo.

Mas eu que sempre te segui os passos
Sei que cruz infernal prendeu-te os braços
E o teu suspiro como foi profundo!

TA:

OBSCURE LIFE

Translation by Rosaliene Bacchus

No one saw your uneasy feeling,
Afflicted, concealed and frightening, secret,
That in the world your heart is battered.

But I who have always followed your footsteps
Know what infernal cross bound your arms
And how profound was your breath!

Como já dito, o texto-fonte mostra que a tradução de Jandl é um exemplo de tradução sonora, ou seja, priorizou o som em detrimento do sentido. Em nosso caso, a tradução dos trechos do poema de Cruz e Souza priorizou o sentido em detrimento do ritmo. Ambas são traduções parciais porque abrem mão de um sistema linguístico para eleger outro.

No caso da tradução parcial de um texto jornalístico, há uma redução de conteúdo informativo, já que o texto-fonte é mais longo e detalhado, e o texto-alvo seria uma “tradução resumo”, escrita pela mesma jornalista:

TF:

SÃO PAULO (Reuters) - A Petrobras anunciou nesta quarta-feira a conclusão da venda de sua participação nos dez campos que compõem os Polos Pampo e Enchova para a Trident Energy do Brasil.

Segundo fato relevante divulgado pela companhia, a operação foi concluída com o pagamento de 365,4 milhões de dólares para a Petrobras, após o cumprimento de todas as condições precedentes, e considerando ajustes previstos no contrato.

A operação ainda prevê o pagamento contingente de um valor adicional de 650 milhões de dólares, incluindo 200 milhões de dólares divulgados em julho de 2019.

“O valor recebido no fechamento da transação se soma ao montante de 53,2 milhões de dólares pagos à Petrobras na assinatura dos contratos de venda, totalizando 418,6 milhões de dólares”, destacou a companhia no comunicado.

Os chamados Polos Pampo e Enchova estão localizados em águas rasas na Bacia de Campos, no litoral do Rio de Janeiro, e englobam os campos de Enchova, Enchova Oeste, Marimbá, Piraúna, Bicudo, Bonito, Pampo, Trilha, Linguado e Badejo.[...]

TA:

SAO PAULO (Reuters) - Brazil's Petrobras said on Wednesday it had finalized the sale of its stake in 10 oil fields to Trident Energy do Brasil with a payment of \$365.4 million.

The fields as a whole are known as the Polos de Pampo e Enchova. The deal still requires the payment of an additional \$650 million, Petrobras said.

Certamente por ser uma notícia sobre o Brasil, há mais espaço para detalhes e compartilhamento de conhecimento prévio para leitores e leitoras brasileiras. Em inglês, podemos observar um recorte de questões elencadas como principais. Nesse caso, não há prioridade em eleger um sistema linguístico em detrimento de outro, mas em recortar um conteúdo como principal e único para a tradução.

Conclusão

Para a adaptação dos exemplos em uma perspectiva funcionalista, o nosso *corpus* precisou ser significativamente mais extenso. Enquanto Chesterman se limitou a três curtos pares de texto da revista de bordo da empresa aérea austríaca, nós precisamos de sete pares da revista de bordo brasileira (também curtos). Isso não influenciou na função informativa e argumentativa da tradução, somente alongou a estrutura do apêndice no final da obra.

Como ilustramos nos exemplos e na nossa argumentação, as adaptações ocorreram em várias esferas para cumprir o nosso propósito de manter a argumentação de Chesterman sobre os exemplos. Traduzir funcionalmente exige um alto nível de comprometimento com o texto, independentemente do propósito da tradução. No caso apresentado neste ensaio, a extensa tarefa de seleção do *corpus*, de pesquisa de exemplos paralelos, da busca por conhecimento e informações dentro dos sistemas gramaticais (das três línguas envolvidas no processo), de literatura (especificamente de poesia), de situações culturais

diversas e um olhar cuidadoso para cada situação selecionada foram cruciais para a produção desta parte da tradução da obra.

Provavelmente teria sido mais simples manter os exemplos do texto-fonte seguidos de traduções literais, e teria sido igualmente uma ação legítima e aceitável na comunidade brasileira dos Estudos da Tradução. Entretanto, se o projeto foi criado a partir de uma abordagem funcionalista cujo principal propósito era a acessibilidade, é possível que os exemplos das estratégias tradutórias e suas respectivas explicações ficassem muito distantes de nosso público-alvo justamente pelas disparidades inevitáveis dos sistemas linguísticos e culturais que se encontram no par alemão-inglês em comparação com o par português-inglês. Nesse sentido, usando a estratégia tradutória que o próprio Chesterman chama de Pr1 - Filtro Cultural, nossa proposta foi justamente aproximar a argumentação e informação do texto ao nosso público, pensando na usabilidade do livro no contexto brasileiro.

Nesse sentido, os resultados cumprem com sua função textual. Certamente, trata-se de um estudo de caso, e não significa que pode ser facilmente aplicável a situações exemplificadoras em outros textos de teoria da tradução: a funcionalidade em explicar estratégias tradutórias foi o fator determinante para acreditar que essa adaptação seria possível e não feriria a proposta de Chesterman nem a sua obra, que merece todo respeito. Sabemos que na tradução, não há fórmulas rígidas que nos digam como os textos devem ser traduzidos. Cada caso é um caso e precisa ser lidado como tal.

REFERÊNCIAS

CHESTERMAN, Andrew. **Memes of Translation - the spread of ideas in translation theory**. Amsterdam: John Benjamins, 2016.

HERMANS, Theo. **The conference of the tongues**. Routledge, 2014.

KIRALY, Don. Project-based learning: A case for situated translation. **Meta: journal des traducteurs/Meta: Translators' Journal**, 2005.

KIRALY, Don. Growing a project-based translation pedagogy: A fractal perspective. **Meta: journal des traducteurs/Meta: Translators' Journal**, 2012.

PFAU, Monique. Traduzindo *Memes of Translation* de Andrew Chesterman para o português brasileiro. **Cultura e Tradução**. João Pessoa: UFPB, 2020, p. 86-99.

NORD, Christiane. **Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática**. Tradução de Christiane Nord, Hutan do Céu Almeida,

Juliana de Abreu, Meta Elisabeth Zipser, Michelle de Abreu Aio, Silvana Ayub Polchlopek. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.

PRADO, Celia Luiza Andrade; ESTEVES, Lenita Maria Rimoli. A tradução “verbivocovisual” de Haroldo de Campos. **Tradução & Comunicação**, 2009, p. 115-127.

REIß, Katharina; VERMEER, Hans J. **Towards a general theory of translational action: Skopos theory explained**. Tradução para o inglês de Christiane Nord. New York: Routledge, 2014.

SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernst. Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens / Sobre os Diferentes Métodos de Tradução. Tradução de Celso R. Braida. *In*: HEIDERMANN, Werner (org.). **Clássicos da teoria da tradução**, v. 1, Alemão-Português, 2ª ed. revisada e ampliada. Antologia bilíngue. Florianópolis: UFSC/Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010. p. 38-101.

TOURY, Gideon. The nature and role of norms in translation. **Descriptive translation studies and beyond**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

58

VERMEER, Hans J. **Esboço de uma teoria da tradução**. Tradução de Hans Vermeer. Lisboa: ASA, 1986.

Data de envio: 24/10/2021

Data de aprovação: 02/12/2021

Data de publicação: 16/02/2022

A tradução de culturemas no viés funcionalista

Digmar Jiménez Agreda
Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB)
digmarjimenezagreda@gmail.com

Larissa Gonçalves Medeiros
mestranda/ Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
tradutoralarissa@gmail.com

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo apresentar a experiência do estágio profissional do Bacharelado em Letras - Tradução Espanhol/Português, da Universidade Federal de Pelotas, realizado no segundo semestre de 2019 na Secretaria de Desenvolvimento, Turismo e Inovação da cidade de Pelotas (SDeTI), como também apresentar a tradução dos culturemas encontrados no folheto turístico “Pelotas para visitar, morar e investir”. A metodologia de trabalho adotada foi a Abordagem Funcionalista de Nord (2016) e Nord (2009), com apoio do embasamento teórico de Tello (2018), Giracca (2013) e Nadal (2009), enfatizando a tradução dos culturemas, encontrados no folheto turístico. Os resultados apontam a importância do estágio profissional, que propicia ao tradutor em formação vivência de atuação nos organismos institucionais do estado, permitindo que participe no desenvolvimento turístico da cidade, além de enriquecer sua experiência, aproveitando a orientação funcionalista da tradução como aliada à produção turística de Pelotas.

59

Palavras-chave: estágio de tradução; tradução turística; abordagem funcionalista de tradução.

The translation of the culturemes using the functionalist approach

ABSTRACT: The aim of this paper is to present the professional internship experience of the Spanish/Portuguese Translation Studies Undergraduate Program of Federal University of Pelotas, which was held in the second term of 2019 at the Secretariat of Development, Tourism, and Innovation of the city of Pelotas (SDeTI). In particular, the translation of the culturemes found in the tourist leaflet “Pelotas para visitar, morar e investir” (“Pelotas to visit, live and invest in”) was adopted as reference. The methodology applied in this study was Nord’s Functionalist approach (2016, 2009), based on the theoretical background presented by Tello (2018), Giracca (2013), and Nadal (2009), while also emphasizing the translation of the culturemes from the leaflet. The results

reinforce the professional internship's value, mainly when it comes to the in-training experience in a regional agency, which provides the translator with the chance of taking part in the city development, enriches their experiences in translating, while also profiting from the functionalist approach of translation as an ally for tourism in Pelotas.

Keywords: translation internship; tourism translation; Functionalist approach of translation.

Introdução¹

O turismo é a fonte principal de desenvolvimento socioeconômico da cidade de Pelotas, conhecida por sua riqueza patrimonial, por sua gastronomia, em especial, por seus doces finos e inúmeros cafés, como também por suas rotas naturais, colônias de imigrantes e culinária colonial.

A promoção dos potenciais recursos turísticos desse município do estado do Rio Grande do Sul é indispensável para despertar o interesse dos possíveis visitantes. Com esse propósito, a Secretaria de Desenvolvimento, Turismo e Inovação – SDeTI –, tem um plano de *marketing* em torno dos serviços e atrativos que a cidade oferece, no qual a tradução e a comunicação intercultural mostram-se fundamentais na medida em que se procura desenvolver uma comunicação eficaz. Assim, estimula-se o deslocamento de consumidores na região e estrangeiros até as terras pelotenses, convencendo-os a viver essa experiência de uma atrativa região do sul do Brasil, pouco conhecida, mas que começa a adquirir ares cosmopolitas, mesmo sendo uma cidade pequena, com a circulação de pessoas de todo o Brasil e de outros países.

1. Conhecendo a cidade de Pelotas

O nome da cidade deriva da palavra *pelota*, pequeno barco feito de couro que servia para fazer a travessia de apenas uma pessoa entre os rios e era puxado por um escravo. Por muitos anos, a economia de Pelotas baseou-se no charque – carne de gado envolta de sal e exposta ao sol, fazendo com que ficasse seca sem a necessidade de refrigeração imediata e tornando sua durabilidade mais longa. Os residentes que comercializavam o charque eram chamados de Charqueadores, e as fazendas onde eram realizadas essas práticas ainda são conhecidas como Charqueadas. Segundo Vargas:

Os anos de 1860 são considerados o grande auge econômico do setor, e pode-se considerar que foi apenas na década de 1880 que teve início uma crise irreversível que acabou por resultar na decadência do complexo charqueador escravista. O resultado disso foi que em 1900 existiam apenas 11 charqueadas em Pelotas, indicando-se que o declínio do setor coincidiu com a abolição da escravidão (1888) e a queda da própria monarquia (1889) - que tinha nestes empresários das carnes um de seus sustentáculos. (VARGAS, 2014, p.541)

¹ Agradecemos a Hariel Luiz dos Santos, graduando do curso de Bacharelado em Letras – Tradução Inglês/Português da Universidade Federal de Pelotas, pela tradução do abstract desse artigo (hariel Luiz@gmail.com).

Podemos perceber em Vargas que a era do charque na cidade teve seu começo, estopim e final muito bem-marcados. Todavia, atualmente, as visitas às Charqueadas configuram um dos atrativos das rotas turísticas, sendo um dos mais procurados pelos visitantes. Elas são palco de programas culturais e artísticos, e também servem de cenário para eventos privados. Recordamos que as mais famosas foram palco para gravações de novelas e filmes, como por exemplo, *A casa das sete mulheres* (2003), *Concerto Campestre* (2005), *O tempo e o Vento* (2013), *Dança dos Orixás* (2017) e *Domingo* (2018).

A arquitetura de Pelotas conta a história do poder econômico que o charque agregou ao município. As grandes construções arquitetônicas são encontradas nos grandes casarões das fazendas dos charqueadores, nos casarões centrais da cidade, passando pelos prédios públicos e privados, como a Prefeitura, a Biblioteca, o Mercado Central, os Teatros, entre outros. Na arquitetura pelotense, foram utilizados diferentes estilos. A maior parte do acesso a esses edifícios, para conhecer sobre a história e sobre a construção da cidade, é gratuita.

Na gastronomia, Pelotas é conhecida como a Cidade do Doce, pois além da história dos doces tradicionais, vindo com as imigrações, principalmente a portuguesa, essas iguarias pelotenses atualmente são reconhecidas pelo IPHAN como Patrimônio Cultural Imaterial. O açúcar chegou à metrópole pelotense como moeda de troca do charque, pois esse ia até o norte do Brasil e, em troca, o açúcar chegava até a região sul do Brasil. Existe uma grande variedade de doces, uns à base de ovos, e outros, à base de frutas, sendo esses cristalizados ou em calda. Como afirmam Loner, Gill e Magalhães:

Sabe-se que a região Nordeste do Brasil é a área por excelência do açúcar e que não são menos famosos os doces do Nordeste; a região Sul, por sua vez, jamais produziu açúcar de forma significativa. Não obstante, a tradição do doce em Pelotas praticamente coincidiu, no tempo, com a implantação das primeiras charqueadas (LONER; GIL; MAGALHÃES, 2017, p.108)

De fato, os doces pelotenses são um dos principais atrativos da região, originando o Museu do Doce e a Feira Nacional do Doce – Fenadoce, evento gastronômico que acontece durante os meses de maio a junho, influenciando na história e na cultura doceira da cidade. Para que os moradores e os turistas possam usufruir desses quitutes durante todo o ano, está sendo construída no centro da cidade a Rua do Doce, onde serão comercializados os produtos tradicionais da cidade.

Outro fator que movimenta (tanto o turismo quanto a economia) são as universidades aqui estabelecidas. Pelotas também é uma cidade universitária, contando com uma federal, a Universidade Federal de Pelotas - UFPel, e duas privadas, a Universidade Católica de Pelotas - UCPel e a Anhanguera. A UFPel é uma instituição muito procurada pelos estudantes, tanto brasileiros como estrangeiros, por sua qualidade de ensino, pela cordialidade dos habitantes da cidade e também pela segurança da região.

2. Bacharelado em Letras - Tradução da UFPel e o estágio profissional: uma atividade obrigatória

Há mais de 50 anos, a Universidade Federal de Pelotas faz parte da história da cidade, contribuindo para o desenvolvimento intelectual de seus alunos, formando profissionais capacitados nas áreas de exatas –como, por exemplo, engenheiros, matemáticos, físicos, etc. –, na área das biológicas– formando nutricionistas, enfermeiros, biólogos, entre outros –, e na área de humanas –historiadores, museólogos, conservadores restauradores etc. A forma de ingresso na UFPel é a partir da seleção do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Na área de humanas, encontramos o curso de Letras e suas extensões, como o curso de Bacharelado em Letras – Tradução, tanto Inglês/Português quanto Espanhol/Português.

O Bacharelado em Letras – Tradução Espanhol/Português foi criado no ano de 2010, um curso relativamente novo dentro da UFPel, mas relevante para a formação profissional. Desde a última avaliação, em 2018, ele recebeu a nota 4 (quatro) na avaliação do MEC, e a graduação em Tradução Inglês/Português, nota 5 (cinco), avaliação máxima do MEC, no mesmo ano.

Esses cursos têm como finalidade formar um profissional apto a trabalhar com os serviços de Tradução. Durante a sua formação, o aluno precisa realizar ações de ensino, pesquisa e extensão, que podem estar vinculadas aos projetos existentes que conectam estudante, universidade e Pelotas em ações positivas, apoiando o desenvolvimento turístico, cultural e econômico do município.

A formação em Tradução conta com um total de 8 (oito) semestres. Nos dois últimos, o aluno tem como disciplina obrigatória os Estágios I e II. Nesses, ele deve se vincular a entidades que estejam preparadas para receber o estagiário – seja uma editora, departamentos públicos, embaixadas, entre outros –, que trabalhem com as línguas de estudo relacionadas ao curso de graduação.

Após formalizar a documentação para a realização do estágio, visitamos a instituição, dando início à rotina na sede da SDeTI. As primeiras ações foram a participação em reunião com a equipe para conhecer o funcionamento interno da secretaria, a nossa inserção na dinâmica de trabalho, como também os

materiais que fariam parte do encargo de tradução durante o período de estágio.

Para o encargo de tradução, como comenta Nord:

Se a tradução pretende ser adequada para um determinado propósito, ela deve satisfazer determinados requisitos, os quais são os encargos de tradução. Os encargos consistem de uma definição prospectiva (explícita ou implícita) da situação alvo, a qual chamamos de *skopos* do texto alvo. (NORD, 2016, p. 28)

Assim como definido por Nord, nossas primeiras indagações sobre o encargo de tradução foram considerar a quem se dirigia o material e as funções de cada um dos textos com respeito ao público destinatário a diversidade dos formatos e a combinação do conteúdo informativo, imagens, publicidade e vídeo promocional. Da mesma maneira, fomos informadas sobre as prioridades de entrega e as exigências por parte do cliente de priorizar a tradução do folheto turístico nomeado “Pelotas para visitar, morar e investir”, pois este seria o material a ser distribuído para os turistas que visitariam a cidade na semana da Páscoa em 2020. Esse evento coincide com a Semana do Turismo no Uruguai, quando os uruguaios aproveitam para fazer turismo por outras cidades, sendo Pelotas um de seus destinos.

64

Uma vez tendo claras as necessidades, optamos por realizar a tradução por meio do viés funcionalista, especificamente pela teoria de Christiane Nord. A autora avalia o ato da tradução como ligado a “um propósito comunicativo específico” (NORD, 2009, p.210), com uma função pretendida que determina os propósitos da mensagem do texto fonte (TF) e ajuda o tradutor a definir o *skopos* do texto alvo e a adequá-lo de modo a cumprir seus objetivos na nova situação da cultura alvo (CA) diante do receptor do texto traduzido, o receptor alvo (RA). De acordo com Nord “a função do texto alvo não é alcançada automaticamente, a partir de uma análise do texto fonte, mas é pragmaticamente definida pelo propósito da ação tradutória” (NORD, 2016, p. 30).

Ela reconhece a importância do tradutor como um “receptor (idealmente) é bicultural” (*ibidem*,p.32), de modo que este deve possuir um conhecimento profundo tanto da cultura fonte como também da cultura alvo. Isso inclui as respectivas línguas e a competência de transferência de saberes, na medida em que, por meio das habilidades de recepção e produção textual, o tradutor se:

Apropria da intenção do emissor ou do iniciador para produzir um instrumento comunicativo para a cultura alvo, ou um

documento para a cultura alvo a partir de uma comunicação da cultura fonte. (NORD, 2016, p. 33)

Antes de empregar a metodologia de Nord para traduzir o folheto “Pelotas para visitar, morar e investir”, foi necessário conhecer as características da tradução turística e do gênero folheto turístico e refletir sobre elas para, em seguida, proceder com a metodologia e os comentários de tradução a respeito dos materiais traduzidos.

3. Tradução turística - Folheto turístico

No turismo, podemos considerar que a linguagem é o meio de persuasão, ou seja, é por meio dela que buscamos convencer o turista a consumir os atrativos da cidade. Portanto, o tradutor precisa acompanhar esse estilo de escrita, levando em conta a terminologia utilizada na região e os assuntos locais de maior relevância.

Assim, ele assume, de certa forma, também o papel de publicitário, pois utiliza, em seu trabalho, a linguagem do turismo, a terminologia específica, os *slogans* e jargões.

A tradução dos materiais da área do turismo é de suma importância para a recepção dos viajantes, pois lhes ajuda a conhecer a história da região, assim como a cultura local, entre outras informações, como comenta Giracca:

Para o campo turístico, a tradução de textos é extremamente importante, pois é por meio dela, da publicidade feita, que o país/cidade será conhecido pelo turista estrangeiro falante de outro idioma. É por meio do folheto que o turista tem o primeiro contato com o país ao qual irá conhecer ou está chegando para explorar. Sabemos por ditos populares que “a primeira impressão é a que fica”, ou seja, é partindo do material traduzido que o turista sentirá vontade ou não de conhecer/explorar melhor o lugar ao qual ele chegou ou para onde partirá. (GIRACCA, 2013, p.31)

A tradução turística é uma solução para a barreira linguística, pois torna a comunicação acessível entre turista e residente. O trabalho do tradutor é apresentar os visitantes à(s) nova(s) cultura(s). Pensando dessa maneira, ele precisa utilizar estratégias de tradução adequadas para que o turista se sinta em casa e, ao mesmo tempo, sinta o desejo de explorar e conhecer mais a cultura com a qual está em contato.

Um dos materiais de apoio ao turista é o folheto turístico. Giracca (2013) define folheto como algo não periódico, com poucas folhas, sem capa dura e brochura – ou seja, um material de produção simples, com poucas folhas, em sua maioria com uma sequência de dobraduras –, com a finalidade de “informar e/ou despertar o desejo do leitor de consumir o produto turístico oferecido em determinado material. Para tanto, é preciso que o texto seja eficaz” (GIRACCA, 2013, p.29). Tello também pontua que:

Este tipo de textos son de especial interés para muchos extranjeros cuando llegan a un país totalmente desconocido para ellos, ya que en su interior presentan una combinación de contenido informativo y publicitario adaptado siempre a la función del texto respecto al público destinatario (TELLO, 2018, p. 13)

Como é de interesse dos estrangeiros, os folhetos turísticos geralmente são encontrados em hotéis, aeroportos, restaurantes e afins, pois são os locais de maiores circulações desse público.

Durante a realização da tradução do folheto turístico em análise, pesquisamos vários folhetos turísticos, tanto do Brasil como da região da prata, e o que nos chamou a atenção foi que não eram dados os devidos créditos aos tradutores e revisores do material. Com isso, podemos ter duas vertentes de análise, sendo elas: i) a invisibilidade do tradutor e ii) a tradução improvisada, amadora, realizada ou por algum outro profissional ou por um tradutor automático, ambos pouco atentos aos aspectos interculturais. Pensando nessas possibilidades, uma das nossas exigências com a SDeTI foi a de que os créditos fossem dados tanto à tradutora quanto à revisora dos folhetos turísticos, nos quais ambas tomaram parte, assim como à instituição de formação de cada uma.

4. A análise funcionalista para o *marketing* turístico de Pelotas

A relação da informação/comunicação na teoria de Nord (2016) propõe atingir a comunicação entre as diferentes culturas que estão em contato, ou seja, o tradutor precisa realizar a tradução de maneira que o turista leia os folhetos turísticos e entenda o que está sendo apresentado.

O papel do tradutor na Abordagem Funcionalista é adaptar, adequar a tradução para uma finalidade ou propósito o qual se busca atingir. De acordo com Nord (2016), todo o texto, sendo ele oral ou escrito, apresenta marcas linguísticas e, especificamente, culturais. Sendo assim, a tradução sofre influências, tanto externas quanto internas, que são advindas do contexto e do entorno cultural do texto de partida e do texto de chegada a partir das

diferenças das marcas culturais e linguísticas que a atividade da tradução coloca em contato e que devem ser mantidas para que o material traduzido alcance o propósito de estimular o deslocamento dos turistas estrangeiros até a cidade de Pelotas. Tendo esses objetivos alcançados, o turista compreende o discurso traduzido e se sente atraído pela aventura de viajar e de desfrutar da cidade pelotense.

Uma vez conhecida as características específicas da tradução turística, como também os instrumentos pelos quais opera, utilizamos o modelo funcionalista de Nord para uma análise prévia dos respectivos encargos de tradução.

Nord (2016) acredita na existência de dois fatores, os extratextuais e os intratextuais. Os primeiros estão ligados às questões comunicativas que o material apresenta, relacionando-se à tradução do texto fonte e à produção do texto alvo. Os segundos envolvem questões específicas do material. Todas as questões, tanto externas quanto internas, servem como um norte para a realização da tradução. Giracca (2013) comenta que essa interação entre os dois fatores:

Servirá para esclarecer os questionamentos que poderão surgir durante o processo, e proporcionar uma análise mais cuidadosa de ambos os fatores (FE e FI), sempre levando em conta a sua dependência e relação com a situação de comunicação (GIRACCA, 2013, p. 24)

Para melhor exibição, preenchemos os fatores extra e intratextuais apresentados por Nord (2016), que seguem nas Tabelas 1 e 2 abaixo.

Tabela 1: Fatores extratextuais

FATORES EXTRATEXTUAIS	
EMISSOR	Instituição: Secretaria de Desenvolvimento, Turismo e Inovação da cidade de Pelotas Pessoa: Larissa Gonçalves Medeiros e Digmar Jimenez Agreda.
INTENÇÃO DO EMISSOR	Recepcionar e situar o turista dentro da cidade de Pelotas.
PÚBLICO	Turista estrangeiros da região do Prata.
MEIO	Folhetos turísticos impressos.
LUGAR	Cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.
TEMPO	Segundo semestre de 2019.

MOTIVO	Material traduzido para nortear o turista rio-platense, assim como apresentar-lhe as belezas locais. A motivação do tradutor é estimular os viajantes a visitar a cidade de Pelotas durante a semana da Páscoa.
--------	---

Fonte: Adaptação de Nord (2016)

Tabela 2: Fatores intratextuais

FATORES INTRATEXTUAIS	
ASSUNTO	A cidade de Pelotas, sua história, suas belezas naturais, sua gastronomia, economia, cultura, seu turismo rural, sua tradição e suas tecnologias.
CONTEÚDO	Introdução à cidade de Pelotas, apresentação gastronômica, cultural, inclusive seus lugares históricos e de maior visitação.
PRESSUPOSIÇÕES	Pressupõe-se que os turistas entendam as informações apresentadas.
ELEMENTOS NÃO VERBAIS	Presença de fotografias da cidade de Pelotas, destacando a singularidade, tranquilidade, riqueza e beleza da metrópole.
LÉXICO	A informação é expressa de forma clara, com estilo fluido e traços de persuasão. Há um predomínio de substantivos e adjetivos que qualificam a cidade.
SINTAXE	As frases dos textos são apresentadas de maneira clara, sem muitos rebuscamentos, ajudando na compreensão do leitor.
CARACTERÍSTICAS SUPRASEGMENTAIS	Foi utilizada a fonte Ariel, tamanho 11, para a redação da tradução e, quando necessário, parênteses para descrever algo resumidamente.

Fonte: Adaptação de Nord (2016)

5. Processos da tradução dos culturemas - gastronomia

Segundo Giracca (2013, p.11), os culturemas são “marcas culturais específicas de uma cultura X, sem correspondente em uma cultura Y”. Nadal (2009, p.94) também define culturema como “nociones específico-culturales de un país o de un ámbito cultural y muchos de ellos poseen una estructura semántica y pragmática compleja”. Para Ávila e Park são culturemas ou:

Palabras culturales los elementos que muestran con mayor exactitud y de manera más apreciable la relación entre cultura y

lengua, ya que representan verbalmente la tradición de una comunidad determinada en un espacio concreto. (ÁVILA; PARK, 2021, p.309)

Com isso, os culturemas são definidos como marcas específicas próprias de cada língua, podendo não ter equivalência na língua alvo, e, por muitas vezes, apresentam uma estrutura complexa, podendo ser concreta ou não.

No processo de tradução, eles não podem ser traduzidos palavra por palavra e nem de maneira literal, pois perdem o sentido e a funcionalidade. Giracca (2013) complementa que:

A tradução de alguns termos vai muito além do que está simplesmente escrito, e o tradutor deve buscar na língua de chegada algum termo ou expressão que tenha a mesma correspondência, ou tenha o mesmo peso conotativo na cultura de chegada (GIRACCA, 2013, p. 52)

O caso comentado por Giracca (*ibidem*) foi o que nos ocorreu durante a tradução do culturema *bauru*, que vamos comentar mais à frente.

Resolvemos trazer a essa discussão e análise os culturemas da gastronomia, pois acreditamos serem os mais desafiadores, como, por exemplo, os doces de Pelotas, de grande representatividade para a cidade. Deixaremos registradas nossas escolhas tradutórias, apresentando como atentamos para a área gastronômica durante o processo de tradução, dividindo os culturemas em dois grupos, sendo eles: i) salgados e ii) doces.

Quanto aos salgados, temos o bauru, galeteria e o charque.

O bauru (apresentado na figura 1) é um lanche muito apreciado na cidade de Pelotas e é composto por pão, carne, presunto, queijo, alface, tomate, ovo e condimentos. Para a tradução desse culturema, achamos melhor não traduzi-lo, mas marcá-lo em itálico e entre parênteses, sinalizando que esse prato é muito similar ao *chivito* uruguaio. Esse (apresentado na figura 2) é composto de ingredientes como pão, presunto, queijo, ovos e condimentos, também podendo ser servido com alface, tomate, azeitona, etc, ou com batata frita.

Figura 1: Bauru



Fonte: Bauru na Caixinha²

Figura2: Chivito



Fonte:Pinterest³

Outro culturema cujo nome optamos por manter, apresentando uma breve explicação, foi galeteria, que é um local ou restaurante em que se comercializa carne de frango assada. Além das tradicionais churrasarias da cidade, há alguns estabelecimentos que não vendem carne vermelha, somente branca, como, por exemplo, o frango, aqui também conhecido como galeto (os frangos menores). O galeto (apresentado na Figura 3) é uma comida típica da culinária gaúcha, herança da migração italiana que se estabeleceu na região sul do Brasil, como comenta Peccini (2008).

²[https://pelotas.baurunacaixinha.com.br/?&localidade=pelotas.](https://pelotas.baurunacaixinha.com.br/?&localidade=pelotas)

³<https://br.pinterest.com/pin/295900638026828377/>

Figura 3: Galeto



Fonte: Pinterest⁴

Ao mantermos o nome do culturema galeteria, corremos o risco de o turista hispano falante confundir a galeteria com *heladería* ou com *tienda de galletas*, pois os sons das palavras são semelhantes.

O charque (apresentado na Figura 4), como comentamos, foi o produto que impulsionou a economia pelotense. Logo, não apresentamos uma tradução, por ser um culturema de grande representação para a cidade. O que propomos foi apresentar em que ele consistia, que é a carne de gado, envolta de sal e exposta ao sol, passando por um processo de desidratação, no qual a carne se torna seca e não necessita de uma refrigeração imediata, aumentando sua durabilidade.

Figura 4: Charque



Fonte: Agro Floresta Amazônica⁵

⁴<https://br.pinterest.com/pin/39336196735013803/>

Nos restaurantes de Pelotas, os turistas podem desfrutar de pratos à base de charque como, por exemplo, o carreteiro de charque, cuja preparação consiste em cozer o arroz com o charque.

Quanto aos doces, figuram alguns dos doces finos pelotenses, como também as compotas de frutas e doces de frutas cristalizados.

No folheto original, os doces eram apresentados somente pelo nome e sem definição de sua composição. Durante o processo tradutório, optamos por apresentar os doces com seus ingredientes base, como os doces à base de ovos (apresentados na Figura 5) bem-casados, quindim, camafeu, olho de sogra, pastel de Santa Clara, papo de anjo, fatias de braga, trouxas de ovos, queijadinha, broinha de coco, beijinho de coco e amanteigado –, e os doces à base de frutas –compotas e doces cristalizados.

Quanto aos doces à base de ovos, sua comercialização é bastante intensa no Mercado Central, lugar de forte turismo na cidade. Então, optamos por apresentar no folheto seus nomes originais, para que, assim, o turista que for consumir faça o pedido no nome original, evitando futuros problemas de comunicação advinda de uma tradução.

Figura 5: Doces à base de ovos



Fonte: Anette Ruas⁶

Já quanto os doces à base de frutas, como as compotas de frutas (exposto pela Figura 7) e os de frutas cristalizados (ilustrado pela Figura 6), optamos por traduzir sua definição, ou seja, explicar em que consistem e como são feitos; isso porque esses doces não são tão comerciais como os finos.

⁵<https://agroflorestamazonia.com/noticias-recentes/charque-a-carne-salgada-mais-consumida-pelos-gauchos-durante-longos-anos-no-rs-o-principal-produto-da-sua-economia-era-o-charque/>

⁶<https://anetteruas.com.br/noticia/tradicao-doceira-de-pelotas-rs-e-reconhecida-como-patrimonio-imaterial-do-brasil>

Figura 6: Doces cristalizados



Fonte: Elo 7⁷

Figura 7: Compota de frutas



Fonte: Pinterest⁸

Considerações finais

O tripé da universidade pública brasileira, que se forma a partir dos eixos de formação, pesquisa e extensão, materializa-se no estágio profissional, que os tradutores em formação do Bacharelado em Letras – Tradução da UFPel devem realizar durante o sétimo e oitavo semestres. Nesse sentido, nos arriscamos a sair do recinto universitário e visibilizar a importância do nosso ofício nas instituições públicas do município, assim como suas contribuições ao desenvolvimento local de uma cidade turística como Pelotas.

A tradução turística é o primeiro gancho para atrair os visitantes estrangeiros a conhecer a história da cidade, sua riqueza gastronômica, cultural

⁷<https://www.elo7.com.br/doces-cristalizados-artesanais-cx-3kgs-varias-frutas/dp/C3AA20>

⁸ <https://br.pinterest.com/pin/559361216221761201/>

e arquitetônica, beneficiando não somente toda cadeia dos serviços turísticos da cidade como também os próprios habitantes. Na cidade, se cruzam a estética do frio, a presença indígena, a diáspora africana, os olhares dos platinos e dos moradores da fronteira, a cultura afropomerana, entre outros, tornando-a única, o que a faz conhecida como Patrimônio Material e Imaterial do Brasil pelo instituto IPHAN.

Os encargos de tradução, recebidos da Secretaria de Desenvolvimento, Turismo e Inovação (SDeTI), convertem-se no momento propício para recorrer à Abordagem Funcionalista da tradução e colocá-la ao serviço do *marketing* turístico, em especial da tradução de folhetos turísticos e dos *culturemas* oriundos da cidade.

Por último, é importante ressaltar a importância da tradução turística não somente para a cidade de Pelotas, mas também como um campo de atuação que bem poderia fortalecer e projetar o Bacharelado em Letras – Tradução da UFPel, a partir de uma perspectiva transdisciplinar e transversal, conectando-a a outros cursos, como Museologia, Ciência da Computação, Cinema e Animação, Desenho Digital, Terapia Ocupacional, História, entre outros. Inserindo, também, dessa forma, seus aportes na rede dos museus da cidade, não somente a partir da tradução textual do folheto turístico, como também, de uma tradução acessível, plurilíngue, multicultural, partindo dos espaços de arte e cultura da bela urbe pelotense.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, S. R.; PARK, J. S. Traducción de *culturemas* en textos turísticos: tratamiento em español de las voces que designan la vestimenta tradicional coreana. **Mutatis Mutantibus**. Colômbia, v. 14, n.2, p. 307 - 344, 2021. Disponível em: <https://revistas.udea.edu.co/index.php/mutatismutandis/article/view/345117>. Acesso em: 14 set. 2021

GIRACCA, Mirella N. **Os *culturemas* presentes nos folhetos turísticos da Região Sul do Brasil: as técnicas utilizadas pelos tradutores**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

LONER, Beatriz Ana; GIL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osorio (org.). **Dicionário de história de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2017. E-book. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/3735>. Acesso em: 20 set. 2021

NADAL, L. L. Los culturemas: ¿unidades lingüísticas, ideológicas o culturales? **Language Design**. Barcelona, v.11, p.93 - 120, 2009. Disponível em: http://elies.rediris.es/Language_Design/LD11/indice_vol11.html Acesso em: 17 set. 2021

NORD, Christiane. El funcionalismo em la enseñanza de traducción. **Mutatis Mutantis**. Colômbia, v.2, n.2, p. 209 - 243, 2009. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/233527> Acesso em: 10 set. 2021

NORD, Christiane. **Análise textual em tradução**: bases teóricas, métodos e aplicação didática. Tradução Meta Elisabeth Zipser. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.

PECCINI, Rosana. Galetto *AL Primo Canto*: tradição gastronômica, prato local e vestígios culturais. **V SeminTur**, Caxias do Sul, n. 5, p. 1 - 14, 2008. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_5/trabalhos/gt11. Acesso em: 29 set. 2021

TELLO, Andrea de P. *De Madrid a la mesa*: Análisis y evaluación funcional de la sección gastronómica de un folleto turístico de Madrid. Monografía (Tradução e Interpretação), Universidad Pontificia Comillas, Madrid, 2018.

VARGAS, Jonas M. Abastecendo *plantations*: A inserção do charque fabricado em Pelotas (RS) no comércio atlântico das carnes e a sua concorrência com os produtos platinos (século XIX). **História (São Paulo)**, São Paulo, v.33, n.2, p.540 - 566, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/i/2014.v33n2/> Acesso em: 23 set. 2021

Data de envio: 03/10/2021

Data de aprovação: 03/12/2021

Data de publicação: 16/02/2022

Possibilidades de uma Sequência Didática (SD) a partir da tradução funcional de legendas automáticas para o ensino da variação linguística em espanhol

Valdecy de Oliveira Pontes
Universidade Federal do Ceará (UFC)
valdecy.pontes@ufc.br

Livya Lea de Oliveira Pereira
Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologias do Ceará (IFCE)
livyaoliveira010@gmail.com

RESUMO: Algumas investigações no âmbito dos Estudos da Tradução já demonstraram vantagens didáticas ao aliar a Tradução Funcionalista ao procedimento de Sequências Didáticas (SD) (LAIÑO, 2014; PEREIRA, 2016). Deste modo, neste artigo, propomos um projeto inicial de SD a partir da tradução funcional de legendas automáticas de fragmentos do filme *Metegol* (2013) em diferentes variedades linguísticas ao português brasileiro. Para tanto, recorreremos à literatura do âmbito da Tradução Funcionalista, na perspectiva de Christiane Nord, e do procedimento de Sequências Didáticas no contexto da escola de Genebra, com adaptações propostas em Pereira (2016). O percurso metodológico desenvolvido parte de uma revisão bibliográfica sobre a tradução funcional em SD, legendagem e ensino remoto para embasar a proposição de um projeto inicial de SD, adaptável ao ensino de espanhol na educação básica. A SD proposta poderá fomentar a conscientização da variação linguística do espanhol, além de possibilitar a percepção do processo tradutório envolvido na legendagem.

Palavras-chave: legendagem; sequência didática; língua espanhola; ensino básico.

Possibilities of a Didactic Sequences (SD) from the functional translation of automatic subtitles for the teaching of linguistic variation in Spanish

ABSTRACT: Investigations within the field of Translation Studies have already demonstrated the didactic advantages provided by combining Functionalist Translation with the Didactic Sequences (DS) procedure (LAIÑO, 2014; PEREIRA, 2016). Thus, in this article we propose an initial DS project based on the functional translation of automatic subtitles of some fragments from the film *Metegol* (2013) in different linguistic varieties to Brazilian Portuguese. To do so,

Possibilidades de uma Sequência Didática (SD) a partir da tradução funcional de legendas automáticas para o ensino da variação linguística em espanhol

we resorted to Christiane Nord's Functional Translation literature, and the Didactic Sequences procedure as proposed by the Geneva School along with some adaptations proposed by Pereira (2016). The methodological approach we seek to develop is based on a literature review on functional translation in Didactic Sequences, subtitling and remote teaching to support the proposition of an initial DS project adaptable to the teaching of Spanish in basic education. The proposed DS could raise awareness about the linguistic variation of Spanish and enable the perception of the translation process involved in subtitling.

Keywords: subtitling; didactic sequences; Spanish language; basic education.

Introdução

A língua é viva, molda-se a diferentes situações comunicativas, lugares, espaços temporais, entre outros fatores. Assim, ponderamos que, no ensino de língua espanhola para aprendizes brasileiros, desde a educação básica, a reflexão dos fatores extralinguísticos no uso da língua deve ser abordada, uma vez que não nos comunicamos exclusivamente por elementos linguísticos e regras gramaticais fixas, os aspectos intra e extralinguísticos sendo interdependentes (NORD, 2012).

Pensando nessa questão, no presente artigo, propomos um projeto inicial de sequência didática, doravante SD, a partir da tradução funcional de legendas automáticas de fragmentos do filme *Metegol* (2013) em diferentes variedades linguísticas ao português brasileiro. Para tanto, recorreremos à literatura do âmbito da Tradução Funcionalista, na perspectiva de Christiane Nord, e, ainda, do procedimento de Sequências Didáticas, no contexto da escola de Genebra, com adaptações propostas em Pereira (2016).

1. A Tradução Funcionalista e o ensino de Língua Estrangeira

A vertente funcionalista concebe a tradução como uma comunicação intercultural, na qual o texto de partida e o texto de chegada pertencem a sistemas culturais distintos e que, por esse motivo, devem ser analisados separadamente. Nesta análise, o texto é considerado um ato comunicativo que só se completa no momento da recepção, e o tradutor é responsável por, munido das intenções do produtor de texto da cultura de partida, produzir um novo instrumento comunicativo, conforme Nord (2012).

No que toca a esse instrumento comunicativo, Nord (2012) nos fornece importantíssimas reflexões que contribuem para o fazer docente, quanto ao uso da tradução em aulas de Língua Estrangeira (LE). Por exemplo, para a autora, a tradução é vista como um processo de interação comunicativa intercultural e que, por ser realizada por agentes que pertencem a entidades culturais diferentes, necessita de um mediador, que pode ser o professor, no contexto da sala de aula de LE.

Ao analisar a relação entre língua e cultura, muito importante no ensino de LE, a autora recupera ponderações significativas de Reiss e Vermeer (1996). Para eles, cultura é “o conjunto de normas e convenções vigentes em uma sociedade, bem como todos os comportamentos que essa dá lugar e os produtos resultantes de dito comportamento.” (REISS; VERMEER, 1996, p. 20). Nesse sentido, na visão deles, todo tradutor deve ser bicultural, ou seja, deve ter

conhecimento de ambas as culturas envolvidas no processo tradutório. Corroborando essa proposição, Nord (1991, p. 11) assevera que:

O domínio da cultura-fonte [pelo tradutor] deve permitir-lhe reconstruir as possíveis reações em um receptor do texto-fonte [...], ao passo que o domínio da cultura de chegada lhe permite antecipar as possíveis reações de um receptor do texto traduzido, e então verificar a adequação funcional da tradução que produz. (tradução nossa)¹

No que diz respeito à prática de tradução em sala de aula, quanto mais bicultural o aluno for na LE e na sua Língua Materna (LM), mais competente ele será ao examinar os elementos textuais e extratextuais elencados por Nord (2012). Para facilitar este trabalho, a autora esboçou, ainda, as seguintes questões de análise:

Figura 1 – Questões do modelo proposto por Nord (2012)

<p>¿Quién transmite para qué y a quién a través de qué medio, dónde, cuándo y por qué un texto con qué función?</p>	<p>¿Sobre qué tema ofrece qué información (presuponiendo qué), en qué orden, usando qué elementos no verbales, qué palabras, qué tipo de frases y qué tono, con qué efecto?</p>
---	---

Fonte: Nord (*ibidem*, p. 42)

Nord (2012, p. 155), com base em sua larga experiência com tradução, elaborou esse modelo de análise que busca explorar os seguintes elementos, durante o processo tradutório: emissor, intenção do emissor, receptor/destinatário, meio/canal, lugar, tempo, motivo, função textual. Para a autora, esses elementos auxiliam no processo de compreensão do texto base (TB) e na produção do texto meta (TM). Esse modelo de aplicação didática pode ser utilizado tanto no âmbito da tradução profissional quanto na prática docente em aulas de LE, visto que objetiva examinar fatores linguísticos, extralinguísticos e, ainda, o efeito comunicativo do texto. Vejamos o modelo de análise pré-tradutória, proposto por Nord:

¹ Citação original: “His command of the source culture (SC) must enable him to reconstruct a ST recipient [...], whereas his command of the target culture (TC) allows him to anticipate the possible reactions of a TT recipient and thereby verify the functional adequacy of the translation he produces.” (NORD, 1991, p. 11).

Quadro 1 – Modelo de análise pré-tradutória de Nord (2012)

	Perfil do texto base	Transferência	Perfil do texto meta
Aspectos extratextuais			
Emissor			
Intenção			
Receptor			
Meio			
Lugar			
Tempo			
Motivo			
Função			
Aspectos intratextuais			
Tema			
Conteúdo			
Pressuposições			
Composição			
Elementos não verbais			
Léxico			
Sintaxe			
Suprasegmentais			
Efeito comunicativo			
Efeito			

Fonte: Nord (*ibidem*, p. 155).

80

Ao expor o seu modelo de análise pré-tradutória, Nord (2012) explica que a tradução é a produção de um TM funcional que mantém uma interdependência com um TB, especificada segundo o seu propósito comunicativo. Para alcançar essa funcionalidade, é necessário analisar os aspectos intra e extratextuais do TB e compará-los com o contexto de produção do TM. Assim, a autora propõe esse modelo de análise, baseada na inter-relação dos aspectos extratextuais e intratextuais.

Na concepção dela, o encargo de tradução² também influencia a análise pré-tradutória. Dessa forma, recomenda preencher, primeiramente, a coluna

² Segundo Nord (1991), para que haja certa congruência entre os TB e TM, os tradutores, supostamente mais conscientes da responsabilidade de serem mediadores culturais, seguem certas orientações para o desenvolvimento de uma incumbência tradutória, auxiliando na compreensão do TB e no estabelecimento de critérios de qualidade da tradução. Em outras palavras, o encargo tradutório refere-se a uma série de informações que o cliente deveria fornecer ao tradutor para realizar a tradução.

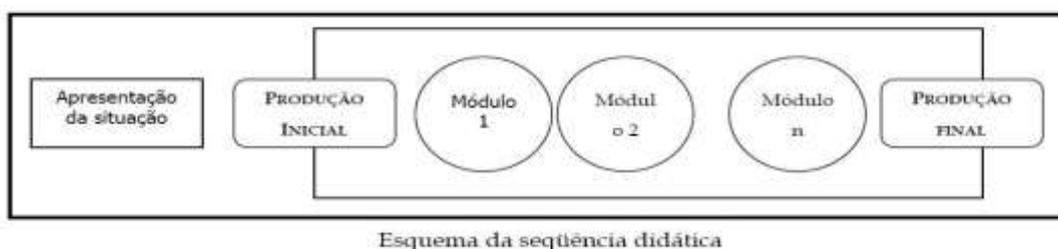
direita com base nas informações do encargo de tradução e depois analisa-se o TB, preenchendo a coluna à esquerda. Se o encargo de tradução exige uma tradução com função idêntica ou equivalente, começa-se preenchendo a coluna esquerda com uma análise exaustiva do TB, e, depois, apontam-se os dados correspondentes para cada um dos fatores na coluna direita. No primeiro caso, Nord (2012, p. 156) explica que, se as duas colunas forem respondidas com base nas perguntas básicas apontadas pela autora, o contraste entre as duas colunas mostrará quais são os fatores idênticos ou diferentes nas duas situações comunicativas. E, no segundo caso, o contraste entre as colunas mostrará com clareza os problemas de tradução, os quais serão especificados na coluna do meio, junto aos procedimentos que conduzem a uma solução adequada e funcional.

Por fim, com base nesses pressupostos da tradução funcionalista, propor-se-á a elaboração de SD aplicadas ao ensino de espanhol para aprendizes brasileiros da educação básica.

2. SD a partir da Tradução Funcionalista para o ensino de variação em língua espanhola

Antes de adentrarmos os procedimentos metodológicos, é importante pontuarmos a concepção de sequência didática, adotada para este trabalho. Desse modo, entendemos sequência didática (SD) como: “[...] um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 96). Partindo dessa definição, a estrutura base de uma SD, apresentada pelos autores, é a seguinte:

Figura 2 - Esquema da SD proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004)



Esquema da seqtência didática

Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (*ibidem*, p. 97)

Podemos verificar, na imagem explicitada, que a primeira etapa de uma SD é a apresentação de uma situação comunicativa. Após essa contextualização, há a escrita da primeira produção, que servirá de base para o desenho dos módulos da sequência didática.

Considerando-se as inúmeras possibilidades de atividades relacionadas à produção textual, é possível realizar uma SD com o uso da tradução funcionalista, já que no processo tradutório circular, proposto por Nord (2012), o tradutor/aprendiz está frequentemente analisando o TB, verificando as condições de produção do TM e o produzindo. Pois, para alcançar um TM funcional ao seu encargo de tradução, tem que escrever várias versões preliminares do TM.

Além disso, no âmbito do Ensino de Línguas, uma SD com o uso da tradução funcionalista pode ser produtiva ao aprendizado linguístico-cultural, uma vez que o aprendiz estará frequentemente contrastando e comparando vários aspectos das línguas e culturas envolvidas na tradução. Sobre esta possibilidade, Beato-Canato e Cristóvão (2014, p. 218) reconhecem que a comparação entre as línguas pode ser um recurso de mútua ajuda, por exemplo, ao comparar pronomes, advérbios e expressões de opinião, embora apontem que esta comparação deve ir além do aspecto formal, visando estabelecer relações mais conscientes acerca da função comunicativa desses elementos no texto. Isto pode ser alcançado com a tradução, em uma perspectiva funcional, assim como atestam Barrientos (2014), Demétrio (2014) e Laiño (2014).

Do discorrido até agora, temos subsídios para afirmar que o procedimento de uma SD, a partir da tradução funcionalista de gêneros textuais, é viável para o contexto de Ensino de Línguas. Neste sentido, retomando a aproximação entre a atividade tradutória e o conhecimento da variação linguística, propomos a elaboração de uma SD com o uso de legendas para o ensino das variedades linguísticas do espanhol a aprendizes brasileiros da educação básica.

3. O uso de legendagem e o ensino e aprendizagem de línguas no período de Ensino Remoto Emergencial

Em meio a pandemia causada pelo SARS-CoV-2 - sigla proveniente do inglês Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2 - ou também conhecido como coronavírus ou Covid 19, o sistema educativo brasileiro passou por uma brusca adaptação a um Ensino Remoto Emergencial (ERE), apoiada na tecnologia digital. Nesse contexto, professores e alunos viram-se obrigados a inserir-se no meio digital para dar continuidade ao processo de ensino e aprendizagem. A partir da implementação do ERE, termos como aulas síncronas, assíncronas, salas virtuais e grupos uso de aplicativos e recursos digitais como *WhatsApp*, *Zoom*, *Google Meet* passaram a ser incluídos na prática docente.

A modalidade ERE demandou que alunos e professores migrassem para o ambiente on-line, transpondo e adaptando práticas e metodologias próprias do ensino físico, presencial, com o auxílio de tecnologia (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020). Nesse contexto, Rivas (2020) discorre sobre a realidade latino-amerinaca,

defendendo uma pedagogia de exceção para o período remoto, a qual é baseada em alguns caminhos, como: recuperar os rostos e reconhecer as ausências, isto é, recuperar o contato com os estudantes de cada turma; realizar novas propostas de aprendizagem, reconhecendo o conhecimento prévio do aprendiz e suas condições atuais; planejar tendo em vista a desigualdade social dos estudantes, isto é, considerar as diferenças de acesso e o contato familiar; criar e propor novas sequências e rotinas de aprendizagem com usos de materiais didáticos digitais e variados, entre outros.

Diante desse contexto, também o ensino de línguas tem sido impactado, com a busca de recursos tecnológicos digitais que proporcionem interação em LE e a concretização das aulas. Maquiné, Coelho e Figueiredo (2020), no contexto de ensino de línguas, apontam que as abordagens do uso de tecnologias vêm sendo adaptadas historicamente, desde a utilização de computadores para resolução de exercícios repetitivos e gramaticais, apoiados em uma visão de língua estrutural, até uma visão de língua integrativa e sociocognitiva, tendo os computadores como ferramentas para o discurso autêntico, por meio da multimídia e da internet. Nesse viés, Palacio (2020) destaca a relevância de considerar a competência comunicativa intercultural dos aprendizes nesse ensino emergencial, ressaltando que a cultura é o foco da informação que se comunica no ato de fala, e que os estudantes devem refletir sobre como se produz a interação comunicativa e sobre quais são os fatores culturais envolvidos. Nesse quesito, a inserção da Tradução Funcionalista e a prática de legendagem podem contribuir ao ensino e aprendizagem em ERE.

De acordo com Freire, Paiva e Fortes (2020), devido à necessidade de ampliar a acessibilidade, também no ERE ampliou-se o uso de legendas por muitas instituições, ainda que a grande maioria utilize somente legendas geradas automaticamente. O motivo desse aumento, segundo os autores, deve-se ao maior uso de materiais audiovisuais e à necessidade de acessibilidade. No que se refere ao uso de legendas no âmbito audiovisual, pode-se pontuar ao menos dois tipos: a legendagem e os “*closed-captions* ou tradução fechada” (SILVA, 2009). A legendagem ocorre quando o texto base oral é mantido, mas é traduzido à modalidade escrita e reproduzido em sincronia com o texto oral. Por sua vez, no *closed-captions*, a tradução do texto oral ao escrito também incorpora ruídos, sons emitidos pelas pessoas, como suspiros, interjeições, e a trilha sonora.

Araújo (2016), ainda, discorre sobre algumas especificidades da legendagem, a saber: pode ser intralinguística ou interlinguística, e classificada em legenda aberta (sobreposta à imagem antes da transmissão ou exibição); legenda fechada (escrita em letras brancas, em maiúsculas ou não, sobre tarja preta e com acesso se dando a critério do telespectador através de um decodificador de legenda); legenda do tipo rotativo (linhas sobem da parte

inferior da tela de TV em duas a 4 linhas, e as palavras são exibidas da esquerda para a direita), ou *pop-rol* (frases que surgem como um todo e ficam temporariamente na tela, em sincronia com o áudio, desaparecendo ou sendo substituídas por outras legendas).

Araújo (*ibidem*) relata, ainda, cuidados relativos à elaboração da legendagem, como: o espaço disponível para o texto na tela: número de caracteres e linhas; o tempo disponível para cada legenda e o de inserção e retirada da legenda. A autora também detalha o processo da elaboração da legenda, que se utiliza de arquivo de texto, revisão e softwares especializados. No entanto, com a evolução tecnológica e amplo uso das redes sociais, a criação de vídeos e a legendagem tornou-se mais popular e acessível. Um exemplo é a opção de legendar vídeos nos aplicativos TikTok e Instagram, os quais também podem ser úteis na hora de usar legendas nas aulas de LE na educação básica.

Para finalizar esta seção, cabe destacar a potencialidade didática do uso de legendagem nas aulas de LE. Nesse sentido, Cruzado (2019) faz um recorrido bibliográfico sobre o uso de legenda em sala de aulas de LE, identificando que estas podem contribuir com a interpretação de informações contextuais, dar ludicidade às aulas, ampliar vocabulário, entre outros. No caso de nossa proposta, o uso de legendagem na perspectiva da Tradução Funcional também pode contribuir para a percepção da variação linguística da língua espanhola.

84

4. Uma proposta de SD inicial a partir da legendagem automática de fragmentos do filme *Metegol* (2013)

A partir do exposto nas seções anteriores, apresentamos um possível caminho metodológico para elaboração de sequência didática com o uso de legendagem. Devido ao procedimento metodológico de uma SD, não é possível elaborar uma sequência completa, tendo em vista que esta deve ser realizada a partir da necessidade de aprendizagem e dos conhecimentos linguísticos dos estudantes. Portanto, nesta seção expomos apenas uma proposta inicial, a qual pode ser adaptada a depender do nível da turma, domínio do gênero legenda e capacidades de linguagem na LM e na LE.

Como ponto de partida, devido aos desafios enfrentados nas aulas de LE durante o ERE, como a dificuldade de promover interação entre os alunos e o uso de recursos virtuais variados, esta proposta tem como público meta alunos da disciplina de língua espanhola do ensino médio, com tempo de duração de pelo menos cinco horas-aula.

Em relação aos objetivos da SD inicial proposta, temos: (i) desenvolver as habilidades linguísticas dos estudantes em espanhol/LE; (ii) promover a prática e domínio do gênero legenda; (iii) sensibilizar os estudantes acerca das diferentes variedades linguísticas do espanhol por meio da elaboração de legendas

Possibilidades de uma Sequência Didática (SD) a partir da tradução funcional de legendas automáticas para o ensino da variação linguística em espanhol

interlinguísticas; (iv) incentivar o uso de recursos digitais virtuais e dinamizar as aulas de espanhol/LE na educação básica.

Quadro 2 - SD inicial a partir da tradução funcional de legendas

Proposta inicial de sequência didática com o uso de legendagem	
Reconhecimento do Gênero e apresentação da obra fílmica Metegol Aula 1	<ul style="list-style-type: none">- Visualização do trailer do filme Metegol (Título em português 'Um time show de bola'), áudio em espanhol com legenda automática em espanhol³, e, em seguida, com legenda em português.- Comentar produção fílmica, ler sinopse do filme⁴ e comprovar compreensão do trailer assistido.- Discussão sobre preferências individuais acerca da visualização de filmes com ou sem legendas.- Fazer tempestade de ideias sobre as características de legendas. (Em caso de uso da plataforma Google Meet, é possível usar o <i>Jamboard</i>, para que os alunos também participem).
Apresentação da situação de produção Aula 02	<ul style="list-style-type: none">- Assistir vídeo disponível no Youtube⁵ com a reprodução de legendas automáticas em espanhol.- Comentar as percepções dos estudantes sobre as cenas reproduzidas em duas variedades linguísticas diferentes, a da Argentina e a do México. Neste momento, é possível chamar a atenção dos alunos sobre fenômenos fonéticos, o uso das formas de tratamento, entonações, etc.- Realizar perguntas pré-tradutórias, a partir do quadro de Nord (2012), adaptado e exposto adiante.- Dividir equipes de estudantes, segundo as variedades presentes no vídeo, para elaborar legendas em língua portuguesa.- Sugerir aplicativos móveis que possibilitem a inserção de legendas em vídeos curtos, como: CapCut (Android e IOS, gratuito); VideoShow (Android e IOS, gratuito com opções pagas); AutoCap (Android e IOS,

³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6o8_iHpXZyw. Acesso em 10 jan 2022.

⁴ Disponível em:

[https://www.ecured.cu/Metegol_\(pel%C3%ADcula_de_animaci%C3%B3n_de_2013\)](https://www.ecured.cu/Metegol_(pel%C3%ADcula_de_animaci%C3%B3n_de_2013)). Acesso em 10 jan 2022.

⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ns1nFhH07_k. Acesso em 10 jan 2022.

	gratuito com opções pagas), entre outros.
Primeira produção da legendagem Aula 03	<ul style="list-style-type: none"> - Elaborar legendas. Os grupos de estudantes poderão trabalhar na elaboração das legendas em grupos, de acordo com cada variedade. É possível abrir arquivos de texto no Google drive para que todos possam colaborar na produção escrita da legenda em português, em formato de aula assíncrona. - Uso de aplicativo móvel para inserir a legenda elaborada no vídeo, uma sugestão é o uso do aplicativo móvel VideoShow, já que possibilita a inserção de legenda manual e conta com opções de sincronização. - Envio da legenda e do vídeo legendado até a aula seguinte.
Possibilidade de módulos Aula 04	<ul style="list-style-type: none"> - Receber as legendas produzidas, analisar erros e acertos dos estudantes na produção das legendas em português brasileiro. - Comparação de fenômenos fonéticos nas duas variedades. - Atividade relacionada a tradução de formas linguísticas em variação, como <i>tú x vos</i>. - Atividade de revisão linguística da pontuação na legenda. - Atividade de intertextualidade por meio a música 'Me vieron cruzar, do grupo Calle 13⁶.
Segunda produção da legendagem, revisão e socialização Aula 05	<ul style="list-style-type: none"> - Reescrever e/ou corrigir legendas. - Selecionar vídeo legendado para visualização coletiva, discutir sobre dificuldades, correções e revisão coletiva. - Publicar vídeos legendados em redes sociais e/ou no Youtube.

Fonte: autoria própria.

Na primeira etapa da SD inicial proposta, propomos a sensibilização dos estudantes quanto ao contexto da obra fílmica a partir da exibição de seu trailer, leitura da sinopse e discussões coletivas acerca de seu conteúdo e das características das legendas. Sugerimos a visualização do trailer em espanhol e em português, para já sensibilizá-los quanto à atividade tradutória que será

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1Bisgbi17bo>. Acesso em 10 jan 2022.

Possibilidades de uma Sequência Didática (SD) a partir da tradução funcional de legendas automáticas para o ensino da variação linguística em espanhol

proposta na etapa seguinte, com a apresentação da situação de produção, a qual engloba a visualização das cenas que serão legendadas e uma pré-análise tradutória, adaptada de Nord (2012) e exposta a seguir.

Quadro 3: roteiro de análise pré-tradutória das legendas automáticas

Questões	Legenda automática em espanhol	Legenda produzida em língua português
1. Quem escreve a quem e com que propósito?		
2. Onde, quando e por qual meio o texto foi divulgado? E qual a função desse texto?		
3. Quais os temas das cenas? E quais elementos não verbais são apresentados?		
4. Quais palavras (verbos, adjetivos, advérbios, etc.) e que tipo de frases são utilizadas?		
5. Quais personagens são identificados nas cenas e que relação mantêm entre si? Essa relação se reflete na linguagem utilizada?		
6. Como a pontuação é usada no texto? O que ela representa, e quais cuidados são tomados em seu uso?		

Fonte: autoria própria.

Ainda, a resposta a essa pré-análise pode ser coletiva, com toda a turma, ou em equipes. Sugerimos a divisão de equipes para facilitar a socialização dos alunos no ensino remoto, mas também devido à quantidade de alunos por turma

na educação básica, que geralmente são numerosas. A produção escrita dos estudantes pode ser realizada em arquivos de texto compartilhados de modo online, permitindo a tradução das legendas coletiva.

Após a produção escrita das legendas, as equipes de estudantes poderão inserir os textos nas cenas de modo sincrônico com o uso de aplicativos móveis, como o VideoShow. O docente poderá receber as primeiras legendas, identificar erros e acertos e propor módulos de atividade no encontro seguinte, visando desenvolver as capacidades de linguagem, o aperfeiçoamento das habilidades linguísticas, tradutórias e a percepção da variação linguística para, então, retomar as legendas, reescrevê-las e corrigi-las para publicação em meio virtual.

Como discorremos anteriormente, esta é uma SD inicial e, portanto, poderá ser adaptada de acordo com as dificuldades das turmas de espanhol na educação básica, inclusive com o uso de outros recursos digitais e cenas para legendagem.

Considerações Finais

A sequência didática (SD), inicialmente, proposta pelo Grupo de Genebra e adaptada pela vertente brasileira não objetiva ser um modelo fechado em si mesmo, tal como um manual para o ensino de gêneros textuais. Portanto, devido a sua flexibilidade e adaptação ao contexto de ensino a que se aplicará, pondera-se que a sua realização, no contexto da educação básica, poderá proporcionar ao aluno brasileiro aprendiz de espanhol como língua estrangeira o conhecimento sobre os gêneros textuais. Além disso, poderá possibilitar o aprendizado e a conscientização de diferentes variedades da língua espanhola nas distintas culturas envolvidas na legendagem no par linguístico espanhol-português, bem como a percepção do processo tradutório.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, V. L. S. O processo de legendagem no Brasil. **Revista do GELNE**, v. 4, n. 1, p. 1-6, 26 fev. 2016.

BEATO-CANATO, A. P. M.; CRISTÓVÃO, V. L. L. Proposta de avaliação de sequências didáticas com foco na escrita. *In*: BARROS, E.; RIOS-REGISTRO, E. S. (orgs.) **Experiências com sequências didáticas de gêneros textuais**. Campinas: Pontes Editores, 2014. p. 203-233.

CRUZADO, N. M. **A tradução de legendas e suas contribuições no Ensino-Aprendizagem de Leitura em Inglês como Língua Estrangeira**. 174f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual

Possibilidades de uma Sequência Didática (SD) a partir da tradução funcional de legendas automáticas para o ensino da variação linguística em espanhol

Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2019.

DEMÉTRIO, A. P. C. **A tradução como retextualização: uma proposta para o desenvolvimento da produção textual e para a ressignificação da tradução dentro do ensino de LE.** 2014. 198f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2014.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M; SCHENEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G.S. (trad. e org.) **Gêneros orais e escritos na escola.** Mercado de Letras: Campinas, 2004, p. 95-128.

FREIRE, A. PAIVA, D.; FORTES, R. Acessibilidade Digital Durante a Pandemia da COVID-19 - Uma Investigação sobre as Instituições de Ensino Superior Públicas Brasileira. **Revista Brasileira de Informática na Educação – RBIE**, 28, 956-984, 2020. Disponível em: <https://www.rbie.org/pub/index.php/rbie/article/view/v28p956>. Acesso em: 10 jan 2022.

LAIÑO, M. J. **A tradução pedagógica como estratégia à produção escrita em LE a partir do gênero publicidade.** 2014. 234f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

MAQUINÉ, G.; COELHO, I.; FIGUEIREDO, S. Ferramentas digitais para o ensino remoto de línguas adicionais em tempos de pandemia: considerações sobre o Duolingo. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico, Amazonas**, v. 6, Edição Especial, 2020, 1-20.

MOREIRA, J. A.; SCHLEMMER, E. Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife. **Revista UFG**, v. 20, 2020.

NORD, C. **Text Analysis in Translation: theory, methodology and didactic application of a model of translation-oriented text analysis.** Tradução de Christiane Nord e Penelope Sparrow. Amsterdam; Atlanta: Rodopi, 1991.

NORD, C. Texto-base-texto-meta. **Un modelo funcional de análisis pretraslativo.** Tradução e adaptação de Christiane Nord. Castelló de la Plana: Publicacions de la Universitat Jaume I, 2012.

PALACIO, J. I. La enseñanza de las lenguas en tiempos de pandemia. **Newsletter** N° 44: Dossier especial: Enseñanza virtual en la escuela secundaria: cómo propiciar experiencias de aprendizaje significativo en tiempos de COVID-19, 2020. Disponível em: <https://www.soc.unicen.edu.ar/index.php/categoria-editorial/278-newsletter/n-44/4074-newsletter-n-44-dossier-especial-la-ensenanza-de-las-lenguas-en-tiempos-de-pandemia>. Acesso em: 10 jan 2022.

PEREIRA, L. L. O. **A tradução de textos teatrais como recurso didático para o ensino da variação linguística no uso das formas de tratamento em espanhol a aprendizes brasileiros**. 2016. 316f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Fortaleza, 2016 Disponível em: <http://www.repositoriobib.ufc.br/00002d/00002d1a.pdf>. Acesso em: 26 nov de 2021.

REISS, K.; VERMEER, H. J. **Fundamentos para una teoría funcional de la traducción**. Tradução de Sandra García Reina e Celia Martín de León. Madrid: Ediciones Akal, 1996. 206p.

RIVAS, A. **Pedagogía de la excepción: ¿cómo educar en la pandemia?** Documento de trabajo. Buenos Aires: Universidad de San Andrés, 2020. Disponível em: https://www.udes.edu.ar/sites/default/files/rivaseducar_en_tiempos_de_pandemia.pdf. Acesso em: 11 out 2021.

SILVA, T. F. **Pela lente da legenda: um estudo de caso na recepção audiovisual**. 2009. 197f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2009.

Corpus

METEGOL. Direção: Juan José Campanella. Produção: Ricardo Freixa. Argentina/ Espanha: Universal Studios, 2013.

Data de envio: 27/10/2021

Data de aprovação: 08/12/2021

Data de publicação: 16/02/2022

**A tradução como aliada na formação de professores e no ensino de
língua inglesa**

Elisângela Lorena Liberatti
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
elisliberatti@uel.br

RESUMO: Até hoje, ensino de línguas estrangeiras (LE) e tradução parecem ser dois campos imiscíveis. Valer-se da tradução no ensino-aprendizagem de LE é algo visto com estigma por uma parcela de professores, alunos e comunidade em geral. Isso pode ser decorrente de crenças repetidas ao longo dos anos, sem um real questionamento dos motivos que levaram a tradução a ser abolida da sala de aula de LE. Assim, o objetivo deste artigo é fazer um breve apanhado teórico sobre tradução em sala de aula de LE (LIBERATTI, 2012) para então apresentar os caminhos trilhados em uma oficina para graduandos do curso de Letras - Inglês da Universidade Estadual de Londrina em 2021, intitulada *A tradução em sala de aula de língua inglesa: implicações e aplicações*. Buscou-se, na oficina, mostrar aos futuros professores de Língua Inglesa que a tradução pode ser uma aliada no que tange ao ensino de LE. Ao final, observou-se que os alunos desmistificaram suas crenças quanto ao uso da tradução em sala de aula, enxergando-a como aliada a suas práticas.

91

Palavras-chave: tradução; ensino de língua inglesa; Letras - Inglês.

Translation as an ally in teacher training and English language teaching

ABSTRACT: Until today, foreign language teaching (FL) and translation seem to be two immiscible fields, and mixing them is seen with stigma by a portion of teachers, students, and the community in general. This may result from beliefs repeated over the years, without a real questioning of the reasons that led to translations being abolished from the FL classroom. Thus, the purpose of this article is to present a brief theoretical overview of translation applied to the FL teaching (LIBERATTI, 2012), to then introduce the paths we followed in a workshop to undergrad students of the English Teaching Education Program at Universidade Estadual de Londrina in 2021 entitled *The translation in the English language classroom: implications and applications*. Thereby we sought to show future English Language teachers that translation can be an ally when it comes to FL teaching. In the end, we observed that students had demystified their beliefs

regarding the use of translation in FL teaching, seeing it as an ally to their methods.

Keywords: translation; English language teaching; English Teaching Education Program.

Introdução

Ao nos voltarmos para as abordagens de ensino de língua inglesa (LI) praticadas por diferentes instituições, a saber, institutos de idiomas, escolas regulares, e até mesmo professores particulares, ainda hoje o uso da tradução é visto com estigma tanto por alguns professores quanto por alunos. Muitas vezes, a abolição de tal prática no ensino de LI é decorrente de crenças repetidas ao longo dos anos, porém, talvez sem um questionamento sobre os reais motivos deste estigma.

Neste sentido, no presente artigo, discorro sobre tradução em sala de aula de língua estrangeira (LE), com uma breve revisão de literatura, e apresento os caminhos trilhados na oficina *A tradução em sala de aula de língua inglesa: implicações e aplicações*, atrelada ao programa de formação complementar *Prática de Tradução e Interpretação em Língua Inglesa*. Deste modo, ao ofertar a oficina para graduandos do curso de Letras - Inglês da Universidade Estadual de Londrina em 2021, meu intuito foi buscar mostrar aos futuros professores de LI que a tradução pode ser uma aliada no que tange ao ensino de língua e cultura estrangeiras.

Na primeira seção do artigo, discorro sobre a intersecção de ensino de LE e tradução, na qual traço um breve panorama sobre o uso dessa prática em sala de aula de LE. Na segunda seção, parte mais consistente do artigo, trago o relato de experiência da oficina, com apresentação das atividades propostas por mim e das sugeridas pelos participantes. Por fim, na última seção, apresento minhas considerações finais, com a impressão dos alunos sobre nossos encontros e minhas impressões gerais.

1. Tradução e ensino de LE: inimiga ou aliada, afinal?

A importância dada à imersão na LE, a internacionalização e produção massiva de livros didáticos e métodos hoje vistos como “ultrapassados” podem ter forte apelo no entendimento feito do uso da tradução no ensino de uma LE. Liberatti (2012) aponta que:

O fator financeiro é outro forte contribuinte para o desaparecimento da tradução em sala de aula de LE. Editoras internacionais podem simplificar e massificar a produção de livros se estes forem escritos somente em uma língua, no caso, a LE [com que se trabalha]. Com isso, a LM pode ser apagada dos livros e esses podem ser distribuídos internacionalmente de maneira uniforme (p. 176).

Ademais, alguns métodos de ensino dos séculos XIX e XX exercem influência considerável na visão pejorativa que se tem da tradução em sala de aula de LE.

Dentre eles, faz-se relevante citar o método gramática-tradução (GT), que passa a ocupar considerável espaço no ensino de LE a partir da metade do século XIX. Como o próprio nome já diz, neste método, a tradução permeia todo o processo pedagógico, sendo prática típica e constante em sala de aula. De acordo com Leffa (1988), “o método é composto por três etapas: I. memorização prévia de uma lista de palavras; II. conhecimento das regras necessárias para juntar essas palavras em frases; III. exercícios de tradução e versão” (LIBERATTI, 2012, p. 177).

Porém, o uso abusivo e por vezes não sistematizado da tradução no ensino de LE pode ter contribuído para uma visão de que esta seria a única maneira de utilizá-la nesse sentido. Além disso, para Howatt (1984, p. 173, *apud* COOK, 1998), o método GT recebe duras críticas por alguns fatores, dentre eles o fato de encorajar falsas noções de equivalência entre a LE e a língua materna e trabalhar com a LE de forma descontextualizada, enfocando-se frases isoladas (LIBERATTI, 2012).

Para Cook (1998), o método GT foi o principal influenciador do estereótipo que se criou quanto à tradução em sala de aula de LE, devido ao fato de que este tem como enfoque apenas a tradução escrita, avaliando-se a competência na L2 unicamente pela precisão linguística (*language accuracy*) obtida nas traduções dos aprendizes. Por ele ter se expandido mundo afora de forma rápida, ao se pensar em tradução em sala de aula de LE, muitos associam a prática apenas ao método GT. Ademais, os métodos que surgiram depois dele sofreram influências quanto ao banimento da tradução no ensino de LE. Explano brevemente alguns deles a seguir.

Como ataque ao método GT, surge, no início do século XX, o método direto. Aqui, há exclusão total da língua mãe no ensino, reforçando até os dias atuais a crença de que a LE somente pode ser aprendida por meio de seu uso exclusivo.

No método audiolingual, que surge na 2ª Guerra Mundial com a finalidade de ensinar LE a soldados estadunidenses de maneira rápida, a tradução devia ser evitada na sala de aula, bem como no método natural, que

tenta aplicar na sala de aula a teoria de Stephen Krashen, conhecida como Modelo do Monitor ou Modelo do Input (KRASHEN, 1981). Esse método não valoriza a tradução, baseado na crença de que a transferência de uma língua a outra tem um papel quase (se não) irrelevante no ensino de L2 (LIBERATTI, 2012, p. 178).

Foi com a abordagem comunicativa, criada na década de 70, que a tradução passou a ser definitivamente considerada pela comunidade científica um recurso desaconselhável no ensino de LE. Aqui, a tradução não é bem-vinda como prática facilitadora do ensino. Seu uso não acontece nem de maneira informada e sistematizada, nem como último recurso pedagógico disponível. Seguidores do método comunicativo abominam tal prática e, quando acabam por utilizá-la, podem se sentir culpados.

Para as teorias de *Aquisição da Segunda Língua* (ASL), advindas das teorias de *Aquisição da Primeira Língua* (APL), a tradução no ensino de LE não contribui para a aprendizagem, uma vez que advogam pelo behaviorismo¹ ou pelo inatismo de Chomsky², e sua aquisição é vista como o resultado da necessidade de comunicação no processo de aquisição da linguagem. Sobre isso, Liberatti (2012) aponta que:

Essas teorias não consideram a tradução como prática aceitável no ensino aprendizagem de LE, uma vez que, segundo elas, a atenção do aprendiz deve priorizar o significado e conteúdo em detrimento da forma, estimulando, com isso, uma aquisição *inconsciente* do sistema linguístico. A tradução, pelo contrário, demanda um conhecimento *consciente* das línguas envolvidas no processo de aprendizagem, e, conseqüentemente, não se enquadra nas teorias citadas. Por isso, essas teorias acreditam que a tradução não desempenha papel algum no ensino-aprendizagem de LE. As teorias de L2 baseadas em teorias de APL acreditam que a aquisição de uma segunda língua passa pelo mesmo processo de aquisição da L1. [Porém,] para que a tradução em sala de aula seja aceita e praticada, necessita-se reconhecer o caráter diverso de aprendizagem da L2 em relação à aquisição da L1, pois a aquisição da L1 ocorre dentro de um contexto diferente do aprendizado de uma L2 (p. 179).

Segundo Grilli (2019), a partir dos anos 90, autores como Prabhu (1990); Allwright (1991); Kumaravadivelu (1994, 2001, 2003, 2006), entre outros passam a condenar o caráter prescritivo de métodos de ensino de LE e começam a direcionar seus esforços a estudos sobre a condição pós-método. Em 2006, Kumaravadivelu (*apud* Grilli, 2019) estabelece três parâmetros constituintes do ensino de LE seguindo-se a perspectiva do pós-método:

¹ Behaviorismo: processo de formação de hábitos (LIBERATTI, 2012).

² Inatismo de Chomsky: a linguagem é tida como um patrimônio genético do falante (LIBERATTI, 2012).

o parâmetro da particularidade, o parâmetro da praticabilidade e o parâmetro da possibilidade. O parâmetro da particularidade defende a adequação dos procedimentos de ensino de LE às particularidades linguísticas, socioculturais e políticas do local onde ocorre; o parâmetro da praticabilidade defende que o professor deve gerar teorias a partir de sua prática e deve colocar em prática o que teoriza, constituindo-se como sujeito autônomo do processo de ensino; o parâmetro da possibilidade está relacionado a uma pedagogia atenta às relações de poder no ambiente de ensino, que leve em conta a identidade e as experiências dos aprendizes, possibilitando transformações sociais (*ibidem*, p. 38).

A despeito do que prega este ou aquele método ou abordagem de ensino e sua relação com o uso ou não da tradução em sala de aula, atualmente, vivemos na era do pós-método. Basicamente, o pós-método, ao advogar pela autonomia do professor em sala, ancorando-se em sua capacidade de saber o que e como ensinar e agir, nos leva a refletir sobre o uso da tradução como aliada ao processo de ensino de LE.

96

Isto posto, é de suma importância o entendimento de que o uso da tradução em sala de aula não é atrelado ao método GT. Mais ainda, seu uso sistemático, informado e planejado não se vincula a este ou aquele método ou abordagem, e sim, ao que prega a era pós-método, que não é apenas mais um método de ensino alternativo, e sim uma alternativa para tal.

A seguir, exponho alguns dos principais motivos pelos quais o professor de LE pode fazer uso da tradução em sua prática de ensino, enxergando-a como aliada ao processo de aprendizagem.

2. Relato de experiência

O programa de formação acadêmica complementar *Prática de Tradução e Interpretação em Língua Inglesa* foi criado em 2006 na Universidade Estadual de Londrina. Atrelado ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, atualmente é coordenado pela professora Dra. Fernanda Machado Brener. O programa tem como intuito

proporcionar os passos iniciais para a aquisição da competência e prática em tradução e interpretação em nível básico da língua inglesa para alunos do curso de letras - habilitação [*sic*] angloportuguesas. O programa prevê a oferta de oficinas para os

alunos-participantes do projeto para a interpretação e tradução da língua inglesa. As oficinas compreenderão aulas teóricas, leituras e discussões sobre a profissão e formação do intérprete e do tradutor, e aulas práticas com atividades de aquisição de vocabulário e estruturas gramaticais, compreensão de textos falados e escritos, atividades de memorização, tomadas de notas, transcrição e interpretação, tradução de textos orais e escritos. Eventos de extensão com palestras e a prestação de serviços para a comunidade de autores de artigos no âmbito do centro de letras e ciências humanas da UEL também fazem parte do componente prático deste programa (CADERNO, 2019, p. 26-27).

Como docente da universidade, e por possuir formação acadêmica em Estudos da Tradução em nível de mestrado e doutorado, atuo como professora consultora do programa desde 2019, ano em que ofertei minha primeira oficina atrelada ao programa, com o tema tradução de Histórias em Quadrinhos³.

Já em 2021, voltei o tema da oficina para tradução em sala de aula de LI, por entender a importância de se desmistificar alguns conceitos ligados a tal prática em sala de aula, como exposto na seção anterior, uma vez que meu público foi composto por futuros e atuais professores de LI, isto é, graduandos do curso de Letras - Inglês da UEL.

O objetivo da oficina foi trabalhar a tradução em sala de aula de Língua Inglesa (LI), demonstrando ser a tradução uma eficiente ferramenta no ensino-aprendizagem de inglês como língua adicional. Primeiramente, foram apresentados alguns conceitos para desmistificar o uso da tradução em sala de aula de LI, passando-se à proposição de atividades tradutórias que poderão auxiliar o futuro professor em sua prática docente.

A oficina teve carga horária de 30h, com encontros na plataforma on-line do *Google Meet* devido à pandemia de Covid-19. As aulas ocorreram duas vezes por semana, com um encontro síncrono e um assíncrono semanal. A seguir, exponho as atividades propostas tanto por mim quanto pelos alunos, bem como o feedback recebido por parte deles.⁴

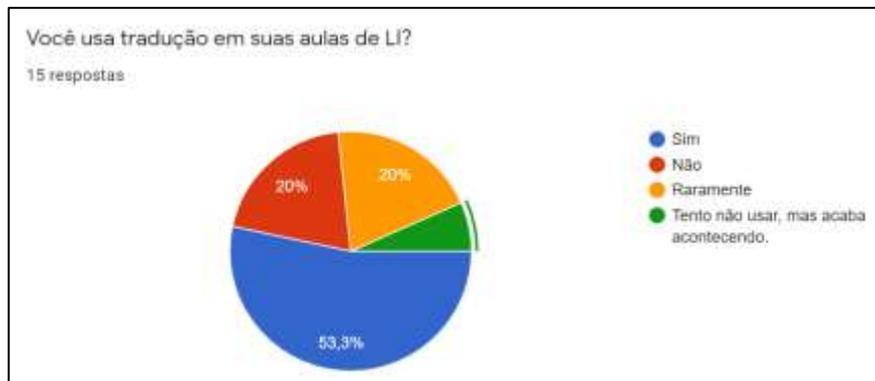
Logo no início da oficina, antes mesmo de qualquer insumo teórico, os alunos responderam a um questionário no *Google Forms*, em que deveriam responder se usavam tradução em suas aulas de LI, justificando suas respostas.

³ Em 2021, publiquei o artigo *A tradução de Histórias em Quadrinhos no curso de Letras-Inglês da Universidade Estadual De Londrina* (no prelo), em que discorro sobre a oficina ofertada em 2019.

⁴ Aqui é importante ressaltar que nem todos os participantes da oficina já possuíam experiência prática em ensino. Nesses casos, eles deveriam trazer suas perspectivas enquanto alunos de Letras - Inglês e pensar em práticas futuras, ou seja, como pensariam suas aulas e abordagens futuras de acordo com o conhecimento que possuíam no momento.

Como podemos observar a partir do gráfico abaixo, a maioria dos alunos (53,3%) diz usar a tradução no ensino de LI de uma forma ou de outra, ao passo que 20% diz não fazer uso da tradução em suas aulas; outros 20% afirmam que a usam raramente, e um aluno diz que tenta não a utilizar, mas que “acaba acontecendo”:

Figura 1: Gráfico “Você usa a tradução em suas aulas de LI?”



Fonte: pesquisa realizada pela autora por meio do *Google Forms*

Trago abaixo as justificativas apresentadas pelos participantes a respeito do uso da tradução em sala de aula, e comento sobre as mais relevantes:

Quadro 1: justificativas apresentadas pelos participantes a respeito do uso da tradução

Se você usa tradução em sala de aula, em quais ocasiões o faz?
— Quando é preciso explicar um texto, para entender melhor certas palavras ou frases que fazem parte de um jargão que não conheço muito, etc.
— Termos muito técnicos ou leituras muito avançadas.
— Em níveis mais iniciantes, quando o aluno é iniciante e ele precisa de uma "muleta" para aprender o novo idioma.
— Pensando como aluna, eu raramente uso traduções em sala de aula, apenas quando necessário se eu não consigo entender a ideia geral. Já como professora, espero usar da tradução como uma ferramenta positiva.
— Eu adoraria usar tradução em minhas aulas no futuro, acho uma perspectiva bem interessante.
— Acredito que utilizei mais nas questões de explicar o significado de algumas palavras desconhecidas pelos alunos em algum texto provavelmente, ou para explicar algum cognato e falso cognato.
— Não dou aula, porém acho que seria uma abordagem útil em ocasiões, por exemplo, em que os alunos pouco sabem e conhecem a língua inglesa. Assim, poderia auxiliá-los, nesse início, a compreender mais a língua.

- Como aluna de ensino fundamental, meu inglês não era muito bom, então em toda ocasião a professora falava que tinha que traduzir usando o dicionário e todas as vezes eu só levava para casa e usava o Google Tradutor depois.
- Quando o aluno sente muita dificuldade em compreender atividades/textos/áudios usados em sala de aula.
- Na maior parte das vezes, utilizo da tradução nas minhas aulas particulares, principalmente com alunos iniciantes e majoritariamente trabalhando com a expansão de vocabulário.
- Ajudar a explicar o significado de uma palavra, quando vejo que o aluno está muito confuso com as instruções (para isso também tento de outras formas ainda no inglês, sendo a tradução meu último recurso).

Se você não usa tradução em sala de aula, por que não o faz?

- Por não saber como utilizar essa ferramenta de maneira que os alunos consigam entender e absorver conhecimento.
- Não utilizo nas minhas aulas em instituto de idiomas, porque não me permitem, e quando não me sinto segura de que é a forma mais acertada de passar algum conhecimento.
- Não sei como incorporar bem esses momentos de tradução dentro da aula. Ocorrem alguns momentos em que os alunos perguntam sobre uma palavra e eu instigo que eles digam o que acham que é, antes de falar, mas nada além disso.
- No momento não estou usando tradução porque dou aula para crianças.
- Tento não usar por exigência da escola.

Fonte: *ibidem*

Como podemos observar a partir dos relatos de quem diz usar a tradução em sala de aula, este recurso, na visão dos alunos, parece ser interessante quando pensamos em aprendizes em níveis mais iniciais, o que vai ao encontro do que advoga Cook (1998), ao citar algumas vantagens do uso da tradução em sala de aula de LE:

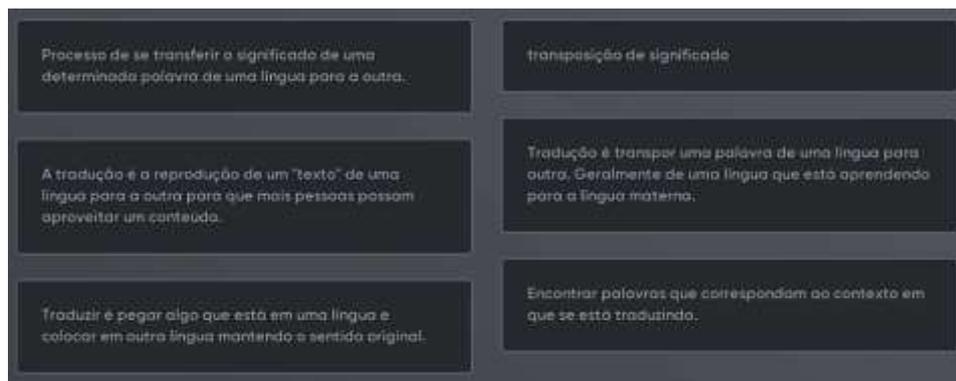
A tradução é o meio mais rápido e eficaz para se explicar uma palavra ou regra gramatical. Assim, quando surgirem dúvidas por parte dos alunos em relação a palavras desconhecidas, o professor pode ganhar tempo ao passar a tradução da palavra ao invés de ter de se desgastar com mímicas, desenhos e jogos de adivinhação. Essa prática é vantajosa principalmente com alunos de níveis iniciantes (LIBERATTI, 2012, p. 181).

A visão da tradução como “muleta” e como último recurso também foi citada pelos alunos; porém, outros a apontaram como uma ferramenta interessante na explicação de falsos cognatos, por exemplo, e para explicações de termos mais técnicos ou avançados. Outro ponto relevante foi o comentário de um aluno sobre o uso do Google Tradutor, o que nos mostra uma aplicação da tradução de forma não sistemática e planejada.

No que diz respeito a não fazer uso da tradução, alunos apontaram que não a utilizam por não saberem como fazê-lo de maneira eficaz ou por proibição da escola em que trabalham, algo bastante comum em institutos de idiomas, por exemplo.

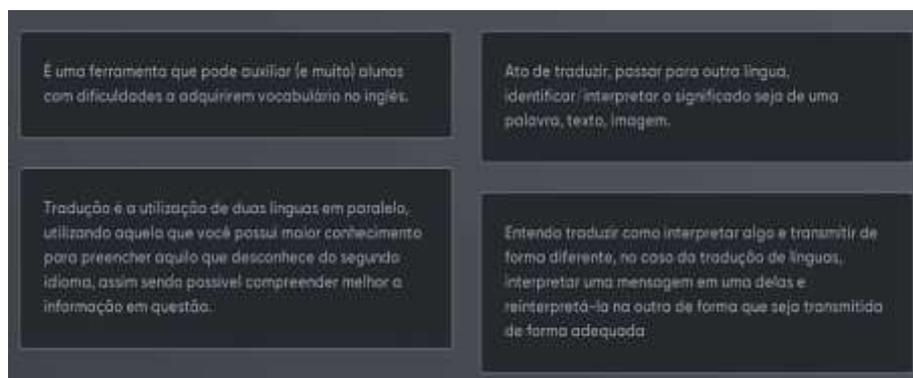
Ademais, no primeiro encontro, trabalhamos com definições de tradução e seus diferentes tipos. Aqui, os alunos expuseram seus diferentes entendimentos do que é ou não é tradução, o que trouxe um rico conteúdo a ser analisado, como nos apontam as informações apresentadas nas imagens abaixo, retiradas do site Mentimeter:⁵

Figura 1: O que é tradução



Fonte: enquête realizada pela autora na plataforma Mentimeter

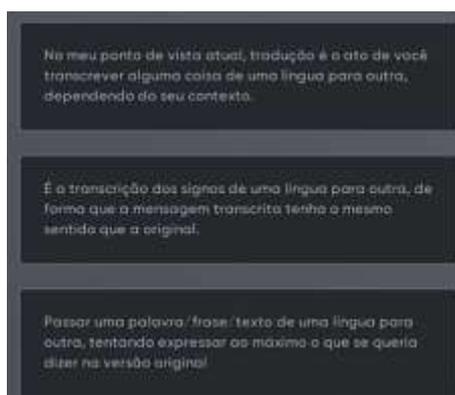
Figura 2: O que é tradução



Fonte: *ibidem*

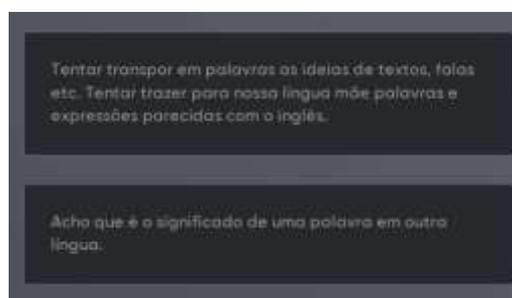
⁵ Plataforma interativa na qual os participantes podem criar e compartilhar apresentações de slides. Para saber mais, acesse <https://www.mentimeter.com/pt-BR>.

Figura 3: O que é tradução



Fonte: *ibidem*

Figura 4: O que é tradução



Fonte: *ibidem*

Não pretendo discutir aqui a adequação ou não das escolhas lexicais feitas pelos alunos ao discorrerem sobre seu entendimento do que vem a ser tradução, até porque não é simples definir o que vem a ser tradução, como nos aponta Souza:

Por não haver nenhuma teoria unificada da tradução, também não existe definição de tradução que seja aceita por todos. O próprio termo tradução é polissêmico e pode significar (a) o produto (ou seja, o texto traduzido); (b) o processo do ato tradutório; (c) o ofício (a atividade de traduzir); ou (d) a disciplina (o estudo interdisciplinar e/ou autônomo) (SOUZA, 1998, p. 51).

Ao invés disso, meu intuito é apontar um levantamento já antecipado antes mesmo de os participantes enviarem suas respostas: sem insumo prévio, os alunos pensaram em apenas um dos tipos de tradução existentes, a interlingual. Isso já era de se esperar, pois o que nos vem à mente quando falamos em tradução é exatamente isso, como podemos ver nas respostas: “passar uma palavra/frase/texto *de uma língua para outra*”, sendo o excerto destacado em itálico na citação acima algo recorrente em muitas das respostas.

Outro ponto interessante trazido pelos participantes foi o foco no texto ao se pensar tradução, sem menção a itens culturais específicos a determinado país ou cultura. Para Franco Aixelá, itens culturais específicos são:

Aqueles itens textualmente efetivados, cujas conotações e função em um texto fonte se configuram em um problema de tradução em sua transferência para um texto alvo, sempre que esse problema for um produto da inexistência do item referido ou de seu status intertextual diferente no sistema da cultura dos leitores do texto alvo. (FRANCO AIXELÁ, 2013, p. 193).

Com o intuito de expandir a visão de tradução apresentada pelos alunos, expus os diferentes tipos de tradução existentes, de acordo com a Tipologia de Roman Jakobson. Para o pesquisador, existem três: “distinguimos três maneiras de interpretar um signo verbal: ele pode ser traduzido em outros signos da mesma língua, em outra língua, ou em outro sistema de símbolos não verbais” (JAKOBSON, 1999, p. 64). Duarte (2008) explica que a tipologia de Jakobson

considera que: 1. Tradução intralingual ou reformulação é a interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua; 2. Tradução interlingual ou tradução propriamente dita é a interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua; 3. Tradução intersemiótica ou transmutação é interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais. (DUARTE, 2008, p. 1787-8).

Ou seja, quando os alunos afirmam utilizar ou não tradução em sala de aula em alguns casos específicos, na verdade fazem, sim, uso da tradução em suas aulas, uma vez que, ao explicarem em inglês o significado de uma palavra, estão fazendo uso da tradução intralingual, por exemplo, e ao pedirem que alunos descrevam uma imagem por meio da língua inglesa, fazem uso da tradução intersemiótica. A desconstrução de preconceitos é um fator essencial para que mais e mais professores, alunos e envolvidos no processo de ensino-aprendizagem de uma LE não caiam na falácia de demonizar a tradução em sala de aula sem saber por que o fazem.

Nesse sentido, a atividade para o encontro seguinte foi a busca por exemplos de atividades de ensino de LI (em livros didáticos e na internet, por exemplo) que contemplassem os diferentes tipos de tradução apresentados no encontro.

De maneira geral, as questões trazidas pelos participantes dizem respeito a possíveis experiências negativas que alunos tiveram com o uso da tradução em sala de aula; uso não planejado da tradução; diminuição da tão promovida “imersão total na língua aprendida, às vezes com o argumento de aprender inglês da mesma maneira que se aprendeu português”, como aponta um aluno, seguido por outro: “acho que a tradução interlingual não seja tão usada em aulas de língua inglesa por ‘atrapalhar’ a imersão dos alunos na língua estrangeira. Imagino que seja algo relacionado ao aprendizado da primeira língua, em que a criança passa anos escutando antes de tentar falar. Além disso, a questão da publicidade de ter um ambiente 100% em língua estrangeira”.

Um comentário específico chamou-me a atenção, ao demonstrar o avanço do aluno sobre conscientização dos diferentes tipos e usos da tradução em sala de aula: “Vendo os diferentes tipos de tradução, acredito que a tradução interlingual seja vista como ruim principalmente em institutos privados de idiomas, que prometem vender um inglês parecido com o do ‘falante nativo’, o que torna a tradução algo ruim. Já as outras formas de tradução são utilizadas frequentemente no ensino de LI, porém não são reconhecidas como tradução por muitos”.

Ademais, ainda nesta toada de insumos teóricos, pedi que os alunos lessem e fichassem o artigo *Tradução e ensino de línguas*, de Souza (1999), para discussão no encontro seguinte, além de apresentar-lhes dois planos de aula da Revista Nova Escola: *Usando o dicionário bilíngue*⁶ e *Utilizando o dicionário bilíngue para traduzir content words*⁷, para que tivessem contato com exemplos práticos de abordagens da tradução em sala de aula.

Depois deste primeiro contato com o tema tradução e ensino de LE, os alunos passaram a ter um papel mais ativo na oficina, produzindo atividades que abordassem os seguintes tópicos: homônimos, expressões idiomáticas, cognatos e falsos cognatos, além de trabalharem com tiras e memes e dublagem e legendagem. Os participantes deveriam criar atividades de LI utilizando-se da tradução como ferramenta de ensino e com base no que havia sido estudado até então. Ademais, deveriam trazer definições simples no início de cada conjunto de atividades, *i.e.*, para cada tópico abordado, no próprio material criado.

Os formatos das atividades criadas foram diversos: exercícios de preencher lacunas, de ligar colunas e de múltipla escolha, atividades de tradução literal e tradução do sentido, perguntas abertas, exercícios com vídeos, entre outros. Todas as propostas foram bastante criativas e demonstraram entendimento por parte dos alunos sobre diversas maneiras de utilizarmos a

⁶ Disponível em: <https://planosdeaula.novaescola.org.br/fundamental/6ano/ingles/usando-o-dicionario-bilingue/2269>.

⁷ Disponível em: <https://planosdeaula.novaescola.org.br/fundamental/6ano/ingles/utilizando-o-dicionario-bilingue-para-traduzir-content-words/2106>.

tradução como uma ferramenta útil e eficiente no ensino de LI. A seguir, apresento brevemente o material da oficina.

Na primeira atividade prática, trabalhamos a importância do contexto na construção de enunciados linguísticos, com atividades que abordassem tanto palavras homônimas⁸ em português quanto em inglês. O insumo necessário para que os participantes pudessem criar seus exercícios foi retirado do plano de aula da Revista Nova Escola *Usando o dicionário bilíngue*⁹. Apresento a seguir as palavras homônimas levantadas pelos alunos em suas atividades¹⁰:

Quadro 2: palavras homônimas em português do Brasil

Palavras homônimas em português do Brasil	Traduções para a LI	Palavras homônimas em português do Brasil	Traduções para a LI
Caminho - substantivo	Way	Rio - substantivo	River
Caminho - verbo	Walk	Rio - verbo	Laugh
Casa - substantivo	Home, house	Saia - substantivo	Skirt
Casa - verbo	Marry, get married	Saia - verbo	Leave, get out
Jogo - substantivo	Game	Sente - verbo	Feel
Jogo - verbo	Play	Sente - verbo	Sit down
Leve - adjetivo	Light	Vendo - verbo	Watching
Leve - verbo	Take	Vendo - verbo	I sell
Nada - adjetivo	Nothing	Verão - substantivo	Summer
Nada - verbo	Swim	Verão - verbo	Will see

Fonte: criação dos alunos na oficina em questão

Quadro 3: palavras homônimas em inglês

Palavras homônimas em LI	Traduções para a língua portuguesa do Brasil	Palavras homônimas em LI	Traduções para a língua portuguesa do Brasil
---------------------------------	---	---------------------------------	---

⁸ Homônimos ou palavras homônimas são aquelas que possuem a mesma pronúncia ou grafia, mas sentidos diferentes, como por exemplo *manga* (de camisa) e *manga* (fruta), em português, e, em inglês, (chocolate) *bar* - de *barra* (de chocolate) - e (window) *bars* - de *grades* (de janela).

⁹ Disponível em: <https://planosdeaula.novaescola.org.br/fundamental/6ano/ingles/usando-o-dicionario-bilingue/2269>.

¹⁰ Por questão de espaço, são apresentadas apenas as palavras descontextualizadas aqui. Porém, é importante ressaltar que todas as atividades desenhadas pelos participantes levaram em conta a relevância do contexto na construção de enunciados linguísticos, ou seja, é apenas pelo contexto que as respostas corretas das atividades se fazem possíveis.

Address - substantivo	Endereço	Nail - substantivo	Unha
Address - verbo	Endereçar	Nail - substantivo	Prego
Bat - substantivo	Taco	Orange - adjetivo	Alaranjado
Bat - substantivo	Morcego	Orange - substantivo	Laranja
Bat - substantivo	Arco	Party - substantivo	Festa
Book - substantivo	Livro	Party - substantivo	Partido político
Book - verbo	Reservar	Party (size) - substantivo	Mesa
Bow - substantivo	Laço	Present - substantivo	Presente
Can - substantivo	Lata	Present - verbo	Apresentar
Can - verbo	Pode	Present - verbo	Presentear
Cold - adjetivo	Frio	Rose - substantivo	Rosa
Cold - substantivo	Gripe	Rose (from) - verbo	Levantou
Fan - substantivo	Fã	Watch - substantivo	Relógio
Fan - substantivo	Ventilador	Watch - verbo	Assistir

Fonte: *ibidem*

A título de ilustração, apresento uma das atividades com palavras homônimas criadas por um dos grupos da oficina:

Figura 5: sugestão de atividade com palavras homônimas em inglês

Leia a charge abaixo e escolha a alternativa correta:



a) O ventilador é um fã de rock metal.
 b) O homem também é um grande ventilador de metal.
 c) Metal fan quer dizer "ventilador de metal" e também "fã de rock metal".
 d) Nenhuma das alternativas.
 e) Todas as alternativas.

Fonte: *ibidem*

Após termos trabalhado com palavras homônimas, passamos a abordar expressões idiomáticas, conhecidas como *idioms* em LI. Os alunos foram apresentados com outro plano de aula da Revista Nova Escola: *Uso de expressões idiomáticas na produção de um diálogo*¹¹, que traz a definição de *idioms* e explora atividades voltadas a algumas dessas expressões. Ademais, foi-lhes trazida a definição de Neves (2020, s.p.). De acordo com o autor, expressões idiomáticas

são porções de frases cujo significado ultrapassa o significado literal das suas partes. Significam mais do que a interpretação das palavras que as compõem, implicando uma leitura contextual. São comumente utilizadas na linguagem informal e, estando algumas muito enraizadas na cultura linguística dos falantes, são aplicadas também em discursos formais. As expressões idiomáticas retratam traços culturais de certos grupos e regiões.

Quando trabalhamos com dois ou mais idiomas em paralelo, podemos notar que existem expressões equivalentes e não equivalentes nos idiomas envolvidos. Nesse sentido, a primeira atividade proposta foi que os alunos acessassem uma lista com 66 *idioms* em LI¹² e respondessem quais deles

¹¹ Revista Nova Escola. Disponível em: <https://novaescola.org.br/plano-de-aula/2848/uso-de-expressoes-idiomaticas-na-producao-de-um-dialogo>.

¹² Disponível em: <https://www.smart-words.org/quotes-sayings/idioms-meaning.html>

possuíam correspondente direto em português do Brasil (por exemplo: *break the ice - quebrar o gelo*), quais eram similares (por exemplo: *kill two birds with one stone - matar dois coelhos com uma cajadada só*) e quais não possuíam um equivalente em português do Brasil. Foram criados 6 grupos; desta forma, cada um deles deveria analisar 11 expressões, apresentando posteriormente para a turma.

A seguir, a partir do contato com as expressões idiomáticas da lista, e também de seus conhecimentos prévios de outras expressões, os alunos deveriam criar atividades de tradução com foco em *idioms*. Apresento, abaixo, uma lista com as expressões selecionadas por eles:

Quadro 4: expressões idiomáticas

<i>Idioms</i> abordados nas atividades	
A far cry from	Fly off the handle
A hot potato	Let the cat out of the bag
A penny for your thoughts	Miss the boat
An arm and a leg	Once in a blue moon
At the drop of a hat	Piece of cake
Back to the drawing board	See eye to eye
Barking up the wrong tree	Steal someone's thunder
Can't judge a book by its cover	Take with a grain of salt
Caught between two stools	Taste of your own medicine
Costs an arm and a leg	To be miles away
Cry over spilt milk	To kill two birds with one stone
Curiosity killed the cat	To make a long story short
Cut corners	When pigs fly
Devil's advocate	Wouldn't be caught dead
Don't put all your eggs in one basket	Your guess is as good as mine
Feel a bit under the weather	

Fonte: *ibidem*

A seguir, passamos a trabalhar com cognatos e falsos cognatos. Assistimos ao vídeo *14 falsos cognatos muito comuns em inglês*¹³, de Marília Britto, para então passarmos à criação das atividades.

¹³ Disponível em <https://mariliabritto.com/14-falsos-cognatos-muito-comuns-em-ingles/>.

Figura 6: capa do vídeo “14 falsos cognatos muito comuns em inglês”



Fonte: Youtube

Como instruídos, os participantes deveriam criar atividades abordando tanto falsos cognatos quanto cognatos. Um dos grupos apresentou no material a seguinte definição dos termos:

108

Quadro 5: definição de cognatos e falsos cognatos apresentada por um dos grupos

Cognatos	Falsos Cognatos
Cognatos são palavras que possuem grafia iguais ou semelhantes e o mesmo significado em diferentes idiomas. Por exemplo, a palavra “Positive” em inglês possui uma grafia semelhante à da palavra “positivo” em português, e ambas possuem o mesmo significado nos dois idiomas.	Falsos cognatos são palavras que se assemelham tanto na pronúncia quanto na escrita a palavras de outros idiomas. Porém, apesar de serem semelhantes, elas têm significados diferentes. Por exemplo, as palavras “Content” e “Fabric” em inglês, por terem grafias semelhantes com palavras em português, são geralmente confundidas com as palavras “contente” e “fábrica” , mas na verdade significam “conteúdo” e “tecido” .

Fonte: *ibidem*

Apresento abaixo as palavras escolhidas pelos alunos para abordarem o tópico:

Quadro 6: falsos cognatos

Falsos Cognatos	
Actual	Journal
Actually	Legend
Assist	Mayor

Avocado	
Assume	Novel
Attend	Pan
Balcony	Parents
Cocoa	Potential
College	Prejudice
Comic	Pretend
Dessert	Pull
Eventually	Push
Fabric	Realize
Garage	Subtitles
Gratuity	Support
Intend	Traffic
Jar	

Fonte: *ibidem*

Quadro 7: cognatos

Cognatos	
Angel	Garage
Capricorn	Human
Chocolate	Idea
Comedy	Ignore
Different	Lunch
Emotion	Music
Fruit	Restaurant
Future	Television

Fonte: *ibidem*

O próximo tópico trabalhado utilizou-se de tiras e memes como gêneros textuais nos quais os alunos deveriam buscar conteúdo para criação das atividades. Esta escolha se deu por anseio de se trabalhar língua atrelada à cultura, o que se faz presente em ambos os gêneros de maneira bastante explícita. Não somente, mas também, a presença de humor é muito – se não totalmente –

recorrente tanto em tiras quanto em memes. E humor é *culture-specific*, ou seja, específico a cada cultura.

Apresentei aos alunos algumas especificidades importantes dos gêneros tiras¹⁴ e memes, para, então, propor a seguinte atividade:

Figura 7: instruções para a atividade com tiras e memes

Querid@s alun@s,
para o encontro do dia 24/06, vocês devem:
- escolher algumas tiras e/ou memes;
- criar exercícios que trabalhem *aspectos linguísticos e culturais* durante a atividade tradutória;
- abordar nas atividades traduções do inglês para o português e vice-versa.
--> Levar em consideração: quais aspectos linguísticos/culturais serão abordados nas atividades de tradução? Como serão trabalhados esses aspectos nas atividades propostas?
--> Nesses gêneros, atentem-se à tradução do humor (jogos de palavras, jogos de imagens, por exemplo), aos aspectos não verbais para composição do sentido e aos aspectos culturais.
Cheers,
Elis.

Fonte: aviso de elaboração própria aos alunos da oficina

Os participantes abordaram questões culturais de maneira criativa e interessante, trazendo memes atuais, alguns deles com personagens certamente conhecidos pelos supostos alunos, como o Professor Snape, de Harry Potter, um ator da série *Brooklyn 99*, personagens da série *The Bing Bang Theory*, entre outros. Já as tiras selecionadas foram da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa, dos Peanuts, de Charles Schulz, da Mafalda, de Quino, e do Garfield, de Jim Davis, todas atemporais e conhecidas no Brasil.

Por questões de limitação espacial, apenas poderei discorrer sobre as atividades de tiras e memes de maneira bastante breve. O que nos interessa, aqui, é apontar que os participantes tiveram o cuidado de desenhar atividades atrativas e desafiadoras na medida certa, trazendo atividades que cobrissem expressões idiomáticas, jogos de palavras, aspectos culturais, entre outros. A título de ilustração, apresento uma das atividades com memes criadas por um dos grupos da oficina:

¹⁴ Para ler sobre a linguagem das histórias em quadrinhos, cf. Liberatti, 2017.

Figura 8: sugestão de atividades com memes



Fonte: atividade proposta pelos alunos no âmbito da oficina

Para entender os memes acima, o leitor precisa ter conhecimento da música *Hello*, da cantora Adele, e do significado das palavras “otter” (lontra) e “slide” (escorregador) em português (imagem 1), o que torna possível o entendimento do jogo de palavras entre “Hello from the other side” – música de Adele – e “Hello from the otter slide”, texto da imagem 1. Para compreender a imagem 2, é necessário saber o significado da palavra “bite” – mordida – e relacioná-la com o contexto de situação apresentado tanto pelo texto quanto pela imagem, o que permite o jogo de palavras entre “megabite” (mega mordida) e “megabyte”, termo “usado para medir o tamanho da memória e do espaço de armazenamento de um hardware”¹⁵.

Como última tarefa da oficina, abordamos a legendagem e a dublagem, processos tradutórios que professores podem utilizar ao lançarem mão da tradução como ferramenta de ensino. Trabalhar com dublagem e legendagem em sala de aula de LE pode abarcar as quatro habilidades da língua (*reading, writing, listening, speaking*), e geralmente desperta o interesse dos alunos, pois os gêneros textuais abordados são filmes, séries, documentários, desenhos, entre outros, ou seja, vídeos com forte apelo e que normalmente chamam a atenção dos estudantes.

Exibi um vídeo¹⁶ para os participantes, para que eles pudessem entender alguns aspectos importantes desses processos, a saber: o que são essas duas vertentes da tradução audiovisual, quais são suas características e limitações, quais referências culturais estão presentes nos vídeos, por que a dublagem é tão

¹⁵ Disponível em: <https://bit.ly/3ybiLX6>.

¹⁶ “Por que a legenda é diferente da dublagem? | Mabel Cezar e Rayani Immediato”, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hpedzzguwq&ab_channel=sociedadebrasileiradedublagem.

diferente da legendagem, o que são níveis de formalidade linguística, presença de oralidade, entre outros. Entender os aspectos mencionados no vídeo fez-se importante para que os estudantes soubessem que tipos de atividades ou pre-atividades produzir, a fim de guiar os alunos para uma eficiente realização dos exercícios.

Levando em consideração os aspectos apresentados no vídeo, os participantes produziram suas atividades de legendagem e dublagem, seguindo as instruções apresentadas abaixo:

Figura 9: instruções para a atividade de dublagem e legendagem

Querid@s alun@s,
 para o encontro do dia 01/07, vocês devem criar uma atividade de dublagem (Inglês -> Português) e uma atividade de legendagem (Português -> Inglês) de dois vídeos a sua escolha.
 Os vídeos selecionados devem ser CURTOS. Caso queiram, vocês podem trabalhar com trechos do material selecionado.
 As atividades devem propor traduções do inglês para o português (na dublagem) e do português para o inglês (na legendagem)
 Lembrem de trazer exercícios que trabalhem especificamente questões linguísticas e/ou culturais (ou seja, não é apenas para achar vídeos e propor atividades do tipo: legende o vídeo abaixo). O que os alunos precisam saber, em termos linguísticos, para conseguirem fazer a produção? Como isso será abordado nas atividades? Quais atividades serão feitas para guiar as traduções antes, durante e depois do processo tradutório?

Fonte: aviso de elaboração própria aos alunos da oficina

Também por questões de limitação espacial, apenas poderei discorrer brevemente sobre as atividades de dublagem e legendagem. Para a criação de exercícios que abordassem a dublagem, o intuito foi trabalhar majoritariamente com a questão de oralidade, com enfoque na compreensão oral – uma vez que os alunos precisariam escutar o áudio do vídeo em inglês para produzirem suas dublagens. Já para o desenho dos exercícios de legendagem, buscamos trabalhar majoritariamente com a questão da produção escrita, pois os alunos deveriam produzir legendas em língua inglesa de algum vídeo que estivesse em português do Brasil.

Para as atividades de dublagem, os participantes trouxeram trechos de vídeos atualmente interessantes, como, por exemplo, *The Amazing World of Gumball*, *Grey's anatomy* e *The Simpsons*. Um grupo trabalhou com *phrasal verbs*. Aspectos culturais e linguísticos foram considerados, como, por exemplo, a pronúncia do personagem Zelador Willie, que possui um sotaque escocês.

Em relação às atividades de legendagem, os vídeos escolhidos foram da Turma da Mônica, do Oswaldinho e do Capitão América. Com os vídeos da Turma da Mônica, as sugestões de exercícios envolveram, entre outros aspectos, a tradução da dislalia¹⁷ do personagem Cebolinha e de termos como *dentões*, *forçada* e *coelhada*. A linguagem da internet também foi trabalhada em um dos exercícios, trazendo palavras como *share*, *like*, *follow*, *hashtag*, *profile*, entre outras.

As sugestões de exercícios para este último tópico foram, mais uma vez, bastante criativas. Os trechos de vídeos selecionados são ricos em questões culturais e linguísticas e, possivelmente, possuem apelo, despertando interesse por parte dos alunos. O que pude observar, no entanto, é que algumas atividades envolvendo dublagem e legendagem ficaram um tanto “soltas” na questão de marcadores culturais ou linguísticos. Desta forma, os participantes precisaram de maior conscientização sobre a importância de (pré-)atividades guiadas para que os exercícios propostos fossem eficientes no quesito do que se espera dos alunos em cada exercício. Assim, sugeri que algumas das atividades fossem mais desdobradas e guiadas.

Resultados e considerações finais

Tendo exposto as atividades sugeridas por mim durante a oficina, e as sugestões de exercícios dos participantes, passo agora à avaliação da oficina feita pelos estudantes. Para tal, pedi que os alunos relatassem:

- Suas impressões gerais
- Sugestões de melhorias
- O que gostaria de ter visto e não vimos
- Outros assuntos

Apresento abaixo a imagem gerada pelo Padlet¹⁸, aplicativo utilizado para coleta das respostas.

¹⁷ “A dislalia é uma alteração da fala em que a pessoa não consegue articular e pronunciar algumas palavras, principalmente quando possuem “R” ou “L”, e, por isso, trocam essas palavras por outras com pronúncia semelhante” (fonte: <https://www.tuasaude.com/dislalia/>)

¹⁸ “O **Padlet** é uma ferramenta online que permite a criação de um mural ou quadro virtual dinâmico e interativo para registrar, guardar e partilhar conteúdos multimídia” (fonte: <https://inovaeh.sead.ufscar.br/wp-content/uploads/2019/04/Tutorial-Padlet.pdf>).

Figura 10: feedback da oficina

Feedback - Oficina "A tradução em sala de aula de língua inglesa: implicações e aplicações"
 @luciana.com

Impressões gerais da oficina
 No começo, eu tive minhas dúvidas sobre como seria feita a oficina, nas suas questões práticas e de tempo, porém eu me surpreendi, a oficina conseguiu trabalhar muitos aspectos da tradução em sala de aula de forma extremamente satisfatória, em adição a isso, a maneira prática como foi abordado o conteúdo permitiu o fácil e rápido entendimento.

Sugestões de melhorias
 Na minha opinião, a única coisa que poderia melhorar seria a adição de outros formatos para a atividade assíncrona, além da produção de exercícios.

O que gostaria de ter visto e não vimos na oficina?
 No geral, eu acho que a oficina abordou todos os temas que eu esperava, porém poderiam ter sido abordados alguns aspectos mais técnicos do uso da tradução na sala de aula.

Adorei a oficina, apesar de sempre ter tido interesse na tradução nunca tinha me dado o trabalho de aprender mais sobre antes da oficina e o processo de obter conhecimento sobre isso foi interessante do começo ao fim, com muitas coisas que eu nem mesmo imaginava. Também gostei da forma na qual os assuntos foram trabalhados, poder trabalhar em grupos nas atividades sempre tornou as atividades menos massivas e mais interessantes de serem feitas, também achei muito legal a forma em que sempre víamos os trabalhos de outros grupos.
Sugestão:
 Não sei se é possível nesses tempos de pandemia mas eu acho que uma maior duração seria legal, conforme você vai aprendendo sobre o engajamento também aumenta então acho que seria interessante uma maior duração para ser possível trabalhar mais com o assunto.

Eu gostei muito da oficina, aprendi muito, descobri muita coisa sobre minha visão de tradução, aprendi sobre os tipos de tradução, algo que eu não sabia e achei muito interessante. Achei todos os assuntos abordados muito interessantes, acho que só gostaria que tivesse uma maior profundidade em cada tópico, mas entendo que não seria possível devido ao tempo. Estava tudo muito completo e bem explicado, achei uma quantidade boa de atividades e que ajudaram muito nesse processo de aprendizagem.

Impressões gerais da oficina: a oficina me surpreendeu, antes de começar eu estava meio desanimada mas a cada encontro eu queria me engajar mais.
Sugestões de melhorias: eu achei muito pesado deixar para entregar/apresentar as atividades de cognatos e memes/tirinhas no mesmo dia, com isso a atividade de memes eu me dei para levar mais pelo humor do que pelo objetivo pedagógico.
O que gostaria de ter visto e não vimos na oficina?: não consigo pensar num extra, creio que tudo o que foi visto foi necessário.
Outros assuntos: foi bom poder trabalhar em grupos, pois duas cabeças pensam melhor que uma, foi possível discussões riquíssimas tanto na reunião síncrona quanto as reuniões com meu grupo para criar as atividades.

Eu gostei muito da oficina, eu tinha várias dúvidas sobre como utilizar a tradução na sala de aula sem que fosse com pesquisas ou simplesmente passando o significado de palavras para os alunos. Dentro dos conteúdos trabalhados eu percebi que a tradução sempre pode ser aplicada de alguma forma, mesmo que em apenas um pedacinho de um conteúdo. Sem contar que não precisa estar explícito no enunciado dos exercícios, mas pode estar incluso em etapas do ensino e dos exercícios. O único defeito que vi foi ter sido uma oficina compacta e com os encontros contados, seria muito mais proveitoso e interessante que tivéssemos mais encontros para que pudéssemos aprofundar mais nos conteúdos.

Achei a oficina bem completa, porém compacta. Seriam interessantes mais encontros para poder expandir mais os tópicos trabalhados. Ajudou bastante a dar outro olhar para a tradução, desmistificando crenças e colocando-a como essencial para o ensino de línguas.

Gostei muitíssimo da oficina e acredito que tenha me ajudado muito a expandir minha concepção e respeito da tradução como uma ferramenta eficaz no processo inicial de aprendizagem de LI na sala de aula. Achei que as atividades tiveram uma carga horária boa e não foram muito extensas, densas e maçantes. Pude aprender muito! Gostei muito de todos os temas e aprendi, principalmente, com os feedbacks recebidos para com nossos exercícios e também para com os dos colegas.

Os temas trabalhados na oficina foram bastante interessantes e isso também me permitiu ter uma visão diferente dos aspectos tradutórios e seus usos. Portanto, é possível sim utilizar a tradução como uma ferramenta de aprendizagem. A duração dessa oficina foi bem curta, talvez seja interessante ter mais tempo para trabalhar os temas com mais calma e aprofundamento. Infelizmente não consigo pensar em outros temas a serem trabalhados, mas acho que o básico sobre tradução foi visto e desenvolvido.

Querid@s alun@s, peço que relatem:
 Impressões gerais da oficina
 Sugestões de melhorias
 O que gostaria de ter visto e não vimos na oficina?
 Outros assuntos

Impressões gerais da oficina:
 Gostei muito da oficina, acho que me ajudou muito a entender melhor como funciona o uso da tradução em sala de aula, acredito que seja uma ferramenta bem importante na aprendizagem de Língua Inglesa. Acho que seria interessante se a oficina tivesse alguns encontros a mais para que todos os tópicos estudados pudessem ser desenvolvidos com mais calma, porém fora isso, gostei de todos os temas, acho que foi tudo muito bem explicado e me ajudou a expandir meu conhecimento sobre o assunto.

Fonte: respostas dos alunos à pesquisa de avaliação da disciplina

Podemos observar que os alunos gostariam de ter tido mais encontros, com uma maior carga horária. Porém, os resultados demonstram, não apenas pelas produções dos participantes, mas também por seus comentários, que a oficina contribuiu para uma mudança de olhar sobre a tradução em sala de aula

de LE, “desmistificando crenças e colocando-a como essencial para o ensino de línguas”, como aponta um dos participantes. Desta maneira, acredito que a experiência contribuiu para o entendimento de como nós, professores de LE, podemos nos utilizar da tradução como aliada.

Ao fazer este relato, espero ter inspirado professores e futuros professores a verem a tradução em sala de aula de LE como uma ferramenta útil, se trabalhada de maneira informada, sistemática e planejada. Agradeço aos participantes pela rica troca.

REFERÊNCIAS

CADERNO Informativo 2019. 2019. Disponível em: <http://www.uel.br/col/lem/portal/pages/arquivos/CADERNO-DE-PROJETOS_2019.pdf>. Acesso em: 19 de outubro de 2021.

COOK, G. **Language Teaching**. In: BAKER, M. (ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, London – New York, Routledge, 1998, p. 117-120.

DUARTE, M. O. **Aspectos conceituais da tradução**. In: XI Simpósio Nacional e I Internacional de Letras e Linguística, 2008, Uberlândia/MG. XI Simpósio Nacional e I Internacional de Letras e Linguística. UBERLÂNDIA: EDUFU, p. 1787-1792, 2008.

FRANCO AIXELÁ, J. Itens culturais-específicos em tradução. Tradução Mayara Matsu Marinho e Roseni Silva. **In-Traduções**, Florianópolis, v. 5, n. 8, p. 185-218, 2013. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/intraducoes/article/viewFile/2119/2996>. Acesso em: 25 de outubro de 2021.

GRILLI, M. Como ensinar línguas? Do método ao pós-método. **Projekt (Curitiba)**, v. 57, p. 36-41, 2019.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1999.

LEFFA, V. J. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. **Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988, p. 211-236.

LIBERATTI, E. A tradução na sala de aula de LE: (des)construindo conceitos. **Entrepalavras**, Fortaleza, ano 2, v. 2, n. 1, p. 175-187, jan./jul. 2012.

LIBERATTI, E. **Traduzindo Histórias em Quadrinhos**: proposta de Unidades Didáticas com enfoque funcionalista e com base em tarefas de tradução. 2017. 447 p. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/181611>>.

NEVES, F. **Expressões idiomáticas**, 2020. Disponível em: <https://www.normaculta.com.br/expresoes-idiomaticas/>. Acesso em: 17 de outubro de 2021.

SOUZA, J. P. D. Teorias da tradução: uma visão integrada. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 20, n. 1/2, p. 51-67, jan./dez. 1998.

SOUZA, J. P. D. Tradução e ensino de línguas. **Revista do GELNE**, ano 1, v. 1, p. 141-151, 1999.

Resenha: SALDANHA, Camila Teixeira; LAIÑO, Maria José; MELO, Noemi Teles; PONTES, Valdecy de Oliveira (orgs.). *Tradução funcionalista no Brasil: perspectivas teóricas e aplicadas ao ensino de línguas*. Curitiba: Editora CRV, 2020. 158 p.

Erika Teodósio do Nascimento
mestranda/Universidade Federal do Ceará (UFC)
erikateod@gmail.com

O livro *Tradução funcionalista no Brasil: perspectivas teóricas e aplicadas ao ensino de línguas* apresenta-se em duas versões: livro físico e *e-book*, reunindo dez trabalhos realizados por pesquisadores da área de Estudos da Tradução, os quais evidenciam possibilidades de aplicação da tradução no ensino de Línguas Estrangeiras (LE). A partir desse contexto, esta resenha se propõe a comentar esses textos de modo a auxiliar aqueles que porventura desejem conhecer a perspectiva teórica funcionalista aplicada ao ensino de LE. Os organizadores da publicação são todos doutores, sendo Saldanha, Laiño e Melo pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC) e Pontes, pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGL/UFC).

117

No decorrer da publicação, os autores compartilham seus estudos e práticas metodológicas realizados sob a perspectiva da Teoria Funcionalista da Tradução, de Christiane Nord, sendo o prefácio escrito pela própria autora. Já o prólogo é de Costa e Zipser, coordenadoras do Grupo de Pesquisas TRAC (Tradução e Cultura - CNPq), que comentam sobre a relevância da obra. A leitura é recomendada a profissionais, pesquisadores e estudantes que buscam ter contato com experiências bem-sucedidas de pesquisa em sala de aula, pois acrescenta deveras aos conhecimentos a respeito da aplicabilidade da Teoria Funcionalista aos Estudos da Tradução na área de retextualização.

No primeiro capítulo, Camila Teixeira Saldanha e Noemi Teles de Melo apresentam uma proposta de uso da tradução como estratégia para a produção escrita em língua espanhola, apoiando-se nos pressupostos teóricos de Saldanha (2018) para trabalhar o gênero textual/discursivo folheto com discentes de Letras/Espanhol. As autoras consideram que os participantes da pesquisa perceberam o papel oportunizador da metodologia na tomada de decisões tradutórias, bem como uma reflexão durante a aprendizagem da língua na produção textual.

O segundo capítulo do livro, de autoria de Marina Giosa Azevedo, propõe uma atividade tradutória do gênero textual/discursivo audioguia com

estudantes de Letras/Espanhol. O material utilizado na pesquisa foi cedido por um museu após uma visita dos participantes. A proposta de exercício consiste na tradução do audioguia para a língua espanhola, primeiramente na forma escrita e, em seguida, na tradução para áudio. A autora escolheu o texto escrito para a discussão de dados, e seus resultados inferem que os alunos se aperceberam dos elementos envolvidos no processo de tradução, ampliando seus conhecimentos da LE.

O terceiro capítulo foi escrito por Elisângela Liberatti. Constitui uma proposta de atividade com o gênero textual/discursivo HQ (histórias em quadrinhos) como suporte ao aprendizado da produção textual. A escolha do gênero se justifica pelo desenvolvimento da habilidade tradutória dos participantes – alunos do curso de Letras/Inglês – ao trabalharem não só aspectos linguísticos em legendas, expressões idiomáticas e jogos de palavras, mas também aspectos culturais, incorporados às falas dos personagens, ligados às marcas de oralidade. A autora aponta a relevância da proposta para o aperfeiçoamento da produção textual, bem como para a formação de um futuro professor de LE.

No quarto capítulo, Valdecy de Oliveira Pontes e Lyvia Lea de Oliveira Pereira comentam sobre a aproximação entre os Estudos da Tradução e a Sociolinguística ao discorrerem a respeito da variação linguística presente na atividade tradutória. Os autores encarregaram-se de trabalhar o gênero textual/discursivo peça teatral com alunos do curso de Letras/Espanhol. No decorrer da pesquisa, os discentes evoluem no processo de tradução, adequando o texto ao público-alvo e destacando o uso das formas de tratamento dos personagens da peça traduzida, o que proporciona uma reflexão epilinguística aos participantes.

Os alunos surdos do curso Letras/Libras, que têm a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua, são os integrantes da pesquisa de Marcus Weydson Pinheiro e Tito Lívio Cruz Romão, no quinto capítulo. Na proposta, a tradução é utilizada como ferramenta para a compreensão leitora de um artigo acadêmico escrito em Língua Portuguesa (LP), a qual, para os participantes, é LE. Os estudantes realizaram análise textual pré-translativa, em seguida, acessaram o texto em LP e em Libras para então responderem a um questionário-entrevista em LP. Os resultados apontam que a realização desse tipo de análise do texto em LE traz benefícios para a compreensão leitora de sujeitos surdos.

No sexto capítulo, Sinara de Oliveira Branco apresenta três atividades de tradução que foram realizadas numa sala de aula de língua inglesa com alunos do Ensino Médio, sugerindo exercícios tradutórios em que o planejamento e execução possam acontecer paralelamente às aulas. A autora considera que as atividades sugeridas contemplam as categorias de tradução interlingual e

intersemiótica (JAKOBSON, 1998 [2000]), e, ao perceber o interesse dos discentes em participar das atividades de forma ativa, conclui que a tradução pode ser utilizada como ferramenta de ensino de uma LE.

No sétimo capítulo, Ana Paula de Carvalho Demétrio compartilha algumas das suas impressões a respeito de um estudo-piloto realizado com discentes do curso de Letras/Espanhol. A autora utiliza a ferramenta *Google Drive* para investigar a prática tradutória colaborativa em uma produção textual do gênero textual/discursivo notícia *on-line*. Antes da atividade, os alunos foram apresentados aos conceitos da aprendizagem cooperativa intermediada pela abordagem funcionalista da tradução para então iniciarem os exercícios de tradução propostos. Demétrio considera que sua pesquisa promoveu um conhecimento de recursos digitais por parte dos participantes, o que proporcionou uma reflexão a respeito do papel da tradução no processo de aprendizagem de LE.

Maria José Laiño inicia o oitavo capítulo comentando sobre o papel docente no ensino de LE. A autora apresenta exemplos da tradução pedagógica utilizada no ensino de língua espanhola com alunos do curso de Letras/Português e Letras/Espanhol. Os gêneros textuais/discursivos explorados são a tirinha e a publicidade, sobre os quais os estudantes precisaram pesquisar, sendo, assim, incentivados a discutir suas escolhas tradutórias. Laiño destaca que os discentes se tornaram autores de um novo texto durante o processo de tradução, ao mesmo tempo que desenvolveram habilidades como alunos/tradutores.

No penúltimo e nono trabalho, Mirella Nunes Giracca descreve o processo de retextualização de reportagens para relatos pessoais, realizado com alunos do curso de Letras/Espanhol. Giracca desenvolveu sua pesquisa com um tema ligado à cultura brasileira para que os alunos precisassem considerar o perfil de seus leitores no Texto Alvo, buscando, assim, explicar os culturemas presentes no texto. A autora analisou a produção escrita dos participantes e destacou que houve um aprimoramento das produções textuais de seus alunos e que a tradução trouxe dinamicidade à sala de aula.

No décimo e último capítulo, Silvana Ayub Polchlopek e Flávia Azevedo refletem sobre como a abordagem funcionalista da tradução alterou as perspectivas a respeito da utilização da tradução no ensino de LE. As autoras analisam os resultados de uma pesquisa desenvolvida com alunos de Letras no decorrer de um semestre letivo. Na primeira mostra da pesquisa, constatou-se uma imaturidade na percepção do que é a tradução e de qual é o seu papel, sendo a prática ligada a concepções tradicionalistas. Na comparação com as respostas no final do semestre, percebeu-se que o contato com a teoria funcionalista

ampliou a consciência de que a prática docente e o aprendizado de LE podem ser enriquecidos com a utilização da tradução.

Esta resenha propôs apresentar resumos dos trabalhos de pesquisadores que se desafiaram a utilizar a tradução como ferramenta para o ensino e aprendizagem de LE sob a perspectiva da abordagem funcionalista. Destacou-se aqui a relevância do professor/pesquisador para a produção e ampliação de conhecimentos, pois tais profissionais fornecem fontes de pesquisa de valor inestimável aos Estudos da Tradução e nivelam caminhos a serem percorridos por outros professores que também podem vir a se tornar pesquisadores e multiplicadores na aplicação das metodologias explanadas na publicação. De todo modo, a teoria funcionalista da tradução aplicada ao ensino de LE, que foi brilhantemente abordada em cada trabalho, deixa evidente o rico papel que a tradução pode desempenhar dentro de uma sala de aula. A publicação descreve e explica atividades que podem servir de base para que professores a possam utilizar para o desenvolvimento de suas práticas docentes, alargando os entendimentos a respeito da tradução aplicada à aquisição e aprendizagem de LE.

REFERÊNCIAS

120

JAKOBSON, Roman. On linguistic aspects of translation. *In*: Venuti, Lawrence (org.). **The translation studies reader**. Routledge: London, 2000. p. 113-118.

SALDANHA, Camila Teixeira *et al.* **Proposta de Sequência Didática (SD) como processo tradutório: os movimentos modulares no processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira**. Tese de Doutorado em Estudos da Tradução - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

SALDANHA, Camila Teixeira; LAIÑO, Maria José; MELO, Noemi Teles; PONTES, Valdecy de Oliveira. **Tradução funcionalista no Brasil: perspectivas teóricas e aplicadas ao ensino de línguas**. Curitiba: CRV, 2020. 158 p.

Data de envio: 25/10/2021

Data de aprovação: 06/12/2021

Data de publicação: 16/02/2022